

RUI MOURÃO

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

organizadora

6

ENCONTRO
COM ESCRITORES
MINEIROS

RUI MOURÃO

2004

RUI MOURÃO

HAYDÉE RIBEIRO COELHO
ORGANIZADORA

6

E N C O N T R O
C O M E S C R I T O R E S
M I N E I R O S

2004

FALE/UFMG

© 2004, Rui Mourão
Haydée Ribeiro Coelho

COLEÇÃO ENCONTRO COM ESCRITORES MINEIROS/6

Coordenadora: HAYDÉE RIBEIRO COELHO
Projeto gráfico e capa: Beatriz Amaral
Foto capa: Eugênio Gurgel
Editoração: Alda e Marco Antônio Durães
Transcrição de depoimento e seleção de material bibliográfico:
Haydée Ribeiro Coelho
Revisão: Haydée Ribeiro Coelho
Impressão: O Lutador

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias da FALE/UFMG

M929 Rui Mourão / Haydée Ribeiro Coelho, organizadora. – Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2004.
170 p. : il., fot. – (Encontro com escritores mineiros; v. 6)

Inclui bibliografia

ISBN: 85-87470-58-2

1. Mourão, Rui, 1929-- -- Bibliografia. 2. Mourão, Rui, 1929--
-- Conhecimentos -- Crítica. I. Coelho, Haydée Ribeiro.

CDD : 8869.341

Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627
31270-901 - Belo Horizonte - MG
Fone: (31) 3499-6007 / Fax: (31) 3499-5120

Para Elza do Couto Mourão e Rui Mourão

Este livro é uma publicação do Projeto Integrado de Pesquisa *Acervo de Escritores Mineiros*, desenvolvido com o apoio do CNPq, da Diretoria e da Câmara de Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG.

Todos os direitos reservados, nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

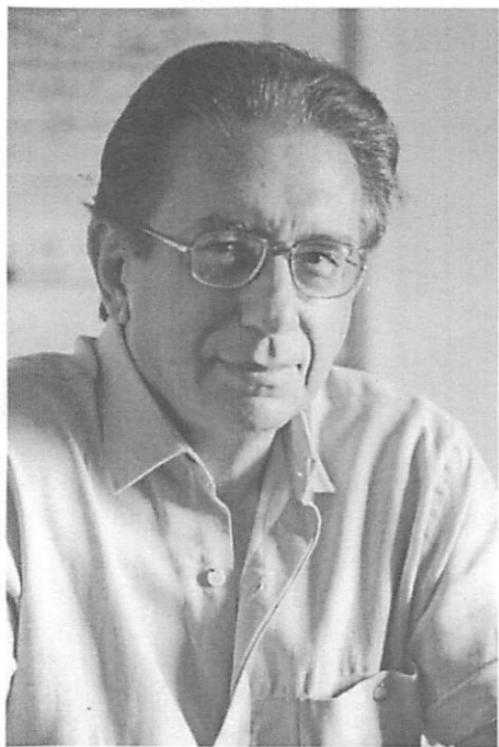
Agradeço à colaboração generosa, permanente e imprescindível de Elza Couto Mourão e Rui Mourão. Agradeço também às professoras Eliana Amarante de Mendonça Mendes (Diretora da Faculdade de Letras), Veronika Benn-Ibler (Vice-Diretora da Faculdade de Letras) e Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (Coordenadora da Câmara de Pesquisa) pela ajuda institucional e amiga, à Myriam de Araújo Ávila pela colaboração amiga e solidária, a Alda Lopes Durães Ribeiro e Marco Antônio Durães Ribeiro pela digitação cuidadosa e paciente e a Paula Ribeiro Coelho pelo trabalho compartilhado.

SUMÁRIO

O UNIVERSO FICCIONAL, ENSAÍSTICO E CULTURAL DE RUI MOURÃO	
Haydée Ribeiro Coelho	15
DEPOIMENTO	
Rui Mourão	27
CRONOLOGIA	65
BIBLIOGRAFIA DE RUI MOURÃO	79
BIBLIOGRAFIA SOBRE RUI MOURÃO	99
RUI MOURÃO E A CRÍTICA	117

**Um romance não é o que o autor pensa,
são as palavras que ele escreve.**

Rui Mourão



Rui Mourão, 1991

Do arquivo pessoal do escritor

O UNIVERSO FICCIONAL, ENSAÍSTICO E CULTURAL DE RUI MOURÃO

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

O escritor Rui Mourão percorre, por meandros vários, o caminho da crítica, da ficção e da cultura, assumindo com responsabilidade, ética, amor e dedicação o papel do intelectual, “ajudando a criar as condições sociais para a produção coletiva de utopias reais”.¹

Em 1950, no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, na coluna da escritora Dinah Silveira de Queiroz, Rui Mourão, ainda muito jovem, publica seu primeiro texto de crítica literária. Trata-se de um estudo sobre *Sagarana*, de Guimarães Rosa.²

¹ SAID, Edward. O papel público de escritores e intelectuais. In: SAID, Edward W. *Cultura e política*. Org. Emir Sader. Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 37

² Letras mineiras: Rui Mourão. Entrevista concedida a *Gazeta. Gazeta*, São Paulo, 6 fev. 1956. Cf. também a Cronologia do autor.

O compromisso com o coletivo, com sua cultura, com a inserção de Minas Gerais no contexto literário nacional já se encontra impresso na revista *Vocação* da qual participa como um de seus membros, conforme se constata em seu primeiro número:

Animados pelo movimento de renovação de valores que ora se vem verificando em todos os quadrantes do Brasil com o aparecimento de jornais e revistas literárias organizados por jovens escritores, e desejosos de suprir a grave lacuna da inexistência em Minas de uma publicação estritamente dedicada à literatura, iniciamos esta revista.

Apesar do nosso espírito “novo” de luta e trabalho, não nos cingiremos a uma colaboração sistemática, antes procuraremos mantê-la eclética sem dele fugirmos, entretanto.³

Para essa publicação, o autor colabora com os seguintes títulos: “Três problemas da ficção nacional” (1957), “A fundação do mundo imaginário” (1958) e “A implantação do ficcionismo” (1962). Ressalte-se ainda um capítulo de romance (1960).

Em 1957, funda a revista *Tendência*, junto com o poeta Affonso Ávila e o crítico Fábio Lucas, companheiros de *Vocação*. Em 1960, assume a direção da revista *Tendência*. A atividade ensaística do escritor é muito intensa. Ao longo de sua vida intelectual, escreveu vários artigos em jornais, periódicos especializados, capítulos de livro no âmbito nacional e estrangeiro sobre literatura, sobre acervo, sobre arquivo, sobre museu e casas históricas. Realizou várias resenhas para publicações nacionais e internacionais.

O livro *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*, publicado em 1969, representa um marco teórico fundamental para a compreensão do texto literário de Graciliano Ramos, conforme se pode observar nos textos críticos de Fábio Lucas, Oswaldino Marques, Silviano Santiago, Nelly Novaes Coelho, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo,

³ *Vocação*. Revista Bimestral de Novos, Belo Horizonte: Affonso Ávila et al, 1951. Bimestral.

José Carlos Garbuglio e Wander Melo Miranda, dentre outros. No momento em que escreve *Estruturas*, Rui Mourão constata a volumosa bibliografia existente sobre Graciliano Ramos. No entanto, a crítica sobre o autor alagoano prescindia de um *close reading*,⁴ o que o levou à análise de *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*. A reedição de 2003 inclui dois novos capítulos, conforme nota do autor.

O escritor, por sua atuação na área cultural, recebeu várias condecorações: medalha da Inconfidência, grau Insígnia (1958) e medalha de Honra (1998, do governo do Estado de Minas Gerais); medalha do Sesquicentenário da Independência (1972); medalha do Aleijadinho, da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (1981); medalha comemorativa dos 75 anos do Museu Nacional de Belas Artes (1983); placa de reconhecimento por serviços prestados, do Regimento Ipiranga (1985); troféu Os Melhores de 1985, setor Cultura (1986); medalha da Ordem do Mérito Diamantinense, no ano do sesquicentenário da cidade (1988) e título de Cidadão Honorário de Ouro Preto (2002), dentre outras homenagens.

No âmbito universitário, Rui Mourão ocupou, interinamente, o cargo de Coordenador do Instituto Central de Letras da Universidade de Brasília (1964); lecionou na Tulane University em New Orleans (1966), na University of Houston (1967) e na Stanford University (1968), na condição de professor visitante.

Exerceu, e ainda exerce, várias atividades editoriais. Foi editor do Suplemento Literário do *Minas Gerais*,⁵ substituindo Murilo Rubião. Organizou ali edições especiais. Atualmente, edita *Isto é Inconfidência*, Boletim Informativo do “Museu da Inconfidência”.

⁴ MOURÃO, Rui. *Estruturas*. Cf. MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. Belo Horizonte: Tendência, 1969; 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC-Arquivo, 1971; 3ª ed. Curitiba: UFPR, 2003.

⁵ É importante ressaltar que o Suplemento se abriu para a literatura e a arte, de modo geral, acolhendo poesia, ensaio, ficção, crítica literária, artes plásticas e música. Com periodicidade semanal, surgiu ligado a uma publicação do governo, o *Minas Gerais*. No entanto, mantinha uma postura crítica, sem subserviência ao militarismo dominante, depois do golpe de 1964.

A produção literária de Rui Mourão é bem extensa e complexa, resultando numa bibliografia crítica sobre sua obra, realizada no Brasil e no exterior. Em seus romances, há um trabalho laborioso com a técnica narrativa e grande parte deles ocorre nos espaços de Minas. No entanto, o escritor não se restringe ao local, pois a condição humana e seus conflitos constituem o alvo principal do seu interesse. Além disso, o último romance – *Invasões no Carrossel* – percorre outros espaços e tempos do Brasil, unidos por diferentes vozes do passado e do presente. Acompanhar a trajetória do romancista torna-se um imperativo.

Com *As Raízes*, Rui Mourão ganha o Prêmio Cidade de Belo Horizonte (1955). Nesse romance, o escritor focaliza o mundo interior do personagem Hélio. Com base nesse texto, o crítico Brito Broca situou o romance do autor mineiro na “confluência de Cornélio Pena e Lúcio Cardoso e sob o signo de Julien Green”.⁶ Sendo entrevistado pela professora e crítica literária Maria Luiza Ramos, a propósito do movimento literário em Minas, na época em que publica *As Raízes*, Rui Mourão afirma:

Apesar das emigrações que periodicamente se verificam, de escritores que partem à procura de centros de maiores possibilidades materiais, o nosso Estado continua a se contar entre as províncias que mais têm contribuído para a renovação das letras brasileiras. O mineiro, de um modo geral, trabalha. Este ano, tivemos a publicação de obras importantes, como *Poesias*, de Alphonsus de Guimarães, *Verdades Indiscretas* de Antônio Tôrres, *Páginas Críticas*, de Eduardo Frieiro, *O Signo e Outros Poemas*, de Laís Corrêa de Araújo, *Capítulos da Sociologia Brasileira*, de João Dornas Filho, *Convívio Poético*, de Henriqueta Lisboa, além de outros, e estréias expressivas, como a de Heitor Martins, Moacyr Laterza e Eloy Silveira Reis. Não pode ficar sem registro, também, o aparecimento da Editora Itatiaia, que já vai desenvolvendo grande

⁶ BROCA, Brito. *As raízes*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1956.

atividade e surgiu em condições que, parece, lhe garantirão permanência.⁷

A propósito do livro *Curral dos Crucificados* (publicado em 1971), Rui Mourão, em entrevista concedida a Luis Márcio Viana, esclarece a motivação da escrita de seu segundo romance. Dentre outros aspectos, destaque-se:

La técnica del montaje, que convenía ser utilizada, permitiría ir más allá en la ambición de expresar un cuadro complejo y dinámico, a través de la exploración sistemática de la elipse y de la llamada apertura caracterizada por Umberto Eco.⁸

O poeta e crítico Affonso Ávila, ao comentar o romance do companheiro de *Vocação e Tendência*, observa a composição armada sobre andaimes metafóricos, mostrando que

há todo um liame histórico e semântico entre a cidade moderna, seu nome colonial e o sentido que o autor quis dar mais a seu livro do que ao simples título do romance, *Curral del-Rei*, reduto para contagem e redistribuição do gado que descia da Bahia para abastecer a zona de mineração. *Curral dos Crucificados*, parada forçada das levas de retirantes nordestinos, de “baianos”, vindos pelos mesmos atalhos do São Francisco ou de Montes Claros, em demanda das fazendas e indústrias do Sul.⁹

Em *Cidade Calabouço* (1973), visualidade, polifonia, o cômico e o sério coexistem nessa narrativa, cujo calabouço traz o “eu” e

⁷ Retrospecto de 1955. Entrevista de Rui Mourão concedida a Maria Luiza Ramos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 jan. 1956. *Jornal Literário*.

⁸ Entrevista com Rui Mourão, concedida a Luis Márcio Viana. Trad. Pedro Simon Salvador. *Nueva narrativa hispanoamericana*. Nueva York, v. 3, n. 1, jan. 1973, p. 142.

⁹ ÁVILA, Affonso. Realidade e metáfora num discurso ficcional. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 165-166, mar. 1971.

suas máscaras. Durante o carnaval, a entrada em cena de uma família de nordestinos castigados pela seca desencadeia um processo conflituoso do qual os fantasiados “escapuliam com mais afinco, arrastando a consciência culposa de haverem sido surpreendidos pior do que nus”.¹⁰

Vida e morte, orgia carnavalesca e espetáculo fúnebre, paganismo e cristianismo mesclam-se. Nesse romance, o leitor é conduzido para o espaço da rua. Tornando-se espectador do livro, assiste ao sacrifício do retirante:

Atirando o fragmento de madeira para o lado, o retirante pôs-se de pé, fez pelo sinal. Foi se aproximando de Dionísio. Este, ligeiro, agarrou da cintura uma comprida pontiaguda faca rebrilhante. Acabado de se aproximar, o retirante abriu os braços crucificados, Dionísio atingiu-o bem no centro do tórax.¹¹

Conforme Laís Corrêa de Araújo, *Cidade Calabouço* “capta o sentido da existência através da amostragem da permanente prática de ritos e cerimônias sacralizados com que o homem esconde e justifica o caos interior e exterior em que se debate”.¹² Na opinião de Fábio Lucas, o romance está fadado

a ser uma narrativa marcante, quer na evolução literária do romancista Rui Mourão, quer no conjunto de obras dos seus contemporâneos. A realização formal que ela apresenta testemunha longa e lenta caminhada em busca do domínio de uma linguagem adequada ao exercício de intensa atividade criadora. O texto expande-se num espaço literário de mil sortilégios.¹³

¹⁰ MOURÃO, Rui. *Cidade Calabouço*. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1978. p. 54.

¹¹ Idem, p. 107.

¹² ARAÚJO, Laís Corrêa. Rito do caos. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 fev. 1974. Suplemento Literário, p. 10.

¹³ LUCAS, Fábio. Tensão e inércia em *Cidade Calabouço*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 8.

Jardim Pagão (1979) parte da noção de paraíso depreendida do livro *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda. Explicitando essa imagem em sua obra, o autor de *As Raízes*, afirma: “O paraíso, para nós sul-americanos, é feito de riqueza mundana e beatitude celeste, oferecidos sem reclamar labor maior, como dom gratuito”.¹⁴ Ângelo, o protagonista do romance “alerta o povo sobre a necessidade de prosseguir na busca do Paraíso”. O histórico e o espiritual, vivenciados pelos renascentistas, na busca do paraíso, aparecem atualizados no contexto histórico do Brasil e de Belo Horizonte.

Comentando *Jardim Pagão*, Fritz Teixeira de Salles observa como Rui Mourão criou uma alegoria barroca, revelando, ao nível ficcional, problemas como: “o messianismo, a fermentação cultural do mito (ou dos vários mitos) no íntimo das camadas populares que reagem sempre de forma mitificada”.¹⁵ O crítico observa também que “a partir da publicação de *Curral dos Crucificados* (1971), Rui Mourão tem-se caracterizado pela consciência formal aliada à preocupação com os grandes temas de nossa época. Apresentando traços vivos de um barroquismo atualizado, é o romancista das multidões, autor que, no espetáculo humano em si mesmo, encontra o manancial de sua realização. Seu personagem é um só: o coletivo”.¹⁶

Em *Monólogo do Escorpião* (1983), Rui Mourão mostra uma parcela da juventude que está completamente desorientada, afundada no consumo de drogas. Nesse contexto, não há lugar nem para o ético e nem mesmo para o político. A vida humana se torna uma disputa vazia, objeto de sacrifício inútil. O caos e a desordem social provocados pelos jovens de classe média, de Belo Horizonte ou de qualquer lugar, testemunham a falta de esperança e de utopia.

¹⁴ Rui Mourão e a estratégia de envolver o leitor. Entrevista concedida a Miriam Chrystus. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 11 a 17 nov. 1979.

¹⁵ SALES, Fritz Teixeira de. *Jardim Pagão: cinema ou ficção*. *Estado de Minas*, 20 nov. 1979.

¹⁶ *Idem*.

Com *Boca de Chafariz* (1991), o romancista é contemplado com o Troféu Francisco Igreja, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, como o melhor romance do ano. Em 1994, pela publicação, o escritor é agraciado com o reconhecimento especial do Premio Pegaso de Literatura Latinoamérica, do Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLAC), Colômbia.

A organização textual do romance, além de contar com o plurilingüismo, é marcada pelo enfoque dado a Ouro Preto em três momentos bastante significativos: o da destruição ocasionada pelas chuvas de 1979, o da estiagem e o do reconhecimento de Ouro Preto como patrimônio cultural da humanidade. Durante esses tempos, as vozes do passado, relacionadas à História de Ouro Preto, interpretam o presente e, aquelas do presente iluminam o passado”.¹⁷

Servidão em Família (1996) ocorre no espaço privado. A partir do casarão da rua Conde de Linhares, em um bairro nobre de Belo Horizonte, o leitor assiste ao desmoronamento da família que culmina, de forma trágica, com o suicídio de Guilhermina, casada com o empresário Saulo Ramos. O espaço do luxo e da riqueza estabelece comunicação com outros espaços semelhantes a ele, mas também diferentes e antagônicos.

A abordagem de múltiplos conflitos traz à baila a degradação que alcança várias classes sociais em que o econômico acaba por comandar, sob diversas maneiras, a vida humana.

A tensão entre o literário e o histórico continua em permanente diálogo na obra do escritor. *Invasões no Carrossel* (2001) tem início com a fala de Lamarca, “ex-capitão do Exército Brasileiro, confirmado capitão do povo, comandante de guerrilha”.¹⁸ Seu discurso, dramatizado no presente da enunciação, ressuscita uma trajetória e um destino singulares

¹⁷ Cf. COELHO, Haydée Ribeiro. *Boca de Chafariz: uma escrita múltipla do tempo*. *Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 170, out. 1993.

¹⁸ MOURÃO, Rui. *Invasões no Carrossel*. São Paulo: Mandarin, 2001. p. 7.

relacionados ao Brasil dos anos 60 e 70, cujos fios se associam à década de 90, por meio de um emaranhado de histórias individuais e coletivas. Tensões e conflitos formam redes comunicativas entre o privado e o público.

Sempre voltado para a cultura, além de ter produzido uma volumosa e importante ficção, com reconhecimento nacional e internacional; de exercer, com talento, a crítica literária; de realizar várias e significativas atividades editoriais, Rui Mourão se dedicou ao resgate da memória da cultura de Minas, como se constata em seu livro sobre Franz Kurt Lange, musicólogo alemão que, mais tarde, como cidadão uruguaio, passou a se chamar Francisco Curt Lange.

Em seu estudo detalhado e criterioso, Rui Mourão esclarece o papel do musicólogo para a história da música brasileira, revisitando os trabalhos já existentes, incluindo aqueles de Mário de Andrade. O escritor mineiro demonstra como a pesquisa de Curt Lange foi fundamental para a comprovação da existência de música, de altíssimo nível, em Minas Gerais no século XVIII. A propósito desse aspecto, veja-se o trecho:

Em meio a referências consagradoras da imprensa, Francisco Curt Lange recebeu, em 1989, o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Minas Gerais. Negar a contribuição dele, a esta altura, não é mais possível. A sua obra já foi incorporada pela história da cultura, onde ela aparece em absoluto destaque, como acontecimento dos mais raros no processo de evolução social de um povo: o resgate de nada menos de um século de trabalho criador que permanecia ignorado. Além de oferecer nova perspectiva para a compreensão do fenômeno musical no Brasil, o conhecimento dos compositores sacros veio estabelecer o equilíbrio que faltava entre as manifestações artísticas de Minas Gerais no período do ciclo do ouro. No momento em que o francês Germin Bazin contribuía para o estudo e a divulgação internacional da escultura, da talha e da arquitetura setecentista e o português Manoel Rodrigues Lapa, com poucos anos de defasagem, desenvolveria esforço semelhante na área dos poetas da chamada Escola Mineira, Francisco Curt Lange,

trabalhando num terreno que a princípio parecia estéril, chegou a resultados incomparavelmente superiores.¹⁹

Em relação ao patrimônio público, no âmbito administrativo, em 1970, Rui Mourão foi Diretor executivo da Fundação de Arte de Ouro Preto. Em 1973, chefe da Divisão de Assuntos Culturais da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Em 1974, assumiu a Diretoria do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto. Em 1975, é nomeado membro do Conselho Estadual de Cultura. Em 1978, passa a acumular os cargos de diretor do Museu da Inconfidência e de coordenador do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais e, em 1982, também de coordenador do Programa Nacional de Museus.

Refletindo criticamente sobre a concepção museológica no país, escreveu artigos e livros sobre o assunto. Dentre eles, citem-se: *Museu da Inconfidência* (1984) que reúne textos do romancista e do intelectual Francisco Iglésias; *Museu da Inconfidência* (nova versão), com vários colaboradores, (1995) e *A Nova Realidade do Museu* (1994).

Em entrevista a Carlos Herculano Lopes, Rui Mourão faz comentários sobre a conciliação entre a atividade de ficcionista e a de administrador cultural, mostrando que os tempos da cultura são confluentes:

Acredito que o escritor não tenha, ao assumir outros compromissos, nem sequer dissipado seu tempo. Os campos da cultura são sempre confluentes. A minha atuação na área do patrimônio, por exemplo, foi decisiva para o amadurecimento e enriquecimento do escritor. Se o meu caminho tivesse sido diferente, jamais teria produzido um romance como *Boca de Chafariz*, que a crítica considera como o mais elevado de minha carreira.²⁰

¹⁹ MOURÃO, Rui. *O alemão que descobriu a América*. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília: INL, 1990. p. 51.

²⁰ MOURÃO, Rui. Rui Mourão, em seu novo livro, traça um importante paralelo entre os romances e a história. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1995.

Manejando tantas atividades confluentes, Rui Mourão traz, para seus diversos textos, inquietações sobre temas humanos da História e das histórias. Intelectual de muitas facetas, sempre refletiu sobre Minas e o Brasil, zelando pelo patrimônio público e pela memória de seu país. Nesse sentido, todas suas atividades devem ser focalizadas nessa confluência de saberes e de prática cultural que se torna prática política.

Belo Horizonte, abril de 2004

DEPOIMENTO

RUI MOURÃO

NASCE O ESCRITOR

Estaria o menino assistindo ao nascimento da vocação literária quando, nos profundos, dilatados, sonhadores serões de inverno ou verão em Bambuí, substituindo os pais que haviam escapado para uma visita ou uma sessão de cinema, tia Clara vinha encantar a mim e a meus irmãos com o fabulário de “Joãozinho e Maria”, a “Menina da Figueira” ou as “Aventuras de Pedro Belazarte”? A voz mansa e carinhosa magnetizava atenções que sobreviviam só olhos e ouvidos, enquanto quase insensivelmente bocas se aplicavam à tarefa de devorar pés-de-moleque, amêndoas glaçadas, pipoca ainda quente, acabada de fazer.

Os livros já eram do meu conhecimento. A eles eu havia sido apresentado no Grupo Escolar José Alzamora. Talvez porque me houvessem impressionado os volumes em cores vivas, com desenho de crianças na capa, ou porque começava àquela altura a me revelar como um grande ambicioso, logo imaginei que seria bom produzir um objeto semelhante,

capaz de interessar tanto a professora quanto os colegas. Ao ver minha tia trabalhando na construção do nosso momento de magia, assentados todos à mesa na sala, com mais objetividade estruturava aquele projeto. Descobria a maneira mais fácil de levá-lo adiante. Ao invés de continuar pensando em compor um volume de minha autoria, com narrativas semelhantes às de Paulo que “tinha a bola” ou Ivo que “via a uva”, seria mais vantajoso passar para o papel as estórias aprendidas mesmo incompletamente naquelas noites espiritualizadas e publicá-las, com o meu nome na capa, num volume tão bonito como os que levava na pasta, para gaguejar na leitura de sala, na presença de dona Miquita.

O interesse, como se vê, não era o de procurar exprimir o mundo através de uma linguagem. Era chamar atenção sobre mim. Hoje penso que, se houvessem chegado a resultado positivo pretensões ainda mais arrojadas – a de me fazer inventor do moto-contínuo e de outros engenhos de igual significação para a humanidade, que tornavam fáceis os vaticínios da família, enxergando em mim futuro engenheiro – talvez sem muito o que lamentar, as letras nacionais teriam ficado privadas da contribuição de um servidor incansável. A volubilidade inconseqüente de que me achava possuído contribuía para que fosse exposta a ingenuidade do menino pelos mais diversos campos de atividade. Sonhei em me tornar maquinista para arrastar uma composição de vagões de tamanho nunca visto, máquina dilacerando apito e soltando fagulhas dentro da noite, badalando alegria na chegada às estações. Pensei em me fazer motorista de caminhão para percorrer o Brasil de norte a sul, município por município, utilizando estradas que acreditava existentes. Por último, cheguei a me supor possuidor de poder muscular descomunal. Se decidisse arremessar para o ar uma pedra sem receio de utilizar toda a minha força, ela atingiria alturas tão culminantes que jamais retornaria à terra.

Não posso, entretanto, deixar de admitir a presença de certa tradição literária pesando no meu costado. Médico intuitivo apoiado no *Chernoviz*, rábula e professor rural, quando o lugar, no seu primitivismo original, carecia desses profissionais, o avô paterno foi leitor contumaz de Machado de Assis. Eu o conheci aposentado, estirado o dia inteiro na rede, entregue de tempo integral aos livros, à prática relaxante de rachar

pauzinhos a canivete, e à atividade de conceituado charadista. Meu pai, Benjamin Mourão, carregaria a mágoa de lhe haver faltado condições econômicas para seguir o exemplo de companheiros que deixavam a cidade para estudar, naquele tempo em Ouro Preto. Compensou suas deficiências com leituras que lhe garantiram conhecimentos gerais e uma escrita eficiente como a de qualquer doutor.

Devo o meu nome à sua admiração por Ruy Barbosa, a respeito de quem o ouvir dizer: “Um homem desses não poderia morrer. Deveria ficar como exemplo para as gerações”. Eu estava destinado a ser xará completo – Rui Barbosa – mas como antes do batizado me apresentasse doentinho, houve interferência de comadres que observaram, o que se passava era castigo, por não haver ainda nome de santo na família. Feliz com a chegada do pimpolho, que desejava ver protegido das brabezas do Céu, meu pai assentiu na modificação: passei a me chamar José Rui, para desafogo de minha mãe, que respirou aliviada. Mais livros que encontrei em casa foram de Machado de Assis, claro, de Marden, de apoio para reequilíbrio psicológico e de divulgação da doutrina de Allan Kardec, os desse último caso metidos no armário do criado mudo, junto à cama do casal, conservados longe da curiosidade dos meninos.

A falta de planejamento de um tio levou-o ao despropósito de abrir livraria abastecida naquele sertão. Se o empreendimento não logrou conseqüências econômicas favoráveis, propagou de tal maneira o hábito de leitura por uma descendência de dezesseis filhos que a marca de intelectual aplicada a uma facção do clã, estendida até nós, se consolidaria de maneira definitiva como patrimônio que para o futuro não seria desfeito. José Elias Mourão – esse o nome do ousado comerciante – atravessava noites febris a devorar romances e, ao abraçar o espiritismo, descobriu-se psicógrafo de talento incomum. Seu intercâmbio fácil com o Além, manifestando-se de forma incontrolável, num momento de reflexão ponderada, que nele não era acontecimento muito freqüente, acabou por fazê-lo abandonar em definitivo aquela habilidade. O filho mais velho, J. Arimathéa Mourão, jornalista de repercussão regional, criou seguidores na arte da tipografia entre irmãos, primos e conterrâneos. Dispersa para atender às necessidades dos municípios vizinhos, essa descendência de

manipuladores de caracteres de chumbo terminaria com um representante desgarrado em Belo Horizonte, dominando a ciência dos computadores, depois de atravessar a fase da linotipia. Um tio-avô materno, general e grão-mestre da Maçonaria brasileira, adido militar na Alemanha e no Japão, Joaquim Maria Moreira Guimarães, publicou livros: *Diálogos Filosóficos* e *O Extremo Oriente, o Japão*.

Meu pacto definitivo com a literatura seria selado em Divinópolis, no Ginásio São Geraldo, por volta da terceira ou quarta série. Motivados pela leitura de antologias de autores nacionais na aula de Português, colegas exercitavam-se nos vários gêneros, compunham textos que passavam de mão em mão. Presenciava-se a verdadeiro esbanjamento de entusiasmos de predestinados. Altamiro Santos escrevia discursos para disputar prestígio no clube fechado da classe e para brilhar, voz altissonante, eloquência de “águia de Haia”, por ocasião de uma celebração qualquer. Braz Megale, talvez de um metro e sessenta de altura, franzino, cabelos muito ondeados partidos de lado, revelou-se o mais fecundo poeta parnasiano de que até hoje tive notícia. Sua produção causava espanto. Chegava diariamente com um ou dois sonetos, novinhos em folha, acabados de descer para o papel. Dicção fluente, rimas ricas, fechamento com chave de ouro. Despertava geral encantamento provocando, no tribuno, ciúme de olhares lascados. Tímido e reservado, sem agredir ninguém com a menor sombra de vaidade, o versejador deixava transparecer, no seu interior, a plácida alegria de quem acreditava estar construindo obra valiosa, que sem dúvida lhe asseguraria no futuro, com direito a retrato e biografia, lugar certo nos manuais para estudo nos colégios. Guardo comigo a convicção de que aquele colega predestinado, apesar da sua leveza e simplicidade como pessoa, convicto de que por ali não possuía competidor, com todo direito posicionava-se bem acima de nós. Ele estaria se confrontando era com os seres de exceção que nos encantavam, os poetas românticos, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, que haviam genialmente morrido na quadra dos vinte anos. Como a fragilidade física não constituía garantia de desfecho trágico e não havia a certeza de que a criação literária fosse atividade letal, no embalo de um sonho louco, Braz Megale resolveu tornar-se agente do próprio destino, ingerindo uma dose de formicida, que o matou.

De produção mantida em sigilo, eu estava sempre me apresentando, muito interessado, para ler a contribuição de cada um. Sentia-me ainda sem condições para competir com as celebridades consagradas. Na fase das descrições rústicas e dos diálogos artificiais, em que trabalhava temas diversos, às vezes imitando o “Estouro da Boiada” de Euclides da Cunha ou “os verdes mares bravios” de José de Alencar, dedicava-me à escrita de alongado romance policial, que não saberia dizer se chegou a ultrapassar os primeiros capítulos. Em São João del Rei, onde fui para iniciar no Colégio Santo Antônio o que hoje corresponde ao segundo ciclo, encontraria meios de angariar prestígio numa classe onde a criação literária não se achava instituída. Pude também me revelar como dialeta, fazendo a análise estrutural da sociedade capitalista em que vivíamos. Não sei como, só por informação e sem nunca ter tido acesso a qualquer material escrito, tornou-me adepto do Marxismo. Na cidade havia um vendedor de rua, dono de carrocinha de cachorro-quente, referido como o único comunista da cidade. Eu dizia comigo: “Somos dois, então”. Foi assim, deixando para trás a admiração de companheiros que acredito, nunca tenham chegado a escutar pela rádio recém criada, a leitura de um ou outro comentário de minha lavra, que pisaria o asfalto de Belo Horizonte.

A permanência em São João resultara impraticável. Com a morte do chefe em Divinópolis, a família buscara abrigo na companhia do avô materno – exceto o irmão mais velho, que cursava medicina em Belo Horizonte – mas a solução não acabaria sendo boa nem como saída estratégica para começar a reintegração na realidade. Minha mãe iria encontrar, debaixo da proteção do pai, uma irmã ainda mais desamparada do que ela. Tia Esmeralda, que se acreditou milionária ao receber expressiva indenização pela morte do marido em acidente no Rio de Janeiro, havia atravessado verdadeiro período de loucura, praticando durante meses toda sorte de desmandos com dinheiro, até não sobrar um único centavo que a ela e aos filhos pudesse valer. Com o nosso aparecimento, depois de vendida a casa de Divinópolis, ela imaginou que estivesse sendo aberta a possibilidade de novo e salvador festival de ganância. Reservando para a educação dos filhos o que herdara, a recém-chegada fora tolerante com as despesas da manutenção de todos durante quase dois anos. Ao perceber que

caminhava para inevitável catástrofe, porque na sua vontade de ajudar acabava continuamente sendo vencida pelas investidas até belicosas da irmã, resolveu, era tempo de tomar outro rumo.

Naquela época, só por motivo de doença se permitia a transferência de aluno no decorrer do ano letivo. Diante da perspectiva de ver prejudicada a continuidade do meu curso, procurei um médico, expliquei a situação, pedi ajuda. Honestamente ele recusou-se a assinar um atestado mentiroso. Considerando-me já sacrificado de maneira irremediável numa tentativa de desespero, tive a idéia de escrever ao presidente da República. A carta manuscrita, suponho que em papel pautado de caderno – possivelmente de sincera e eficiente argumentação graças ao meu relativo domínio do texto, disso não me lembro – teve o condão de originar processo burocrático que, depois de tramitar pelo Ministério da Educação e Saúde, veio bater na secretaria do Colégio Santo Antônio, autorizando a transferência.

Na capital do estado, ao completar o segundo ciclo e depois na Faculdade de Direito, eu me converteria em inveterado consumidor de suplementos literários. Começava também a entrar em contato mais sistemático com a literatura brasileira, particularmente a ficção. Orientando-me por livros de ensaio e crítica, acabei descobrindo o romance nordestino de 30, que lia em revezamento com autores do romantismo e do realismo, velhos conhecidos de nome e de biografia, mas com os quais, desde São João del Rei, graças ao apoio de bibliotecas públicas, pude conhecer íntima e extensamente. Certo dia, aconteceu ser-me apresentado o modernismo, com a informação de que se tratava da linguagem do meu tempo. Tomei definitivamente o partido dos novos autores. Compreendendo-os muito mal e por alto, fazia esforço para com eles me identificar.

Naquela época, em que minha mãe sacrificava o que fosse preciso para levar adiante o grande sonho do marido, de educar os filhos, certas particularidades de vida me diferenciavam dos colegas. Morando em porões e passando uma meia fome – na fase de chegada a Belo Horizonte, Edith Moreira Guimarães Mourão, filha de juiz de direito e sobrinha de general, teve que habitar casa de agregado de fazenda em área inteiramente rural, o então Barreiro de Cima –, passei por experiências diversificadas. Trabalhei a princípio em meio expediente, para freqüentar aulas pela manhã,

depois em tempo integral, passando a estudar à noite. No laboratório do Hospital Militar, na condição de ajudante do médico José Pellegrino, pesquisador de moléstia de Chagas, alimentei barbeiros que sugavam pombos às vezes até à morte por anemia e fiz grandes coleções do inseto, espetado por alfinete em papelões antes de receber classificação. Sob as ordens de Santiago Americano Freire, da cadeira de farmacologia da Universidade de Minas Gerais, sempre que escalado, auxiliava Silva Guimarães, otorrinolaringologista amigo do professor, recém chegado dos Estados Unidos, que se especializara em cirurgia para reconstituição de tímpanos. O profissional elegante, muito festejado pela crônica social, conduzia-me ao necrotério do Pronto Socorro, para a coleta do material indispensável ao treinamento que deveria fazer antes de receber o primeiro cliente. Separávamos do corpo cabeça de cadáver que, metida em balde, levávamos para o casarão da avenida Alfredo Balena. Amarrado a corda em cima de calha, o fragmento dos restos mortais do indigente seria trabalhado a escopro e martelo, e passaria semanas sendo recolhido à geladeira no final do expediente e dela saindo, na manhã do dia seguinte. Conheci por ali também o bedel Euclides, isolado em área pouco freqüentada, no beco entre o prédio e o muro, cozinhando cadáveres em agigantados tachos, na tarefa de descarnar esqueletos, para vendê-los a alunos de anatomia. Na esquina da rua Paracatu com Goitacases, com meu irmão mais novo, tomei conta de quitanda comprada por minha mãe. Levantávamos para estar às cinco da manhã no Mercado Municipal, de onde saíamos puxando o carro de rodas revestidas de pneus e grandes varais, lotado com a mercadoria das compras. Depois de passar por teste de datilografia roubado, graças à proteção do conterrâneo Odilon Lopes, filho do meu padrinho, me vi contratado para um programa de pesquisa de campo sobre vermes na área da capital – levantamento helmintológico, não esqueceria mais o nome – montado pela Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais. Catando milho na máquina o tempo todo, graças à benevolência de gordo chefe paternal que deve ter percebido, eu não passava de um estudante necessitado, pratiquei o suficiente para passar em concurso do Banco Mineiro da Produção, onde recebi algo que me conferiu a primeira distinção verdadeira, uma carteira de trabalho assinada.

Quando trabalhava com os barbeiros, estudei gratuitamente no Colégio Marconi, do qual era diretor o doutor Braz Pellegrino, pai de José Pellegrino. Chegou-se a cogitar de uma autorização para que eu passasse a dormir no prédio do estabelecimento, mas a mudança da minha mãe para Belo Horizonte acabou deixando o assunto no ar. Na universidade, pude me beneficiar de bolsa de estudo da Fundação Mendes Pimentel, concedida a alunos que, embora o curso fosse gratuito, tinham dificuldade para pagar a matrícula, comprar livros e apostilas. A essa altura, passei a sustentar praticamente sozinho a casa. Meu irmão mais velho, estudando medicina, com muitas atividades práticas em laboratórios, não podia trabalhar, e o mais novo ainda não havia conseguido nada de significativo em matéria de entrada de dinheiro. A sua contribuição eram as gorjetas recebidas dos hóspedes do Hotel Gontijo, onde funcionava como ascensorista.

Não me ligando a quase ninguém na Faculdade, participava de maneira precária do CAPL-Centro Acadêmico Pedro Lessa, por me faltar o dom da oratória. Também andava distante da política do diretório acadêmico, que considerava dominado por inconscientes burguesinhos da UDN-União Democrática Nacional. Em decisão que devo ter considerado uma descoberta, passei a usar o quadro de avisos do pátio, local de ajuntamento de alunos nos intervalos das aulas, para dar à publicidade fragmentos da minha produção criadora. Recordando os nossos tempos de iniciação literária, Fábio Lucas, em recente entrevista, caracterizaria essa prática da seguinte maneira: “Rui Mourão era aquele que afixava cartazes”.

Eu já tomara conhecimento de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos. Lia Machado de Assis, Dostoievsky e os romancistas franceses do século XIX. De mente razoavelmente aberta, que me permitiu admirar *Sagarana*, de Guimarães Rosa, obra editada cerca de cinco anos antes, que ignoro como tenha chegado às minhas mãos, escrevi sobre ele uma crítica – mais uma crônica – que enviei a Dinah Silveira de Queiroz, escritora de São Paulo, famosa pela autoria de romance muito em voga, *Floradas na Serra*, e cronista do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. Periodicamente o seu espaço se transformava numa “Página de novos”, acolhendo colaborações por ela selecionadas. No sábado previsível para o aparecimento do trabalho, comprei o jornal e tive

a decepção de nada encontrar. Lembro-me da humilhação que levei comigo para o meio de grande massa humana reunida à frente do Hotel Financial, aguardando a aparição de Getúlio Vargas, candidato ao retorno democrático ao governo do país, em 1950. Jornal pendente da mão, fechava-me com o meu fracasso pessoal. Só por alto participava da festa a desenrolar-se no exterior. Tempo decorrido, eu seria procurado na Faculdade pelo colega Fábio Lucas. Ele, Affonso Ávila e outros planejavam lançar uma revista de iniciantes nas letras e vinha convidar-me para me juntar ao grupo. Informou que havia lido o meu artigo na “Página de novos” da Dinah. Tomado de surpresa, não abri a boca. Meu desencanto com a experiência frustrada já era velho de três meses. Quando teria ocorrido essa minha exibição em letras de forma num dos jornais mais importantes da capital da República? Para me proteger, eu me colocara distante daquele assunto. Desinteressara-me inteiramente da página da Dinah. Ao ver Fábio Lucas se afastar, naquele dia, corri à vizinha Biblioteca Municipal, à rua da Bahia esquina de avenida Augusto de Lima, para consultar a coleção de jornais. Emocionei-me ao deparar com o meu nome em destaque na coluna. A publicação ocorrera exatamente no dia do comício de Getúlio na Afonso Pena.

A revista *Vocação*, que nos apresentou ao meio literário, abrindo-nos a possibilidade de colaboração em suplementos do maior prestígio, marcou a fase em que comecei a me considerar de fato um escritor. Travamos relação com jovens responsáveis por publicações semelhantes em outras capitais, nos relacionamos com autores de todas as idades, chegamos a participar, com passagem e estada paga pelo governo mineiro, de congresso nacional da classe, realizado em Porto Alegre, sob a presidência de Graciliano Ramos. O intercâmbio no amplo panorama que nos era aberto contribuiu decisivamente para ampliar a nossa visão de mundo. Mas fico sem saber se foi a intensa convivência com os amigos – as reiteradas reuniões, a permanente troca de idéias e impressões, os comentários sobre livros – que determinou o início do nosso amadurecimento. A geografia das nossas andanças ficou para sempre na memória: a sede da revista, escritório cedido depois do expediente pelo poeta comerciante Bueno de Rivera, a casa dos pais do Affonso Ávila, recuada no meio de grandes mangueiras maternas à rua Cristina, o passeio à porta da Livraria

Oscar Nicolai, na Afonso Pena, aguardando a chegada dos suplementos literários do Rio e de São Paulo. Eu publicava artigos sobre livros de ficção e escrevia estudos concentradamente sobre esse gênero, que sempre fora o da minha eleição. Desejando seguir a carreira de romancista, trabalhava incansavelmente na elaboração de novela que mais tarde seria publicada com o título de *As Raízes*. Talvez porque a ficção fosse o que me tocava mais fundo – sabia que com ela teria que resolver o meu destino – o esforço naquela direção era mantido por mim inteiramente secreto. Comentava com os companheiros os escritos destinados a jornais ou à *Vocação*, de maneira alguma a estória que arduamente tentava produzir.

Fui requisitado do Banco Mineiro da Produção, estabelecimento oficial, para servir como escriba no Palácio da Liberdade, junto ao escritor Cristiano Martins, secretário particular do governador Juscelino Kubitschek. Ali haviam acabado de chegar também Affonso e Fábio. Nessa função permaneceríamos no governo tampão de Clóvis Salgado, o vice que assumiu quando o titular foi ser candidato à Presidência da República, e no governo de José Francisco Bias Fortes, eleito para dar continuidade à linha política do PSD–Partido Social Democrático, que se mantinha no poder.

Cinco anos transcorridos, estávamos eu, Affonso e Fábio, às voltas com outro empreendimento editorial – a revista *Tendência* – órgão que iria se impor com força suficiente para passar à história das vanguardas, num período de grande efervescência cultural, encerrado com o golpe militar de 1964. Nesse ano, já vivendo fora de Belo Horizonte, eu lecionava Literatura Brasileira na Universidade de Brasília e me ocupava com dois trabalhos. Escrevia um ensaio sobre Graciliano Ramos e tentava encontrar rumo para um romance – *Curral dos Crucificados* – trabalhos que só ficariam concluídos no meu retorno dos Estados Unidos, onde fui continuar a carreira de professor, por ter ficado sem condições favoráveis no Brasil.

DISCIPLINA COMO PROGRAMA

A crítica e o ensaio, que durante certo tempo com grande determinação pratiquei, sempre estiveram relacionados com a atividade de

narrador. Eu investigava teoricamente o processo ficcional e procurava realizá-lo na prática. Nunca me senti em condições de proceder com espontaneidade, talvez por uma questão de idealismo, talvez por excesso de timidez. Imaginava que só valeria a pena produzir algo de fato importante e acreditava pouco nas minhas forças. Nunca me julguei com poderes demiurgos, nunca cheguei sequer a levar a sério a questão da inspiração. No meu entendimento, a criação intelectual resultava de trabalho, suor e obstinação – esforço balizado por continuada e crescente lucidez, fosse ela racional ou de outra natureza.

Sempre me senti capacitado para a crítica e o ensaio. O poder de observação e análise, servido por intuição que alimentava as potencialidades imaginativas, dava-me condições de trânsito por aqueles campos com razoável desenvoltura e segurança. Quando a reserva e o pudor me impediam de fazer referência ao texto ficcional em desenvolvimento, sem maiores preocupações me apresentava com artigos para discutir com os companheiros ou dar à divulgação. A explicação para esse comportamento em parte estava no fato de que tratar discursivamente da criação literária correspondia, para mim, a jogar verdadeira cartada. A atividade teórica e judicativa situava-se um tanto fora da minha pessoa. Nela, sem prejuízos maiores, me seria facultado cometer erros. O terreno em que só admitia jogar na certa era efetivamente de outra natureza. Verdade era que, nessa fase inicial, muita gente julgava que o sonho de me realizar como criador não passava de pretensão que acabaria abandonada.

A habilitação para a análise literária determinaria, sem dúvida nenhuma, o rumo a ser tomado no terreno criativo. O primeiro sinal disso talvez tenha sido a opção pela narrativa caudalosa. Nunca realizei um só conto, sendo que o caminho mais lógico para quem desejasse iniciar o aprendizado da linguagem ficcional fosse o de se apegar a uma composição limitada em páginas. Não cabe discutir aqui se o conto é de realização tão difícil – ou mais difícil – do que o romance, questão tornada lugar comum e um pouco fora de propósito, que mal trai certa insegurança de quem, desejando defender a sua posição pessoal, se perde em beco sem saída, ao pretender privilegiar um princípio de síntese curta sobre um princípio de síntese longa. Uma pessoa como eu, que possuía tanto receio de se expor,

fatalmente seria tentada a errar numa corrida de poucas pERNadas – uma tentativa de curto fôlego, menos comprometedora –, que não deixasse desprotegida a totalidade de uma proposta que eu temia, caso fosse desmoralizada, me conduziria ao colapso. Se apesar de tudo me aferrei à disposição de só pensar na obra extensa, pesou foi a minha tendência de acompanhar o desenvolvimento de um caso ou uma idéia nas suas múltiplas implicações, no seu continuado desdobramento, até um extremo de possibilidades. A ambição que invariavelmente persegui foi a de chegar a uma síntese da complexidade do viver do homem e não à síntese de um aspecto depurado desse viver, diante da qual a inteligência analítica é obrigada a ceder o passo à poesia.

Por todas essas razões, a elaboração de *As Raízes* se tornaria uma experiência desenvolvida em dois planos, o da investigação racional e o do exercício prático, objetivo – esse um tanto monitorado mas também bastante irracional, porque a minha preocupação de estar sempre apelando para a inteligência acabava sendo a garantia de que o instinto lógico do intérprete de técnicas, tradições ou hábitos do fazer cultural jamais consentiria em castrar o instinto ilógico do criador no campo da arte. Nadar aprende-se nadando. Os aconselhamentos técnicos são úteis e muito convenientes, merecem toda a atenção, mas eles devem ser considerados como vozes que chegam da borda da piscina quando o mergulho já foi feito. A preocupação deve ser verificar em que medida a experiência que estamos tendo pode se beneficiar com a experiência de muitos outros. No corpo a corpo da tentativa de desenvolver a novela, num primeiro momento, duas advertências me chegavam da borda da piscina. Eu precisava ter em mente que uma estória, sendo construção para ser entendida, não podia prescindir de uma estrutura que tivesse princípio, desenvolvimento e finalização. Impunha-se perseguir o desenvolvimento da expressividade da escrita, para uma eficiente comunicação com o leitor. Fiquei armado, dessa forma, de outra perspectiva para estudar a obra dos autores, principalmente os que mais me despertavam atenção, Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, William Faulkner, Ernest Hemingway. Os textos dessa gente passaram a ser lidos e relidos com a atenção voltada para a arquitetura do todo e concentração freqüente numa

única página, observando a maneira de utilização dos recursos do dizer. Comecei a perceber, o caminho para encontrar o que dizer e conseguir transmitir o que afinal tinha para ser dito só podia ser o de me esforçar para sentir fundamente cada segmento do que iria relatar. Descobria, assim, algo que para o futuro me chegaria de forma cada vez mais consciente. Era necessário aprender a ver em profundidade, subjetivamente, para evitar a percepção conformista, convencional. Ver a realidade constitui a tarefa mais difícil de ser alcançada. O comum é a pessoa supor que chegou a esse resultado quando dele muito longe na verdade se encontra. No momento em que o artista consegue ver a realidade, ele descobriu a sua linguagem.

A ambição de realizar o prodigioso acompanha qualquer processo de criação. Se alguém trabalha com a ficção, está sempre tentando superar suas experiências anteriores e, se possível, produzir a coisa nova, em termos de linguagem do seu tempo. A sustentação desse esforço de querer pisar adiante é que caracteriza o espírito de cada geração, se ela realmente vem para marcar presença. A vocação para se converter em ponta de lança é, a meu ver, da natureza mesma do criador intelectual. Vendo a que ponto chegara a procura da objetividade na obra de Ernest Hemingway, que eliminava ao máximo a contribuição do narrador, convertido numa espécie de anotador sem alma – embora aquilo não passasse de mero escamoteamento, porque a estória sempre seria uma invenção de quem a estivesse escrevendo – imaginei que poderia ser levada ainda mais adiante aquela pesquisa, realizando uma narrativa à base de blocos totalmente dramatizados, produzidos separadamente, que seriam posteriormente montados, para a articulação do sentido, como se procede na indústria cinematográfica. O narrador se converteria numa espécie de câmara fotográfica, para a produção das tomadas, ou seja, dos blocos, e reapareceria, numa segunda etapa, para promover a junção das partes criadas independentemente.

Num estádio mais avançado dessa experiência, surgiria o processo da montagem a violentar a própria estrutura lingüística. No caso, as palavras se libertariam da amarração lógica da frase, para se unirem também por justaposição. Como o relato se desenvolvia através de ações invariavelmente no presente, usei com abundância pares, às vezes tríades de gerúndios, que além de produzirem turbulência dentro do encadeado de

vocábulos gramaticalmente amarrados, enfatizavam o aspecto do dinamismo do texto. Tratamento semelhante era dado à adjetivação, cujo resultado seria verdadeiro dissecar de sutis percepções, acabando por levantar uma espécie de esteira encantatória aos olhos do leitor.

Meu comprometimento nessa direção geraria uma série de ensaios, que acompanhavam a elaboração do romance *Curral dos Crucificados* e viriam a ser publicados em *Tendência*. Ao escrever *Cidade Calabouço* e *Jardim Pagão*, continuei palmilhando o mesmo caminho, agregando entretanto uma variável a mais. Procurei romper com a linguagem realista, pressionado pelo sentimento do fantástico, presente na sociedade contemporânea e indissociável da própria magia da constituição do mundo americano. Naquela altura havia percebido, o que eu na verdade vinha perseguindo não era a meta, de saída fracassada, da eliminação do narrador, mas a descoberta de uma técnica de produção ficcional que impusesse barreiras ao predomínio da subjetividade. Descartado o informe, o caos perceptivo incontrollável, o resultado no seu conjunto se ergueria como uma construção condizente com a atualidade que o homem vem contemplando.

Não havia nenhuma dúvida, o espírito de vanguarda que nascera com o Modernismo de 1922, produzindo a criação experimental de Oswald de Andrade com *João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, de Mário de Andrade com *Macunaíma*, de Geraldo Ferraz com *Doramundo*, além da pesquisa da primeira fase da poesia de Carlos Drummond de Andrade, a persistência recuperada da mesma postura renovadora nas obras de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, constituía o pano de fundo que transmitia energia a toda uma geração. Grupos que aspiravam levar adiante essa tradição movimentavam-se nas mais diversas direções, tentando retomar o impulso de inventividade perdido no pós-guerra. A revista *Tendência*, em Minas Gerais, forçava querendo abrir o seu caminho a partir de uma colocação basicamente de conteúdo, enquanto em São Paulo os concretistas desgarravam a busca de estruturas formais que acreditavam puras. Esses grupos evoluíram em sentido convergente, cada qual com a sua autonomia e sofrendo influência.

A marcha sustentada que vinha seguindo conduzia-me a pesquisa cada vez mais de laboratório. Depois de *Jardim Pagão*, forçoso seria partir para a abolição integral do fluxo narrativo, produzindo uma espécie de ladrilhamento, em que as partes passariam a ter entre si ligação apenas determinada pela composição do conjunto. O texto abandonaria por completo a discursividade, deixaria de exprimir a relação espaço-temporal – a vida no seu decorrer provisório – para exprimir o permanente. Seria o transbordamento para a poesia. Mas a entrega ao elemento puramente lírico, num implícito reconhecimento de que esse gênero fosse o estuário definitivo de todas as linguagens, constituiria de fato um avanço? Eu acreditava que não. A transferência de campo implicaria, de saída, no sacrifício da ação, da representação e do elemento dramático. Se a síntese é condição para a existência da poesia e o ideal para ela seria a eliminação completa do discurso, não há como deixar de reconhecer, sem o discurso, não acontece a ficção. Decidi por uma correção de rumo, convencido de que nos últimos tempos vinha dando excessiva atenção à voz que chegava da borda da piscina. Outra verificação que não deixei de fazer, influenciada por uma ideologia de grupo, aquela voz passara a não ser exclusivamente minha.

Promovendo o retorno da narrativa ao leito tradicional do gênero e valendo-me de tema surgido com trágico acidente que matou um sobrinho de minha mulher, escrevi *Monólogo do Escorpião*. A busca da maior comunicabilidade surgiu como questão prioritária. Impunha-se reverter a tendência de entregar-me à produção de um texto de base excessivamente intelectualista, fechado sobre si, cuja natureza mesma de linguagem acabava não sendo levada na devida conta. Suspendi o processo de montagem no interior da frase, com o restabelecimento do fluxo sintático normal, mas continuei com o uso daquela técnica para a estruturação do corpo maior da narrativa, através da aproximação de blocos independentes, só que esses tinham agora a extensão de capítulos inteiros.

Desejando levar às últimas conseqüências o esforço de ampliação do leque da comunicabilidade, pensei também na questão do conteúdo e parti em busca de um assunto que envolvesse o passado dos brasileiros e, pelo menos teoricamente, fosse de conhecimento geral. Ouro Preto, núcleo urbano que assistiu a notável desenvolvimento artístico ao

tempo da colônia, palco de conspiração política que visava a independência nacional, conjunto urbanístico e arquitetônico de significação e importância universal, constituiu grande achado, principalmente quando vinha ao encontro da experiência que o trabalho diário no Museu da Inconfidência me permitia acumular. Entreguei-me à realização de *Boca de Chafariz*, na certeza de que a estória estava abrindo diversa perspectiva para o problema da objetividade. Além de continuar fiel àquilo que evoluiu fora da personalidade do criador, com dimensões espaço-temporais semelhantes à do mundo envolvente, eu tinha a possibilidade de trazer para o texto a realidade do que historicamente aconteceu e a realidade de pessoas que se encontravam ainda vivendo no local. Não pensei em realizar uma reconstituição histórica, mas a descrição de um agrupamento que vive a sua plena atualidade, procurando o caminho entre o moderno e o peso de um passado que lhe imprime características especiais.

A incompreensão de editores, que deram mostras de não haver entendido *Boca de Chafariz*, levou-me a colocar de lado a experiência de promover a mistura de vida e ficção. Projetei em outros termos *Servidão em Família*, que já andava avançado na sua composição quando a obra anterior acabou encontrando meios de ser entregue ao público. O grande êxito de *Boca de Chafariz* foi importante no sentido de firmar certas convicções. Meu último romance, *Invasões no Carrossel*, de certo modo procura fazer a recuperação da proposta que havia sido abandonada.

A estória que tenta realizar a síntese da realidade brasileira do momento, entretanto, não se limita à continuação de uma experiência. Ao desenvolver a trama do novo livro, fui descobrindo a possibilidade de exprimir a simultaneidade espacial através do drama vivido por Carminha Monteiro. Não aquele efeito que é alcançado através da técnica da montagem, da aproximação contundente de cenas díspares. Refiro-me à superposição que acontece dentro de uma mesma unidade de ação e com o personagem experimentando uma única emoção. A prodigiosa solidão da moça, que é mostrada em três longos capítulos, a levou a viver o presente e o ausente, num estado de continuada ubigüidade. O espaço dela acaba sendo ocupado também pela presença do amante, através de uma convivência íntima de afeto e conjunção carnal. A visualidade da companhia do outro

dentro do ambiente ficcional é tão verdadeira quanto, por exemplo, a do grupo de velhos conhecidos já mortos, que no lusco-fusco da tarde lhe aparece para comentar sobre o desaparecimento do marido, ou as reencarnações do coelho Teleco, personagem de Murilo Rubião, que em ritmo vertiginoso se transmuda em outros animais e finalmente numa criança. Engana-se quem supor que a invocação sensorial do companheiro ou o simples descortino visual na direção dele não seja de pura natureza literária. Não existe ali nenhuma contaminação de natureza psicológica, como em certos momentos à primeira vista possa parecer.

Essa questão de linguagem, que tem muito a ver com o mundo de comunicação instantânea em que vivemos, talvez venha a ser explorada de maneira mais sistemática em trabalho futuro. Se eu chegar realmente a abraçar essa experiência, ela deverá ser desenvolvida dentro da maior cautela, em permanente busca de espontaneidade, para que o resultado possa se apresentar como consequência natural do texto. A esta altura, aprendi certas coisas. Um romance não é o que o autor pensa, são as palavras que ele escreve.

CONDIÇÕES EXTERNAS

As atividades de subsistência, invariavelmente muito exigentes, roubaram tempo não pequeno ao escritor. Mas elas não deixaram também de representar contribuição para quem precisava se aprofundar no conhecimento a respeito do mundo. O trabalho no gabinete do governador Juscelino Kubitschek, iniciado quando ainda não terminara a Faculdade, depois continuado no governo de Francisco Bias Fortes, seria extremamente revelador da retaguarda do poder, expondo a nu os mecanismos secretos da máquina política e da administração pública. Na qualidade de professor, ao envolver-me com a pós-graduação, alarguei minha informação em leituras sistemáticas de lingüística, teoria literária, cultura brasileira. Acabei tendo a chance de estender a experiência universitária a outro país, o que me ajudou a espantar de vez a mentalidade provinciana, já razoavelmente quebrada, mesmo no ambiente àquela época ainda primitivo de Brasília, pela convivência com professores originários das mais diversas regiões.

Finalmente, nomeado diretor executivo da Fundação de Arte de Ouro Preto, depois diretor do Museu da Inconfidência – cargo que mantenho até hoje e que acumulei por dez anos com o de coordenador do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais, havendo agregado ainda, por quatro anos, também o de coordenador do Programa Nacional de Museus – pude desenvolver uma consciência ampla e profunda com relação ao patrimônio histórico e artístico brasileiro, quer dizer, sobre aquilo que constitui as bases mesmas de nossa nacionalidade.

As funções desempenhadas no Palácio da Liberdade, de duração definida pelo mandato do chefe, eram consideradas como sacrifício temporário. Tratava-se de concessão que o escritor a si mesmo fazia – dispondo-se a trabalhar empenhadamente, sem queixa diante de tarefas absorventes, dispersivas e que implicavam em continuado consumo de energia – na esperança de sair dali para uma situação permanente de razoável calma, que lhe garantisse disponibilidade para o labor literário. Com relação à experiência universitária, situação muito diversa se apresentaria. Admitindo a afinidade existente entre as carreiras de professor e escritor, decidi que dali para a frente o meu futuro seria enfrentado através do intercâmbio fecundo, ou pelo menos de uma convivência amena, entre a criação literária e o ensino de literatura brasileira. Eu achava na época – e continuo até hoje pensando da mesma maneira – que a ocupação acadêmica representava uma das mais dignas e enobrecedoras escolhas profissionais que uma pessoa pode fazer. Quer dizer, ao envolver-me com a nova carreira, pensava estar realizando sem dúvida uma opção de vida. Desejava crescer como profissional da área, disposto a procurar o caminho do aperfeiçoamento máximo da minha formação. Mas não contava com a interferência do inesperado. Contra essa decisão tomada com tanta expectativa de acerto, veio colocar-se o inconsciente de alguém que, vocacionado para o exercício da atividade intelectual em outra área, de repente se acreditou diante de uma encruzilhada e sendo obrigado a seguir por um caminho único.

Sem qualquer aviso, o lado sombrio da minha personalidade começou a pesar dentro de mim e a oferecer resistência contra a qual não havia como lutar. Eu não chegava a entender de fato o que acontecia.

Comecei a ficar cansado, a dormir mal, a sentir o peso da simples tarefa de colocar-me diante dos alunos. Quando, sobrevivendo um esgotamento nervoso, a situação atingiu o limite, solicitei dispensa das obrigações docentes, refugiando-me nas tarefas burocráticas do Tronco de Letras. A violência imposta à Universidade de Brasília pela ditadura militar, obrigando-me a pedir demissão ao lado de mais de duzentos colegas, determinaria o meu retorno à sala de aula, então nos Estados Unidos. Lá voltaria a enfrentar os mesmos problemas de saúde, dos quais ficaria livre, como por encanto, no momento em que, decidido o regresso ao Brasil e já havendo embarcado para cá a família, fui lecionar um curso de verão na Stanford University, na Califórnia.

Em todo esse tempo de compromisso acadêmico, a produção literária só não chegou a ser inteiramente interrompida devido ao meu envolvimento com o Mestrado, que me levaria a escrever sobre Graciliano Ramos. Eu havia oferecido um curso de seis meses sobre o autor alagoano e, na falta de tempo em que andava, resolvi aproveitar, para a dissertação que estava obrigado a apresentar, o material levantado sobre os romances. Não tive oportunidade de voltar a trabalhar as minhas propostas de análise, avaliando-as pelo menos por mais um período letivo através da reação dos alunos, teste que sempre me pareceu muito importante. Graças, porém, aos freqüentes períodos de agitação política no campus, com sucessivas greves e suspensão de aulas motivadas pelo governo de exceção, que estendia braço forte sobre a nossa organização de ensino, considerada por ele perigoso antro de subversão destinado a preparar uma *intelligentsia* para a comunização do país, pude realizar sozinho a tarefa de consolidação da leitura de rastreamento exaustivo das várias narrativas e da eliminação dos excessos interpretativos cometidos. Comparecendo a uma ou outra assembléia de debate sobre a situação, assistindo de longe aos episódios de desmando da ocupação do nosso território, inclusive os expurgos de livros, como o levado a efeito na biblioteca do professor titular do nosso setor, Heron de Alencar, quando foi deixada na minha sala uma montanha de volumes jogados de qualquer maneira, alguns até pisados, passei todo o tempo concentrado na tarefa que me absorvia.

A confirmação das interpretações a que chegara e que sabia serem inteiramente novas, não podendo resultar do trabalho com os alunos, acabou se fazendo por diferentes caminhos. No lançamento em Brasília do filme *Vidas Secas*, houve seminário com a participação do cineasta, de crítico de cinema e estudiosos da área de ciências humanas. Coube-me ler o que escrevera sobre o livro. Não podia ter sido melhor a reação geral provocada pela minha interpretação. Surgiram comentários surpresos. Nelson Pereira dos Santos reconheceu, teria sido um enriquecimento para sua obra, se houvesse sido explorada a questão da solidão da família de retirantes, tal como foi caracterizada, e Paulo Emílio Salles Gomes, professor da universidade e responsável pelo encontro, comentou exaustivamente, nos mínimos detalhes, o que ouvira. Indagando, noutra oportunidade, se a comunicação por acaso não constituía parte de livro que estivesse sendo escrito, acabou tomando conhecimento da dissertação inteira. Tornou-se amigo chegado, que periodicamente passava por minha sala. Só não concordou com as observações da introdução do trabalho, referentes ao crítico Antonio Candido, seu companheiro desde a juventude e, realmente, nome do maior peso da cultura nacional. Outras confirmações da procedência do estudo eu viria colher nos Estados Unidos. Apresentada em congresso parte do escrito sobre *São Bernardo* – o levantamento da estrutura do romance através da análise dos primeiros capítulos – ouvi elogios entusiásticos do professor e poeta português Jorge de Sena, sumidade que pontificava na University of Wisconsin, e fui convidado sucessivamente para integrar os departamentos de português da Vanderbilt University e da University of Indiana, oportunidades por mim descartadas, devido à decisão de retorno ao Brasil. O texto sobre *Vidas Secas*, levado a outro congresso, já fora bem aceito e conquistara a admiração do *chairman* do meu departamento na Tulane University, professor Daniel Wogan, que o lera por antecipação e a ele calorosamente passou a se referir.

Ao organizar, ainda nos Estados Unidos, *Estruturas, ensaio sobre o romance de Graciliano* em forma de livro, tratei de completar a introdução e o capítulo final. A publicação, ocorrida meses depois, às minhas custas e com o selo de *Tendência*, representaria um desaforo para quem, ainda muito inseguro – necessitado de uma confirmação do acerto

da sua nova mudança de vida – tornava a caminhar em solo brasileiro. Eu pusera tudo de lado e aceitara ser reintegrado no modesto cargo de Técnico de Administração-I, da Secretaria de Administração do Estado, do qual me achava licenciado, para ser colocado prestando serviço no Suplemento Literário do *Minas Gerais*. O ensaio acabou sendo um êxito editorial. Comentado pela imprensa de Belo Horizonte, Rio e São Paulo, embora não contasse com o apoio de nenhuma empresa distribuidora, teve circulação garantida, através de vendedores autônomos e livrarias especializadas no atendimento ao público universitário.

Resultado muito semelhante seria alcançado, dois anos depois, com a publicação do romance *Curral dos Crucificados*, impresso nas oficinas da Imprensa Oficial de Minas Gerais, às custas do órgão, sob o rótulo editorial de *Tendência*. A acolhida por parte da crítica foi ainda maior, embora a obra, também sem distribuidor, não tenha logrado a mesma penetração de *Estruturas*, de aceitação garantida em colégios de ensino médio e universidades. Pensado e começado a ser escrito em Minas Gerais, *Curral dos Crucificados* prosseguiu sendo trabalhado nas brechas de tempo que conseguia roubar às obrigações de professor, tanto em Brasília quanto nos Estados Unidos. Ele deve ter sido muito responsável pelo desajuste neuro-vegetativo que me incompatibilizou com a carreira acadêmica. Às vezes, nem as férias podiam ser reservadas para aplicação na literatura, como aconteceu no caso da pesquisa para o curso sobre Graciliano, realizada inteira nos meses do meu descanso na companhia da família em Belo Horizonte. Só mesmo o retorno ao país tornaria de fato possível uma dedicação verdadeira ao projeto, com o pensamento voltado para a sua conclusão. Envolvido na organização de números especiais da publicação da Imprensa Oficial – tendo que realizar pesquisas, articular-me com autores, ilustradores e até acompanhar o trabalho de impressão nas oficinas – atravessei período dos mais estimulantes, dispo de tranqüilidade emocional e tempo suficientes para então sim, concentrado, repensar, reformular, escrever e tornar a escrever a estória do baiano desaparecido na multidão da grande cidade.

Afastado do Suplemento Literário no momento em que passei a seu editor, por imposição do general Gentil Marcondes Filho,

comandante do II RI, acabei assumindo a Diretoria Executiva da Fundação de Arte de Ouro Preto, a convite do escritor Murilo Rubião, que presidia o órgão. E foi dessa forma que empreendi o primeiro passo na direção de Ouro Preto. Mas ainda estaria remoto o meu envolvimento emocional com a cidade. Isso era algo que estava reservado para o futuro. Naquele momento em que procurava abrigo na administração indireta para escapar à perseguição da ditadura, que me considerava subversivo apenas por não haver concordado com atos arbitrários praticados em Brasília, a minha atenção achava-se voltada inteira para Belo Horizonte, um dos meus pontos de apoio para a compreensão de Minas Gerais. Com ela pelos anos afora continuaria a me ocupar. Depois de *Curral dos Crucificados*, através de enfoques diferenciados que acompanhavam a evolução do ficcionista, os romances *Cidade Calabouço*, *Jardim Pagão*, *Monólogo do Escorpião* e *Servidão em Família* vieram abordando aspectos sociais do núcleo urbano que se adensa e se espalha na região do antigo arraial do Curral del Rei, hoje transformado num dos centros de maior vitalidade do país.

Cidade Calabouço foi escrito em Belo Horizonte quando, no escritório do Edifício Pio XII, vizinho da Imprensa Oficial, eu punha em funcionamento a Fundação de Arte, deixando a capital apenas uma vez por semana para acompanhar o serviço de equipes de execução, principalmente na Escola Rodrigo Mello Franco de Andrade. Os demais livros seriam desenvolvidos em grande parte em Ouro Preto, num tempo em que, à frente do Museu da Inconfidência, o trabalho da repartição ainda não havia alcançado o ritmo atual, ou a caminho de Ouro Preto, depois que o governo Collor recolheu os carros oficiais e descobriu que o ônibus, além de mais seguro, garante isolamento e permite boa margem de concentração ao passageiro, sendo muito adequado para quem deseje transferir idéias para o papel, mesmo se a letra acabe deixando um pouco a desejar no que diz respeito à caligrafia.

A administração do Museu começou difícil. Muito estudo, projetos sonhadores, pouca verba, rendimento quase nenhum. Lentamente é que se conseguia avançar. Afinal, chegamos a realizar as intervenções que o prédio estava a exigir e a resolver os problemas mais urgentes de conservação de peças. Foram construídos dois anexos e concluída a obra da

Casa do Pilar. A implantação dos serviços técnicos essenciais correspondeu a um programa que se prolongou. A essa altura, o Inconfidência havia se convertido em cabeça de um sistema que unia todos os museus e casas históricas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Minas Gerais. Ao ser nomeado coordenador do Programa Nacional de Museus sem abandonar a posição em Minas Gerais, a situação se tornou de fato atropelante. Passei a ter ação direta sobre quarenta unidades, entre as quais se encontravam os chamados Museus Nacionais, e a amparar um universo de outras mil e duzentas, segundo levantamento realizado com a colaboração do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Minha vida profissional entrou em alta rotatividade. Passava dois dias em Ouro Preto, três no Rio de Janeiro e freqüentemente era obrigado a viajar por outras regiões. Atendi a um programa de treinamento em Bogotá, na Colômbia, sob os auspícios da OEA-Organização dos Estados Americanos.

Depois de atravessar período em que as bases de uma personalidade a isso predisposta iam sendo sorrateiramente minadas, eu emergiria do outro lado de mim mesmo, dotado da sensibilidade que marcaria a minha nova maneira de ver, de observar, de conviver com uma população única, sobrevivente, moderna e operosa, a arrastar atrás de si um passado de grandes tradições. Essa maturação, entretanto, resultaria em processo bastante demorado. Meu primeiro livro sobre Ouro Preto, *Museu da Inconfidência*, de orientação para visitantes, além de tentar a descrição e interpretação de peças, levantava a história do edifício e a estrutura da exposição. A reflexão ali iniciada ganharia vigor, anos depois, numa versão ampliada dessa obra – feita com a colaboração do corpo técnico, que teve a oportunidade de mostrar pela primeira vez a sua força – e no ensaio *A Nova Realidade do Museu*, de estudo das implicações ideológicas de uma instituição nascida na vigência do Estado Novo. Acredito que foi com *O Alemão que Descobriu a América*, de reconstituição e análise da aventura do pesquisador Francisco Curt Lange, o descobridor da música colonial, que encontrei a embocadura e o tom necessários para escrever *Boca de Chafariz*. Coloquei empenho verdadeiro na tarefa de elaboração desse romance, que me chegou acompanhado de cargas poderosas de emoção, como se depósitos profundos da sensibilidade estivessem vindo à tona.

Cumprindo a escala dispersiva de viagens imposta pelas atividades do Programa Nacional de Museus, muitos capítulos foram desenvolvidos no interior de aviões ou em quartos de hotéis do Nordeste ou do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro ou de Brasília.

A narrativa mais recente, *Invasões no Carrossel*, busca exprimir a perplexidade que tomou conta do mundo após a queda do Muro de Berlim. A luta das forças populares contra o poder econômico e político, que vinha marcando a evolução do século XX desde o primeiro pós-guerra, chegou a seu ponto de desenlace, criando nova situação, de caminhos ainda pouco definidos. O episódio da derrubada das torres do World Trade Center, em Nova York, sem dúvida se insere nesse panorama global. No Brasil, a reação armada contra a ditadura, que acabou produzindo um símbolo na figura do capitão Carlos Lamarca, e os desmandos administrativos do presidente Fernando Collor de Mello, que terminaram em crise nacional de grande vulto, foram acontecimentos surgidos para delinear de maneira muito clara o fluxo e refluxo desse movimento de forças entre nós.

Desarticulado num governo o Programa Nacional de Museus, noutra o Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais, no ritmo de oscilação próprio da administração pública brasileira que, por falta de preparo dos seus dirigentes de cúpula, muitas vezes confunde experimentações desastradas ou simples operações de desmonte com inovações criadoras, o Museu da Inconfidência veio se beneficiar da situação. Livre do peso da ação extensiva de ter que zelar por um conjunto, nos casos mais críticos, geograficamente dispersos e historicamente padecentes de grande penúria, pôde voltar-se para si próprio e aprofundar a investigação da sua natureza e seu destino. Em consequência, a marcha progressiva da revitalização que desde o princípio da minha gestão vinha sendo tocada, vencidas múltiplas etapas, iria se encaminhar para uma completa reformulação estrutural, com mudança da própria filosofia que inspirou a atual exposição permanente. A casa deixará de ser preferencialmente uma documentação do período social que tornou possível o aparecimento da Inconfidência Mineira, para se converter no órgão que aprofundará o estudo do movimento político, evidenciando a

inevitabilidade da ocorrência dele na antiga Vila Rica, palco e força motora da história. Valendo-me de pesquisa encomendada a membros do nosso corpo técnico e profissionais independentes especialmente contratados, realizei o projeto museológico que serviu de base ao projeto museográfico de renomado especialista internacional, o senhor Pierre Catel. A revolução que avança no terreno objetivo não ficará sem consequência no campo simbólico. É o que me ocupa no momento como romancista. Minha intenção é percorrer os desdobramentos de reflexões que continuam sendo feitas e deverão esclarecer tanto sobre o fenômeno museu quanto sobre as próprias perspectivas do nosso tempo.



Edith Moreira Guimarães Mourão e
Benjamin Mourão, pais do escritor.



Benjamin Mourão



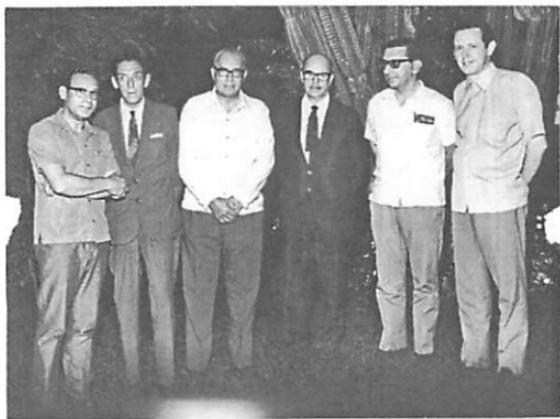
Casamento
com Elza Sampaio do Couto, 1958



Libério Neves, Murilo Rubião e Rui Mourão no
Suplemento Literário. Imprensa Oficial, 1968.



Da esquerda para a direita, João Paulo Gonçalves, Rui Mourão,
Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino, Francisco Iglésias,
Affonso Ávila, Adão Ventura. Diamantina, 22 de abril de 1969.



Da esquerda para a direita, Fabio Lucas, Emílio Moura, Cristiano Martins, Murilo Rubião, Rui Mourão, Affonso Ávila, por ocasião do Suplemento especial sobre Cristiano Martins. Casa de Cristiano Martins, Belo Horizonte, 1969.



Da esquerda para a direita, Murilo Rubião, Rui Mourão, Paulo Campos Guimarães. Posse de Rui Mourão como editor do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, Belo Horizonte, dezembro de 1969.



Conferência de Rui Mourão no I Seminário de Literatura das Américas.
 São Paulo, agosto de 1970.



Assinatura do Termo de Posse como chefe da Divisão de Assuntos Culturais.
 Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1973

Da esquerda para a direita, secretária Romilda Mundinho, Murilo Rubião,
 Rui Mourão, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos e Paulo Campos Guimarães,
 diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.



Posse como diretor do Museu da República.
Rio de Janeiro, outubro de 1983.



Solenidade de entrega do troféu Os Melhores de 1985,
setor Cultura, do jornal *Estado de Minas*.



Entrega do troféu Os Melhores de 1985, setor Cultura, *Jornal Estado de Minas*, por Guy de Almeida (representando o Governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira), em 16 de abril de 1986.



Com Dr. João Bosco, (gerente geral da ALCAN). Assinatura do convênio para a manutenção da Sala Manuel Costa Athaide, de exposições temporárias. Ouro Preto, novembro 1986.



Exposição de Fayga Ostrower no Anexo do Museu da Inconfidência,
Ouro Preto, outubro de 1987.

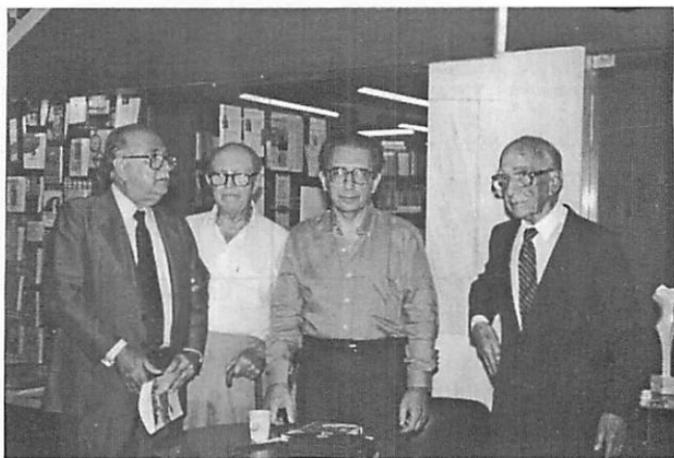
Da esquerda para a direita, Fani Bracher, Rui Mourão,
Fayga Ostrower, Yára Mattos.



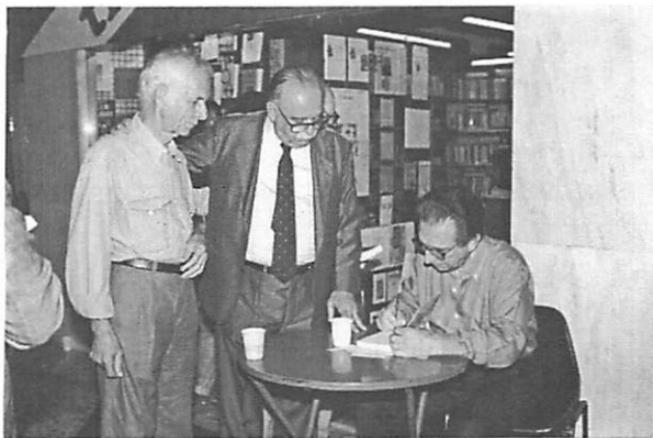
Entrega da Medalha Rodrigo Melo Franco de Andrade pelo ministro da Cultura Celso
Furtado no Palácio Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 1987.



Rui Mourão no Museu da Inconfidência.
Praça Tiradentes, Ouro Preto, dezembro de 1991.



Lançamento do romance Boca de Chafariz.
Livraria Timbre, Rio de Janeiro, 18 de março de 1992.
Da esquerda para a direita, José Aparecido de Oliveira,
Afrânio Coutinho, Rui Mourão e Hélio Silva.



Lançamento do livro *Boca de Chafariz*,
Livraria Timbre, Rio de Janeiro, 18 de março de 1992.
Da esquerda para a direita, Franz Weismann,
José Aparecido de Oliveira e Rui Mourão



Visita à Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, março de 1992.
Da esquerda para a direita, Affonso Romano de Sant'Anna,
Elza Mourão e Rui Mourão.



Da esquerda para a direita, Elza Mourão, Kenneth Maxwell e Rui Mourão.
Seminário Internacional sobre Inconfidência Mineira, realizado
pelo Museu da Inconfidência, Ouro Preto, 11 de agosto de 1992



Iº Simpósio sobre Museologia.
Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, março de 1997.



Rui Mourão e Elza Mourão.

Elza do Couto Mourão, Rui Mourão
e os filhos Cristiano, Clarice,
André e Raquel



Elza do Couto Mourão, Rui Mourão
e os netos Henrique, Gabriela,
Mariana e Rafael.



CRONOLOGIA

1929

- A dezoito de abril, nasce em Bambuí, região do Oeste de Minas Gerais, Rui Mourão, segundo filho de Edith Moreira Guimarães Mourão e Benjamin Mourão, seu Beijo, escrivão da Coletoria Federal.

1937

- É matriculado no Grupo Escolar José Alzamora.

1941

- Presta exame de admissão ao curso ginasial no Colégio Antônio Vieira, na vizinha cidade de Formiga. Na conclusão do primeiro semestre, seria transferido para o Colégio São

Geraldo, em Divinópolis, na mesma região. Acompanhava a família, que deixara a sua terra. O pai, contando exclusivamente com os rendimentos do seu salário, conseguira remoção no serviço, a fim de ter condições de levar adiante a educação dos filhos. Era pesado demais para ele manter dois estudantes em internato e já enxergava, naquele momento, o futuro próximo, quando o caçula também teria que se juntar aos irmãos.

1945

- Morre o pai aos 51 anos de idade, de infarto do miocárdio, seguramente motivado pelo desamoramento em que ficou, ao ser desenraizado da sua terra.

1946

- Dona Edith, que tinha o primogênito, Oto, cursando medicina em Belo Horizonte, feito o inventário e vendido o imóvel que era herança de todos, vai com dois filhos para a casa do pai, Antônio Maria Moreira Guimarães, juiz aposentado do Termo de Tiradentes, que morava e advogava em São João Del Rei. Rui Mourão é aí matriculado no Curso Científico do Colégio Santo Antônio.

1947

- Precisando trabalhar para continuar os estudos, na metade do segundo ciclo, Rui Mourão vai tentar a vida em Belo Horizonte. Empregado com salário apenas simbólico por José Pellegrino, médico envolvido em pesquisas sobre esquistosomose, consegue matricular-se gratuitamente no Colégio Marconi, dirigido pelo pai do patrão.
- Estava combinado que passaria a dormir nas dependências do Colégio Marconi, para não ter que pagar hotel, mas

precisando ter alguma entrada em dinheiro para ajudar a mãe, que se mudara para Belo Horizonte com o caçula, Irê, e começara morando numa casa de agregado de fazenda no Barreiro, à época afastado arruamento mais rural do que urbano, a partir do início das férias de fim de ano começou a trabalhar com o professor Santiago Americano Freire, no laboratório de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

1948

- Matricula-se no Colégio Anchieta, onde havia a possibilidade de curso noturno.
- É destacado para ajudar o ortorrinolaringologista J. Silva Guimarães, que usou o laboratório do seu amigo, na Faculdade, para o aperfeiçoamento de técnica cirúrgica de substituição de tímpano aprendida nos Estados Unidos, de onde acabava de chegar. Em busca de cabeças de cadáver de indigente, Rui Mourão acompanhava o médico até o necrotério do Pronto Socorro. Transportada dentro de balde, a parte amputada da pessoa, no laboratório, era fixada por corda numa calha em cima da mesa, para o trabalho do cirurgião. Em dias continuados a peça seria desamarrada, recolhida de novo no balde e conservada em geladeira.
- Exercitando-se em datilografia no laboratório, no horário do almoço, acabou sendo contratado com melhor salário pelo Serviço de Helminologia da Secretaria de Estado da Saúde que, em convênio com o Ministério da Saúde, durante três meses executaria programa em Minas Gerais.
- Havendo a mãe adquirido o estabelecimento Quitanda Central, no Barro Preto, à Rua Goitacases, esquina de Paracatu, Rui Mourão, na companhia do irmão mais novo, passa a gerir o negócio. Ele e Irê levantavam às quatro horas

de manhã para estarem no Mercado Central à chegada dos caminhões trazendo verduras e legumes frescos, e voltavam puxando um “burro sem rabo” – carro de boa capacidade transportadora, rodas revestidas de tiras de pneu, longos varais conectados que facilitavam a tração, com a pessoa localizada entre eles.

1949

- Presta concurso para o Banco Mineiro da Produção, depois Banco do Estado de Minas Gerais, e a 5 de abril é admitido no cargo de Praticante “E”. Das maiores emoções que experimentou foi a sensação de segurança ao chegar ao porão que passaram a habitar, no Carlos Prates, após o serviço, e deparar com a mãe cozinhando no fogão bucho recheado, enquanto o cheiro de biscoito sendo assado subia do forno – produtos dos quais havia já perdido a memória.
- Aprovado no exame vestibular, ingressa na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Mesmo com o ensino gratuito, não tinha meios de pagar as taxas exigidas. Apelou então para a Fundação Mendes Pimentel, que o socorreu por vários anos.

1950

- Publica no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, na coluna da escritora Dinah Silveira de Queiroz, mensalmente franqueada aos “novos”, o primeiro texto de crítica literária, sobre *Sagarana*, de Guimarães Rosa, aparecido anos antes, mas que vivamente o impressionara.
- Convidado por Fábio Lucas, colega da Faculdade de Direito, passa a integrar um grupo de escritores jovens, quase todos inéditos, que lançaria a revista *Vocação*.

- Começa a ser conhecido pela publicação de ensaios e artigos em *Vocação*, no Suplemento Literário do *Diário de Minas*, no suplemento *Letras e Artes*, de *A Manhã*, no suplemento do *Estado de S. Paulo* e outros. Por essa época, existia uma agência controlada pelos *Diários Associados*, a ESI, de distribuição de matérias assinadas para a imprensa. Valendo-se desse serviço, Rui Mourão e os companheiros conseguiam, mediante remuneração, ter artigos republicados nos principais estados brasileiros.

1952

- Requisitado ao Banco da Mineiro da Produção, Rui Mourão vai prestar serviço no Palácio da Liberdade. Servindo ao governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, junto ao gabinete do Secretário Particular. Sua função será cuidar da correspondência, das mensagens anuais que o executivo entrega à Assembléia Legislativa e produzir outros textos.

1953

- Recebe o diploma de bacharel em Direito.

1954

- Continua no Palácio da Liberdade, servindo a Clóvis Salgado, vice-governador que assumira o governo quando Juscelino se afastou para a campanha da Presidência da República.

1955

- Ganha o Prêmio Cidade de Belo Horizonte com os originais da novela *As Raízes*.

- Permanece trabalhando no Palácio da Liberdade no período do governo José Francisco Bias Fortes. Suas funções, daí para frente, aumentam de responsabilidade. Auxilia o filho do governador, José Francisco Tamm Bias Fortes, no controle exercido tanto sobre o gabinete quanto sobre as Secretarias de Estado, e escreve editoriais no jornal *Folha de Minas*, de propriedade do governo, tratando de assuntos de interesse da administração.

1956

- Publica *As Raízes*, seu livro de estréia.

1957

- Com Affonso Ávila e Fábio Lucas, companheiros de *Vocação*, funda a revista *Tendência*.

1958

- Casa-se com Elza Sampaio do Couto, colega de trabalho no Palácio da Liberdade, da qual terá quatro filhos, Cristiano, André, Clarice e Raquel.
- Recebe a Medalha da Inconfidência, grau Insígnia, do governo do Estado de Minas Gerais.

1960

- Assume a direção da revista *Tendência*.
- É nomeado diretor do Curso de Administração do Estado de Minas Gerais, passando a trabalhar também na Companhia de Armazéns e Silos de Minas Gerais e na *Folha de Minas*.

1961

- É demitido da *Folha de Minas*, no governo de José Magalhães Pinto, oposição que assumiu o poder.

1962

- Ingressa no *Correio de Minas*, jornal que acabava de ser fundado.
- A 16 de abril, transfere-se para Brasília, onde, na condição de Auxiliar de Ensino, passa a lecionar Literatura Brasileira na universidade criada por Darcy Ribeiro.

1963

- Torna-se Mestre em Literatura Brasileira, apresentando dissertação sobre Graciliano Ramos.

1964

- Ocupa, interinamente, o cargo de Coordenador do Instituto Central de Letras da Universidade de Brasília, em substituição ao romancista Cyro dos Anjos.

1965

- Demite-se da Universidade de Brasília, em repúdio às arbitrariedades praticadas pela ditadura militar, ao lado de 270 professores.

1966

- Transfere-se para os Estados Unidos, onde vai lecionar na Tulane University, em New Orleans, na condição de Professor Visitante.

1967

- Leciona na University of Houston, USA, na condição de Professor Assistente.

1968

- Leciona curso de verão na Stanford University, em Palo Alto, na Califórnia, USA, na condição de Professor Visitante.

1969

- Retorna ao Brasil, reassumindo o cargo de Técnico de Administração, do qual se achava licenciado, sendo imediatamente colocado à disposição da Imprensa Oficial do Estado, onde vai integrar a Comissão de Redação do Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais*. Neste posto será encarregado da organização dos números especiais da publicação, que dependiam de pesquisa e apareciam sempre em papel especial, com capa dura.
- Nomeado editor do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, em substituição a Murilo Rubião, denunciado como subversivo, é demitido dois meses depois por ordem do comandante da 11ª. Região de Infantaria sediada em Belo Horizonte, general Gentil Marcondes Filho.
- Publica *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*.

1970

- É admitido como diretor executivo da Fundação de Arte de Ouro Preto.

1971

- Sai a 2ª. edição de *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*.

- Publica o romance *Curral dos Crucificados*, que conquista o Prêmio Cidade de Belo Horizonte.

1972

- Recebe a Medalha do Sesquicentenário da Independência.
- Torna-se membro da Comissão de Apreciação do Mérito das Publicações da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

1973

- É nomeado Chefe da Divisão de Assuntos Culturais da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.
- Publica o romance *Cidade Calabouço*.

1974

- É empossado, a 14 de junho, no cargo de diretor do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

1975

- É nomeado membro do Conselho Estadual de Cultura, onde será autor do projeto de criação do Prêmio Guimarães Rosa, de ficção.

1978

- Passa a acumular os cargos de diretor do Museu da Inconfidência e de coordenador do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais.
- Sai a 2ª. edição de *Cidade Calabouço*.

1979

- Publica o romance *Jardim Pagão*.

1981

- Recebe a Medalha do Aleijadinho da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

1982

- Passa a acumular os cargos de diretor do Museu da Inconfidência, de coordenador do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais e de coordenador do Programa Nacional de Museus.

1983

- Publica o romance *Monólogo do Escorpião*.
- Posse como diretor do Museu da República, Rio de Janeiro, outubro.
- Recebe a medalha comemorativa dos 75 anos do Museu Nacional de Belas Artes.

1984

- Publica, incluindo contribuição de Francisco Iglésias, o livro *Museu da Inconfidência*.

1985

- Recebe placa de reconhecimento por serviços prestados, do Regimento Ipiranga, Caçapava, São Paulo.
- Conferência de Rui Mourão em Seminários de Literatura Brasileira. 3ª Bienal Nesté de Literatura Brasileira, Maceió, 5 novembro.

1986

- Recebe o troféu Melhores de 1985, setor Cultura, do jornal *Estado de Minas*.
- Recebe a medalha comemorativa do Início de Operação Integrada da Usina Presidente Arthur Bernardes, da Açominas, em Ouro Branco, Minas Gerais.

1987

- Recebe a Medalha Rodrigo Mello Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

1988

- Recebe a medalha comemorativa do Sesquicentenário de elevação da Vila do Príncipe a Cidade do Serro, da Prefeitura Municipal do Serro.
- Recebe a medalha da Ordem do Mérito Diamantinense, no ano do sesquicentenário da cidade.

1990

- Publica *O Alemão que Descobriu a América*, ensaio sobre a pesquisa de Francisco Curt Lange que, ao descobrir a obra dos compositores mineiros do século XVIII, anexou 100 anos à história da música no Brasil.
- Recebe a medalha do Dia do Estado de Minas Gerais, comemorativa dos 294 anos da cidade de Mariana.

1991

- Recebe a Medalha Santos Dumont, grau Prata.
- Publica o romance *Boca de Chafariz*.

1992

- Sai a 2ª. edição de *Boca de Chafariz*.
- *Boca de Chafariz* é contemplado com o Troféu Francisco Igreja, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, como o melhor romance do ano.

1993

- Sai a 3ª. edição de *Boca de Chafariz*.

1994

- Concorrendo com 427 obras publicadas de autores do continente, *Boca de Chafariz* é contemplado, na Colômbia, com o reconhecimento Especial do Premio Pegaso de Literatura Latinoamérica, do Centro Regional para o Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC), Colômbia.
- Publica o ensaio *A Nova Realidade do Museu*, que historia a caminhada do Museu da Inconfidência para a sua revitalização e estuda a formação dos grandes museus históricos brasileiros.

1995

- Publica nova versão do livro *Museu da Inconfidência*, com a colaboração de Dora M. S. Alcântara, Maria Margareth Monteiro, Carmem Sílvia Lemos, Suely Maria Perucci Esteves, Maria José de Assunção da Cunha, Lucila Moraes Santos, Régis Duprat e Yára Mattos.
- Participação no Encontro de Escritores do Mercosul. Evento promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, dezembro.

1996

- Publica *Servidão em Família*.

1997

- Recebe a Medalha Museu Histórico Nacional 75 anos.
- Conferência intitulada “Considerações sobre o inquérito da Inconfidência Mineira”, Colégio Arnaldo, Belo Horizonte, 16 de maio.

1998

- Recebe a Medalha de Honra da Inconfidência do governo do Estado de Minas Gerais.

2000

- Recebe a Medalha Gustavo Capanema, do governo do Estado de Minas Gerais, por sua destacada contribuição para o desenvolvimento da cultura e da educação.
- Recebe a Medalha de Honra Presidente Juscelino Kubstischek, do governo do Estado de Minas Gerais.

2001

- Publica *Invasões no Carrossel*.

2002

- *Invasões no Carrossel* recebe o prêmio ABL-Ficção, da Academia Brasileira de Letras.
- Palestra intitulada “Conceito museológico e salvaguarda patrimonial”, Seminário de Capacitação Museológica, promovido pelo Instituto Cultural Flávio Gutierrez e Ministério da Cultura. Belo Horizonte, 23 agosto.
- Recebe o Título de Cidadão Honorário de Ouro Preto.

2003

- *Invasões no Carrossel* recebe o Prêmio Centenário de Maria Helena Cardoso, da Academia Mineira de Letras.
- Sai a 3ª. edição de *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*.

BIBLIOGRAFIA DE RUI MOURÃO

ROMANCES

As Raízes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

Curral dos Crucificados. Belo Horizonte: Tendência, 1971.

Cidade Calabouço. São Paulo: Quíron, 1973 e 1978.

Jardim Pagão. Belo Horizonte: Lemi, 1979.

Monólogo do Escorpião. São Paulo: Ática, 1983.

Boca de Chafariz. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, 1992 e 1993.

Servidão em Família. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.

Invasões no Carrossel. São Paulo: Mandarin, 2001.

CRÍTICA LITERÁRIA

LIVROS

Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano. Belo Horizonte: Tendência, 1969; 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC-Arquivo, 1971; 3ª ed. Curitiba: UFPR, 2003.

CAPÍTULOS DE LIVROS

A ficção modernista de Minas. In: ÁVILA, Affonso. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Final de festa. In: *Marco Um*. São Paulo: Editora do Brasil, 1977.

A estratégia narrativa de *São Bernardo*. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1977.

Entre a lucidez e a marginalidade, um escritor do nosso tempo. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Navegar é preciso viver...* Belo Horizonte: UFMG, 1977.

Processo da linguagem, processo do homem: *Cara de Bronze*. In: MENDES, Lauro Belchior; OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de (Org.). *A astúcia das palavras*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. Belo Horizonte: POSLIT/FALE/Editora UFMG, 1998.

ARTIGOS EM JORNAIS E PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS

Um caso de exegese literária. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 set. 1950.

Contista do implacável. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 11 fev. 1951.

O romance social. *Vocação*. Belo Horizonte, n. 1, 12-13 jan.-fev., 1951.

Literatura em pânico. *Vocação*. Belo Horizonte, n. 2, 20-21, maio, 1951.

Rude benevolência. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 abr., 1951.

A realidade na ficção. *Vocação*. Belo Horizonte, n. 3, 2-3, agosto, 1951.

O descaminho do romance nacional. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 13 jul. 1952.

A psicologia do original. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 21 set. 1952. Suplemento Letras e Artes.

O conto e o aquisitivo poético. *Folha da Manhã*, Recife, 1 nov. 1952.

Considerando “A viúva branca” e o antiliterário jornalístico. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1 fev. 1953. Suplemento Letras e Artes.

A realidade na ficção. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 1 mar. 1953.

Relendo João Alphonsus - I. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 12 abr. 1953.

Relendo João Alphonsus - II. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 19 abr. 1953.

Saudação ao poeta. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 abr. 1953.

Relendo João Alphonsus - III. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 maio 1953.

Não culpemos a língua. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 20 set. 1953.

Dois novos e o anti-machadianismo. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17 jan. 1954.

Alphonsus lembrado. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 20 mar. 1955.

À procura de uma tradição. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 maio 1955.

Realidades e perspectivas da ficção nacional. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 21 jun. 1955.

A arte em seu sub-solo. Considerações em torno da natureza da arte - I. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 21 ago. 1955.

O signo e outros poemas. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 out. 1955.

A arte como expressão do permanente transitório - II. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1956.

O problema da duração das obras de arte - III. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 jun. 1956.

Três problemas da ficção nacional. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 1, p. 39-54, ago. 1957.

A arte e a política- IV. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 set. 1956.

A arte como instrumento de humanização da natureza. *Para Todos*, Rio de Janeiro, n. 42-43, fev. 1958.

A fundação do mundo imaginário. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 2, p. 5-30, jul. 1958.

Capítulo de romance. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 3, p. 21-33, 1960.

Esclarecendo uma posição. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 jun. 1960.

Corção discute *Tendência*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 jul. 1960.

Gabriela, cravo e canela. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 mar. 1961.

A implantação do ficcionismo - I. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 mar. 1961.

Prospecção criadora. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 abr. 1961.

Prospecção criadora - II. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 abr. 1961.

Momento histórico. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 abr. 1961.

A implantação do ficcionismo - II. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 abr. 1961.

Roteiro sentimental e lírico. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 maio 1961.

Guerra ao obscurantismo. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 maio 1961.

A valorização do estético e o problema da sua integração no tempo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jun. 1961.

A implantação do ficcionismo - III. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 jun. 1961.

A implantação do ficcionismo - IV. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 jul. 1961.

A implantação do ficcionismo - V. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 ago. 1961.

A busca concretista. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 ago. 1961.

A implantação do ficcionismo - VI. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 set. 1961.

A oportunidade chegou. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 out. 1961.

Concretismo e nacionalismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 out. 1961.

A implantação do ficcionismo - VII. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 dez. 1961.

A implantação do ficcionismo - VIII. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1962.

A implantação do ficcionismo - IX. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 1962.

A implantação do ficcionismo. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 4, p. 744, 1962.

Em torno da crítica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 dez. 1963.

O espaço na ficção - I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 fev. 1967. Suplemento Literário.

O espaço na ficção - II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 fev. 1967. Suplemento Literário.

Processo da linguagem, Processo do homem, em *Cara de Bronze*. Separata da *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin, Madison, Wisconsin, USA, v. 4, n. 1, June 1967.

Minas redescoberta. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 set. 1967. Suplemento Literário.

Graciliano e o contexto social brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 maio 1968. Suplemento Literário.

Centenário de Rodrigo M. F. de Andrade. O fundador de museus. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 ago. 1968. Pensar.

Cão sem coleira. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 set. 1968. Suplemento Literário.

A estratégia narrativa de S. Bernardo. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 nov. 1968. Suplemento Literário.

Processo da linguagem, processo do homem. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 ago. 1969. Suplemento Literário.

Modernidade que madrugou. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 ago. 1969. Suplemento Literário.

A instauração de uma vanguarda brasileira - I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 jan. 1970. Suplemento Literário.

A instauração de uma vanguarda brasileira II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 fev. 1970. Suplemento Literário

Decifração do código. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 set. 1970. Suplemento Literário.

Banquete antropofágico. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1971. Suplemento Literário.

Mário versus Oswald. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jul. 1971. Suplemento Literário.

A probabilidade do realismo na arte. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1971. Suplemento Literário.

Depois de *Macunaíma*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 maio 1972. Suplemento Literário.

Obsessão de autenticidade e/ou o equívoco de uma linguagem. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 nov. 1972. Suplemento Literário.

Sombras de reis barbudos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 mar. 1973. Suplemento Literário.

O *gauche* no tempo. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 abr. 1973. Suplemento Literário.

A astúcia da mimese. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8 set. 1973. Suplemento Literário.

A breve glória da morte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 out. 1973.

Velha/nova geração de escritores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 out. 1973. Suplemento Especial.

Uma poética de romance. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 jan. 1974. Suplemento Literário.

Escritores portugueses. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 mar. 1974. Suplemento Literário.

Um discípulo de Machado. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 set. 1974. Suplemento Literário.

Um mundo de galegos e cabras. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 out. 1974. Suplemento Literário.

A hora e a vez dos hispano-americanos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1975.

Meu projeto de ficcionista. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 26, jul. 1975.

Atlas: acervo arquitetônico de 500 anos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 out. 1975.

Gregório de Matos, visto por Fritz. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 mar. 1976.

Uma grande surpresa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 out. 1977.

Realidades e perspectivas de um Grupo de Museus e Casas Históricas. *Revista C. I. Arquitetura*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 74-75, 1977. 40 Anos do Patrimônio Histórico.

O espaço na ficção. *Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 7, p. 57, 1978.

A especificidade da literatura brasileira. *Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 9, 1979.

Um pensador da cultura no Brasil. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 jun. 1983. Suplemento Literário

Colectânea de Estudos em Homenagem a Rodrigues Lapa. Sua atividade no Brasil. *Anadia*, Portugal, 11 a 18 nov. 1984.

O romance brasileiro de hoje. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 dez. 1985. Suplemento Literário.

Murilo Rubião 40 anos de ex-mágico. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 fev. 1987. Suplemento Literário Especial.

Carlos Bracher, pintor ouropretano. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 20 jun. 1987. Suplemento Literário.

A revolução da modernidade (Resenha do livro *A máscara e o enigma*, de Bella Jozef). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 abr. 1988. Suplemento Literário.

Decepar Minas Gerais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 jun. 1988.

Universo de volumes e cores sobre Carlos Bracher. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 maio 1989. Cultura e Arte.

The Inconfidencia Museum: "treason" was patriotism on the eve of Brazil's Independence. In: GILLETTE, Arthur (Edit.). *Museum. Focus on the Portuguese spealng world*. Paris, n. 161, p. 17-21, 1989.

Le Musée de l'Inconfidência: la "trahison", mode d'expression du patriotisme à la veille de l'indépendance du Brésil. In: GILLETTE, Arthur (Edic.). *Museum. Regards sur des pays d'expression portugaise*. Paris, n. 161, p. 17-21, 1989. (Este artigo foi igualmente publicado em árabe e grego pela mesma Editora.)

- O sonho mais sonhado. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1990.
- A solução política. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 fev. 1990.
- Presépios mineiros. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 maio 1990.
- Compromisso com o menor autor intemporal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 set. 1990.
- O desafio de uma cidade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 out. 1990.
- A situação do livro no Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 out. 1990.
- Dois enfoques sobre a documentação do Período Colonial em Minas Gerais. Um museu da SPHAN. VIII Anuário do Museu da Inconfidência. Imprensa Universitária. Belo Horizonte, Ouro Preto, 1990.
- A situação do livro no Brasil. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 dez. 1991. Suplemento Literário. Edição Comemorativa do Centenário da Imprensa Oficial.
- O conto em Minas Gerais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 jan. 1992.
- A linguagem de Rubião. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 mar. 1992.
- A linguagem de Rubião. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 mar. 1992.
- Um banquete na montanha. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 maio 1992.
- Estruturas do romance de Graciliano Ramos (trecho do estudo sobre *Vidas Secas*). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 set. 1992. Suplemento Literário comemorativo dos 100 anos de Graciliano Ramos.
- Preservação na área museológica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, p. 33-37, 1992.
- Produção editorial das Alterosas. *Caderno de Leitura*, São Paulo, Editora da USP, n. 4, mar.-abr. 1993.
- Verbete: Dicionário de Escritores de Brasília. Napoleão Valadares, 1994.
- Verbete: Dicionário Biográfico Imprensa Mineira. Patrocinado pela Caixa Econômica Federal, 17 maio 1995.

Tradição e modernidade. Seminário “Um desejo quase enraivecido de Rio - Mário de Andrade e o Rio de Janeiro”. Realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa em 25 out. 1995.

Arquivos valiosos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 nov. 1995.

Caminhos da ficção de Sabino. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 1996. Mais!

Lições de um mestre do romance. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jul. 1997. Pensar.

Comunicação planetária. A Internet em questão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 jul. 1997. Pensar.

Morte anunciada contraria situação atual do livro. *O Tempo*, Belo Horizonte, 24 ago. 1997.

Horizonte sustentado. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 set. 1997. Edição comemorativa dos 100 anos de Belo Horizonte.

Na Câmara de Vila Rica. Reparação ainda que tardia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 maio 1998. Pensar.

A criação do Museu da Inconfidência. *O Inconfidente*, Ouro Preto, 2ª quinzena de agosto de 1998.

O fundador de museus. Rodrigo M. F. de Andrade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 ago. 1998. Pensar.

O patriarca. In: *Scripta* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiros. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 2, n. 3, p. 251-257, 2º sem. 1998. Número Especial de Guimarães Rosa.

O patriarca. João Guimarães Rosa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 set. 1998. Pensar.

O desenho da Inconfidência hoje. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, abr. 1999. Suplemento Literário.

Minuciosa desmontagem. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, set. 1999. Edição do Suplemento Literário pela data de 5 anos de morte do escritor Ildeu Brandão.

Ainda que tardia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 maio 2000. Pensar.
Repressão à Inconfidência ainda hoje. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23
abr. 2002. Suplemento Literário.

Intelectual de seu tempo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 jun. 2003.

RESENHAS

Ensaio escolhido. Oswaldino Marques. *Luso-Brazilian Review*. Madison,
Wisconsin, USA, v. 7, n. 1, p. 84, Summer 1970.

Drummond, o gauche no tempo. Affonso Romano de Sant' Anna. *Revista
Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 10, p. 89, nov. 1972.

Murilo Mendes. Laís Corrêa de Araújo. *Revista Colóquio/Letras*, Portugal,
n. 11, p. 91, jan. 1973.

O lúdico e as projeções do mundo barroco. Affonso Ávila. *Revista
Colóquio/Letras*, Portugal, n. 13, p. 91, maio 1973.

A astúcia da mimese. José Guilherme Merquior. *Revista Colóquio/Letras*,
Lisboa, n. 14, p. 96, jul. 1973.

Uma poética de romance. Autran Dourado. *Revista Colóquio/Letras*,
Lisboa, n. 15, p. 97, set. 1973.

Escritores portugueses. Nelly Novaes Coelho. *Revista Colóquio/Letras*,
Lisboa, n. 16, p. 97, nov. 1973.

A face visível. Fábio Lucas. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 18, p.
89, mar. 1974.

As meninas. Lygia Fagundes Telles. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n.
19, p. 92, maio 1974.

Literatura e consciência nacional. Fritz Teixeira de Salles. *Revista
Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 20, p. 95, jul 1974.

O espaço reconquistado. Bella Jozef. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa,
n. 24, p. 89, mar. 1975.

O pirotécnico Zacarias. Murilo Rubião. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 25, p. 96, maio 1975.

Poesia e protesto em Gregório de Matos. Fritz Teixeira de Salles. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 28, p. 95, nov. 1975.

Lima Barreto e o espaço romanesco. Osman Lins. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 37, p. 96, maio 1977.

Carlos Drummond de Andrade. Silviano Santiago. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 38, p. 97, jul. 1977.

Só e contra tudo. *Pedra de Calcutá*, de Caio Fernando Abreu. *Revista Veja*, São Paulo, 19 out. 1977.

O mal do homem. *Os agricultores arrancam paralelepípedos*, de Mário Garcia de Paiva. *Revista Veja*, São Paulo, 9 nov. 1977.

Iscas. *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector. *Veja*, São Paulo, 8 fev. 1978.

Lúcida loucura. *A lua vem da Ásia*, de Campos de Carvalho. *Veja*, São Paulo, 22 fev. 1978.

Viagem no tempo. *O valete de espadas*, de Gerardo Mello Mourão. *Veja*, São Paulo, 15 mar. 1978.

Blaise Cendrars contra Mário e Oswald. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 42, p. 73, mar. 1978.

Paraíso de quintal. *Macacos me mordam*, de Wander Piroli. *Veja*, São Paulo, 10 maio 1978.

Fontes mágicas. *A casa do girassol vermelho*, de Murilo Rubião. *Veja*, São Paulo, 13 set. 1978.

O negro no museu brasileiro. Escravidão. Congresso Internacional - Universidade de São Paulo. São Paulo. Publicada no catálogo. Programa e Resumos, 7 a 11 jun. 1988.

PUBLICAÇÕES AVULSAS

Prefácio. In: AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1974.

Prefácio. In: DUPRAT, Régis (Coord.). *Acervo de manuscritos musicais*. Coleção Francisco Curt Lange. Compositores Mineiros dos séculos XVIII e XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

Prefácio. In: DUPRAT, Régis (Coord.). *Acervo de manuscritos musicais*. Coleção Francisco Curt Lange. Compositores Mineiros dos séculos XVI e XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1994.

No viaduto da Floresta. In: ARAÚJO, Laís Corrêa de (Org.). *Sedução do Horizonte* (Antologia). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

Comei-vos uns aos outros. Texto de apresentação para exposição no Museu da Inconfidência. Ouro Preto - MG, 1992. Livro publicado em 2001. *Estúpido Brasil*. A presença do índio na obra de Clécio Penedo. Textos de Luiza Helena Oliveira da Silva e André Luiz Faria Couto, 2001.

Procura de caminho. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

OUTRAS PUBLICAÇÕES: CULTURA, ARTE E HISTÓRIA

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS

Museu da Inconfidência: textos de Francisco Iglésias e Rui Mourão. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1984.

O alemão que descobriu a América. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

A nova realidade do Museu. Ouro Preto: MinC-SPHAN-Museu da Inconfidência, 1994.

Prefácio. In: MOURÃO, Rui et al. *O Museu da Inconfidência*. São Paulo: Banco Safra, 1995.

A criação do Museu da Inconfidência. *O Inconfidente*. Ouro Preto, ago. 1998.

ARTIGO EM PERIÓDICO ESPECIALIZADO

O museu como panteão. *Revista Única*, Ouro Preto e região, s./d.

ATIVIDADES DE EDITORAÇÃO

Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, v. 5, 1978.

Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, v. 6, 1979.

Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, v. 7, 1984.

Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, v. 8, 1990.

Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, v. 9, 1993.

Isto é Inconfidência. Ouro Preto: MINC-IPHAN - Museu da Inconfidência desde 1998.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 1, n. 1, 1999.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 1, n. 2, 1999.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 2, n. 3, 2000.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 2, n. 4, 2000.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 2, n. 5, 2000.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 2, n. 6, 2000.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 3, n. 7, 2001.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 3, n. 8, 2001.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 4, n. 9, 2002.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 4, n. 10, 2002.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 5, n. 11, 2003.

Isto é Inconfidência. Boletim Informativo do Museu da Inconfidência, ano 5, n. 12, 2003.

Oficina do Inconfidência. Revista de Trabalho, Ouro Preto, ano 1, n. 0, dez. 1999.

Oficina do Inconfidência. Revista de Trabalho, Ouro Preto, ano 2, n. 1, dez. 2001.

Oficina do Inconfidência. Revista de Trabalho, Ouro Preto, ano 3, n. 2, 2003.

ORGANIZAÇÃO DE NÚMEROS ESPECIAIS SUPLEMENTO LITERÁRIO DO *MINAS GERAIS*

Portugal - A literatura nova, Belo Horizonte, n. 131, 1 mar. 1969.

Portugal - A literatura nova (II), Belo Horizonte, n. 132, 8 mar. 1969.

Emílio Moura: atualidade do poeta. Belo Horizonte, 12 abr. 1969.

Emílio Moura: atualidade do poeta (II). Belo Horizonte, 19 abr. 1969.

Bárbara Heliodora - com a colaboração de Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 24 maio 1969.

Bárbara e Alvarenga (II). Belo Horizonte, 31 maio 1969.

Auto de levantamento da Vila de São João del Rei. Belo Horizonte, 7 jun. 1969.

Edição Especial do 3º Aniversário (I), Belo Horizonte, n. 155, 16 ago. 1969.

Edição Especial do 3º Aniversário (II), Belo Horizonte, n. 156, 23 ago. 1969.

Bicentenário de *O Uruguay* - poema de José Basílio da Gama. Belo Horizonte, 20 dez. 1969.

No convívio poético de Henriqueta Lisboa. Belo Horizonte, n. 182, 21 fev. 1970.

Suplemento Literário, *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 183, 28 fev. 1970.

Cristiano Martins: poeta e ensaísta. Belo Horizonte, n. 186, 9 maio 1970. (A seleção de poemas publicados neste número foi feita com a colaboração de Affonso Ávila.)

Suplemento Literário, *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 193, 16 maio 1970.

Bernardo Guimarães: lírico e sertanista - com a colaboração de J. Guimarães Alves. Belo Horizonte, 18 jul. 1970.

Curt Lange - o descobridor. I. Belo Horizonte, 16 jun. 1973.

Curt Lange - o descobridor. II. Belo Horizonte, 23 jun. 1973.

Rosa Cordisburgo, Rosa amor. I. Belo Horizonte, 23 mar. 1974.

Rosa Cordisburgo, Rosa amor. II. Belo Horizonte, 30 mar. 1974.

Manuel Rodrigues Lapa. Belo Horizonte, 1º mar. 1975.

ENTREVISTAS

Entrevista com José Afrânio Moreira Duarte. In: *Palavra puxa palavra – Entrevistas*. São Paulo: Editora do Escritor.

Retrospecto de 1955. Entrevista de Rui Mourão concedida a Maria Luiza Ramos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 jan. 1956. *Jornal Literário*.

Letras mineiras. Rui Mourão. Entrevista concedida a *Gazeta*. *Gazeta*, São Paulo, 6 fev. 1956.

Fábio Lucas em 6 respostas. Entrevista a Assis Brasil sobre a revista *Tendência*. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 45, 9 nov. 1957.

Entrevista sobre a revista *Tendência*, concedida a Affonso Romano de Sant'Anna. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 mar. 1958.

A atividade literária não visa a compensações. Entrevista concedida a Teresinha Alves Pereira. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 nov. 1960.

Depoimento concedido a Fábio Lucas. *Binômio*, Belo Horizonte, 21 ago. 1961.

O romance de Faulkner resolveu o problema do espaço, mas imobilizou o tempo. Entrevista concedida a Fábio Lucas. *Binômio*, Belo Horizonte, 5 jun. 1961.

Entrevista com Rui Mourão. Entrevista concedida a Luís Márcio Viana. Tradução de Pedro Simon Salvador. *Nueva Narrativa Hispanoamericana*, v. 3, n. 1. Nova York, jan. 1973.

O carnaval mineiro segundo Rui Mourão. Entrevista concedida ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 nov. 1973.

O carnaval segundo Rui Mourão. Entrevista concedida ao Suplemento Literário do *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jan. 1974.

Sonho do carnaval (segundo Rui Mourão). Entrevista concedida ao *Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 4 abr. 1975.

Declaração de amor à vida. Entregando-me à refrega, como um santo guerreiro. Depoimento ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 nov. 1976.

Encontro com Rui Mourão. Entrevista concedida a José Afrânio Moreira Duarte. Suplemento Dominical do *Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 29 out. 1978.

Rui Mourão. Conheça este escritor (mineiro) que será editado na Europa e nos EE.UU. Entrevista concedida a Carlos Herculano. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 19 a 25 fev. 1978.

Rui Mourão. A estratégia de envolver o leitor. Entrevista concedida a Miriam Chrystus. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 11 a 17 nov. 1979.

Depoimento do escritor Rui Mourão. Encontro de escritores em Bauru. *Revista Mimesis*, Bauru, n. 1, p. 159, 1979.

Jardim Pagão, um retrato de Belo Horizonte, segundo Rui Mourão. Entrevista concedida ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 out. 1979.

Depoimento a Airton Guimarães, que sob o título de Um check-up da atual literatura mineira, entrevistou diversos escritores. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 jun. 1981.

Cavalos de Aço. A imagem medieval do homem moderno. Entrevista concedida a Maurílio Torres. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1983.

Jardim Pagão ou a mitologia do paraíso bem brasileiro. Entrevista concedida ao *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 16 a 22 dez. 1979.

Uma palavra aos jovens em *Monólogo do Escorpião*. Entrevista concedida a Ângela Faria. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 21 a 27 ago. 1983.

Fiquem atentos: vai falar Rui Mourão, autor de *Monólogo do Escorpião*. Entrevista concedida ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 ago. 1983.

Em *Monólogo do Escorpião*, Rui Mourão recria mundo das motocas. Entrevista concedida a Carlos Menezes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1983.

Rui Mourão em novo livro: a juventude urbana em debate. Depoimento ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jul. 1983.

O romancista fala sobre *Monólogo do Escorpião*. Entrevista concedida a Geraldo Magalhães. *Estado de Minas*, Belo Horizonte,

Museu da Inconfidência ganha o livro que merecia. Entrevista concedida ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 abr. 1984.

Tendência resultou na identificação das fontes geradora de nossa cultura. Depoimento a Márcio Almeida. Suplemento Literário, *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 17 out. 1987.

O Alemão que Descobriu a América. Livro revê a obra. Entrevista concedida ao *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jul. 1990.

Sou admirador incondicional da juventude. Para mim ela sempre está com a razão. Entrevista concedida a Ione Bernadete. *Minas Gerais, Especial*, Belo Horizonte, 7 nov. 1991.

Uma província cosmopolita. Entrevista concedida a Maurílio Torres. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1992.

Uma sedutora ficção sobre Ouro Preto. Entrevista concedida a Severino Francisco. *Jornal de Brasília*, Brasília, 2 set. 1992.

Boca de Chafariz traz personagens de Ouro Preto. Entrevista concedida a Mariluce Fernandes. *Correio Braziliense*, Brasília, 2 set. 1992.

Rui Mourão, em seu novo livro, traça um importante paralelo entre os museus e a história. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1995.

Entrevista concedida a *Tribuna Livre*, Ouro Preto, ago. 1995.

Rui Mourão. Depoimento feito para o Suplemento da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, maio 1998.

Vereda Literária conversa com o romancista e ensaísta Rui Mourão. Entrevista concedida a Helton Gonçalves de Souza. Produção da Uni-BH e TV Cultura, Belo Horizonte, 3 abr. 1999.

Suplemento Literário. Depoimento público, gravado, a Anelito de Oliveira, no Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, 2001.

Lançamento de *Invasões no Carrossel*. Entrevista concedida a José Maria Rabelo. TV Metrópole, Canal 30, Belo Horizonte, nov. 2001.

Entrevista com Rui Mourão, que acaba de publicar *Invasões no Carrossel*. Entrevista concedida a Jack Siqueira. TV Comunitária de Belo Horizonte, Canal 13 dez. 2002.

Semana de Arte Moderna de 1922. Entrevista concedida a Jack Siqueira. TV Comunitária de Belo Horizonte, Canal 13, 20 fev. 2003.

Eterno ficcionista. Depoimento concedido a Alécio Cunha. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 19 out. 2003.

Museu da Inconfidência – A Construção de um Ideal. Entrevista concedida ao portal *Revista Museu* – cultura levada a sério, Rio de Janeiro, 20 out. 2003.

Carrossel das circunstâncias. Entrevista concedida a Alécio Cunha. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 4 nov. 2001.

BIBLIOGRAFIA SOBRE RUI MOURÃO

AS RAÍZES

ALVES FILHO, Ernesto. Livros & autores: *As Raízes*. *Correio Popular*, Campinas, 27 jan. 1957.

ÁVILA, Affonso. Uma experiência de técnica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1957.

ÁVILA, Affonso. A novela de Rui Mourão. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1956.

ÁVILA, Affonso. A novela de Rui Mourão, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 dez. 1956.

BRANDÃO, Jacques do Prado. *As Raízes*. *Folha de Minas*, 18 nov. 1956.

BRANDÃO, Jacques do Prado. *As Raízes*. *Folha de Minas*, 5 dez. 1956.

- BRASIL, Assis. Crítica de ficção: *As Raízes*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1958. Suplemento Dominical.
- BROCA, Brito. *As Raízes*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 dez 1956. 1º Caderno.
- CAVALCÂNTI, Valdemar. *As Raízes*. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1957.
- CAVALHEIRA, Edgard. A semana e os livros: uma novela premiada. *Estado de S. Paulo*, 29 dez. 1956.
- COUTINHO, Afranio. Sobre o concurso. *Diário carioca*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1955.
- CRUZ, Geraldo Dias da. Notas Literárias. *Jornal de Cuiabá*, Mato Grosso, 1956.
- DANTAS, Paulo. *As Raízes*, de Rui Mourão e *Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodvalho*. *A Gazeta*, São Paulo, 1 fev. 1957.
- D'ELIA, Antônio. Ficção Urbana. *Revista Anhembi*, n. 76, mar. 1957.
- ETIENNE FILHO, J. *As Raízes*. *O Diário*, 28 dez. 1956.
- LEITE, José Roberto Teixeira. 1956: nas letras. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1957. Secção Literatura e Arte.
- LEITE, José Roberto Teixeira. Ficção, arma secreta de Minas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1957.
- LEITE, José Roberto Teixeira. Um livro: *As Raízes*, de Rui Mourão. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1956.
- LUCAS, Fábio. Uma tendência na ficção mineira. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 nov. 1957. *Jornal Literário*.
- LUCAS, Fábio. *As Raízes*: romance patológico. *Diário de Minas*, 18 nov. 1956.
- LUCAS, Fábio. Uma tendência na ficção mineira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1957.

- MALHEIROS, Leandro. *As Raízes. Estado de Minas*, 23 dez. 1956.
- MEIRA, Mauritônio. O livro brasileiro: *As Raízes. Para Todos*, Rio de Janeiro, n.21 e 22, mar-abr. 1957.
- MEIRA, Mauritônio. O livro brasileiro: *As Raízes. Revista Municípios Mineiros*, abr. 1957.
- MEIRA, Mauritônio. *As Raízes. Última hora*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1956.
- MENDES, Oscar. Contos e novelas. *O Diário*, Belo Horizonte, 24 mar. 1957.
- RAMOS, Maria Luiza. Retrospecto de 1955: Rui Mourão acredita numa nova revolução estética. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 nov. 1956.
- RAMOS, Maria Luiza. Um herói singular. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1956.
- RAMOS, Maria Luiza. Panorama de 1956: “os mais” do ano. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 dez. 1956. *Jornal Literário*.
- RAMOS, Maria Luiza. *As Raízes. Estado de Minas*, 8 dez. 1956.
- RAMOS, Maria Luiza. Concurso literário da prefeitura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 dez. 1956.
- SALES, Franklin. *As Raízes. Folha de Minas*, 30 dez. 1956.
- SALLES, Fritz Teixeira de. *As Raízes*, o livro do momento. *Diário de Minas*, 9 dez. 1956.
- SCHNEIDER, Otto. Livros: novidades. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1957.
- SILVA, Jair. Oropa, França e Bahia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 nov. 1956.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *As Raízes*, romance de Rui Mourão. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 jan. 1957.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Desumanização da Arte. *Diário de Minas*, 9 dez. 1956.

ESTRUTURAS

ARAÚJO, Laís Corrêa. Rui Mourão e o Romance de Graciliano. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 fev. 1969. Suplemento Literário.

ÁVILA, Affonso. O Graciliano que nos interessa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1969.

BARRETO, Lázaro. Livro de Rui Mourão. *A Semana*, Divinópolis, 25 maio 1969.

BRASIL, Assis. Graciliano Ramos (III). *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jun., 1969.

COELHO, Nelly Novaes. Resenha bibliográfica: Crítica Estruturalista. *Estado de S. Paulo*, São Paulo.

COELHO, Nelly Novaes. Estruturas e Críticas. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, abr. 1969.

COELHO, Nelly Novaes. Rui Mourão e o Estruturalismo Crítico. *Letras de Hoje*: revista da PUC-RS: Globo, n. 4, jun-set. 1969.

COELHO, Nelly Novaes. *Estruturas*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 jul. 1969.

GARBUGLIO, José Carlos. *Estruturas*: ensaio sobre o romance de Graciliano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 7, p. 115-117, 1969.

GUERRA, José Augusto. Dificuldades de um método de crítica (I). *Correio Braziliense*, Brasília, 21 mar. 1970.

GUERRA, José Augusto. Dificuldades de um método de crítica (II). *Correio Braziliense*, Brasília, 4 abr. 1970.

LINHARES, Temístocles. O comichão estruturalista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 jan. 1970.

LINS, Osman. Um aniversário sóbrio como sua prosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 out. 1972. Caderno B.

- LIMA, Abdias. Leituras de Domingo. *Unitário*, Fortaleza, 7 mai. 1970.
- LIMA, Abdias. Homem, idéias paisagens. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 22 dez. 1971.
- LUCAS, Fábio. Uma viagem em torno da estrutura. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 1970.
- LUCAS, Fábio. Aspectos extrínsecos da obra literária. 1969, p. 90-91. Separata da *Revista do Livro*, n.38.
- MARQUES, Oswaldino. Rui Mourão e os labirintos gracilianos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 fev. 1970. Caderno de Sábado.
- MARQUES, Oswaldino. Rui Mourão e os labirintos gracilianos. *Correio Braziliense*, Brasília, 22 nov. 1969.
- MARQUES, Oswaldino. Rui Mourão e os labirintos gracilianos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 nov. 1969.
- MARQUES, Oswaldino. *Acoplagem no espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1989. 371 p. Rui Mourão e os labirintos gracilianos, p. 233-238.
- MIRANDA, Wander Melo. Prefácio. In: MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. 3. ed. rev. aum. Curitiba: UFPR, 2003.
- MOREIRA, Édison. *Estruturas: Graciliano Ramos*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 mar. 1969.
- MOUTINHO, Nogueira. Graciliano e seu crítico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, São Paulo, 24 ago. 1969.
- MOUTINHO, Nogueira. Graciliano e seu crítico. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 set. 1969.
- SANTIAGO, Silviano. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin Press, Winter, p. 89-95, 1969.
- SANTIAGO, Silviano. Compte-rendu: *Estruturas*, de Rui Mourão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 ago. 1969. Suplemento Literário.

CURRAL DOS CRUCIFICADOS

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Gente Livros & Bichos: Sobre Curral dos Crucificados. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 abr. 1975. Caderno Feminino.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Gente Livros & Bichos. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1 jul. 1973. Caderno Feminino.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Gente Livros & Bichos. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 ago. 1971.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Curral dos Crucificados. Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 nov. 1971.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Gente Livros & Bichos: Curral dos Crucificados. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 dez. 1972.

ANDRADE, Euclides Marques. *Gente, Livros & Fatos. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19 ago. 1971. Suplemento Literário.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Curral dos Crucificados*, de Rui Mourão. *O Dia*, Teresina, 19-20 dez. 1971.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Curral dos Crucificados. Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 3, set. 1971.

ÁVILA, Affonso. Realidade e metáfora num discurso ficcional. Separata da *Revista de Cultura Vozes*, v. 65, n. 2, 1971.

ÁVILA, Affonso. Realidade e Metáfora. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 nov. 1971. Suplemento Literário.

COELHO, Nelly Novaes. Entre lobo e cão e a redescoberta das realidades. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 15 jan. 1972. Suplemento Literário.

FRADE, Wilson. Notas de um repórter: Prêmios de literatura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 dez. 1971.

LOBO FILHO, Blanca. *Curral dos Crucificados. Books Abroad*, Oklahoma, Spring, 1972.

MARQUES, Oswaldino. *Curral dos Crucificados*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 11 mar. 1972. Suplemento Literário.

MARTINS, Wilson. Experiências romanescas I. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 nov. 1971.

NASCIMENTO, F. S. A técnica da narrativa em Rui Mourão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 set. 1972. Suplemento Literário.

PEREIRA, Teresinha Alves. *Corral de los crucificados*. *Vida Universitária*, México, 13 mayo 1973.

PEREIRA, Teresinha Alves. O Curral outra vez. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 nov. 1972. Suplemento Literário.

REIS, Edgard Pereira dos. MOURÃO, Rui. *Curral dos Crucificados*. Belo Horizonte. Tendência, 1971. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov. 1971.

SALLES, Fritz Teixeira de. Da Fábula ao texto I. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27 nov. 1971. Suplemento Literário.

SALLES, Fritz Teixeira de. Da Fábula ao texto II. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 dez. 1971. Suplemento Literário.

SALLES, Fritz Teixeira de. Muralismo na Ficção. *Correio Braziliense*, Brasília, 10 dez. 1971.

SALLES, Fritz Teixeira de. Da Fábula ao texto III. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 dez 1971. Suplemento Literário.

SALLES, Fritz Teixeira de. Da Fábula ao texto IV. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 dez. 1971. Suplemento Literário.

SALLES, Fritz Teixeira de. Muralismo na Ficção II. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 dez. 1971. Caderno Cultural.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Anti-crítica ao livro do Rui. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8 abr. 1972. Suplemento Literário.

SANTARRITA, Marcos. "Novo" e "velho" - critérios falsos de julgamento. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1972.

SANTIAGO, Silvano. Vira, vira, vi...ra. Virou! *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 out. 1971. Suplemento Literário.

VIEIRA, Luís Gonzaga. *Curral dos Crucificados I. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 jun. 1972. Suplemento Literário.

VIEIRA, Luís Gonzaga. *Curral dos Crucificados II. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 jun. 1972. Suplemento Literário.

VIEIRA, Luís Gonzaga. *Curral dos Crucificados III. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24 jun. 1972. Suplemento Literário.

CIDADE CALABOUÇO

ALMEIDA, Lúcia Machado de. O carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1974. Caderno Feminino.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Gente, Livros & Bichos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 mar. 1980. Caderno Feminino.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Sobre *Cidade Calabouço* de Rui Mourão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 ago. 1976.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Rui Mourão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 nov. 1973.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Rito do caos. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 fev. 1974.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Rito do caos, *Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 fev. 1974. Suplemento Literário.

ARAÚJO, Henri Corrêa. Gente, Livros & Bichos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 jun. 1974. Caderno Feminino.

CABRAL, Astrid. MOURÃO, Rui. *Cidade Calabouço*. São Paulo: Edições Quiron, 1973. *José*, n. 2, ago, 1976, p. 53.

COELHO, Nelly Novaes. Quando a cidade deixar de ser calabouço. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1974.

- COELHO, Nelly Novaes. O Carnaval mítico: a festa popular entra em *Cidade Calabouço* como elemento social na narrativa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 fev. 1974. Suplemento Literário.
- GIUDICE, Victor. A cidade mágica de Rui Mourão. *O Fluminense*, n. 92, 21 jul. 1974.
- HOHLFELDT, Antônio. O novo romance de Rui Mourão. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 mai. 1974.
- HOHLFELDT, Antônio. O novo romance de Rui Mourão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 jun. 1974. Suplemento Literário.
- JOZEF, Bella. MOURÃO, Rui. *Cidade Calabouço*. São Paulo: Edições Quiron, 1973. *Revista Iberoamericana*, n. 91, p. 374-376, abr-jun. 1975.
- JOZEF, Bella. Espaço como verdadeiro “Topos”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8 maio 1976. Suplemento Literário.
- JOZEF, Bella. O espaço redimensionado na ficção. *Letras*, Curitiba, jul. 1976.
- LUCAS, Fábio. Tensão e inércia em *Cidade Calabouço*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 mar. 1974. Suplemento Literário.
- LUCAS, Fábio. *Cidade Calabouço*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 2 abr. 1974.
- MARQUES, Oswaldino. Derrubada e reconstrução. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 20 abr. 1974. Suplemento Literário.
- MOURÃO, Rui. Sonho de Carnaval (segundo Rui Mourão). *Grande BH*, Belo Horizonte, 4 abr. 1975. Terceiro Caderno.
- NUNES, Benedito. Vertentes. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 3 ago. 1974.
- NUNES, Benedito. Cultura e ficção: a interiorização do carnaval na literatura moderna. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1974. Suplemento Literário.
- ORGAZ, Isaura. A transgressão narrativa e do discurso em *Cidade Calabouço*. *Mimesis*, Bauru, v. 1, n. 1, 1979.
- PEREIRA, Teresinha Alves. Nueva narrativa brasileña. *Vida Universitaria*, México, 24 mar. 1974.

PEREIRA, Teresinha Alves. Do curral ao calabouço. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 jul. 1974.

SALLES, Fritz Teixeira de. Um carnaval diferente. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19 out. 1974. Suplemento Literário.

SANTOS, Marlene. *Cidade Calabouço: o processo duplo do ritual*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 dez. 1974. Suplemento Literário.

JARDIM PAGÃO

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Rui Mourão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 jan. 1980. Feminino.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Jardim Pagão*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 jan. 1980. Feminino.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Rui Mourão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 out. 1979.

LOPES, Carlos Herculano. Década de 70: muita coisa sobre a cidade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 nov. 1980, p.5.

LUCAS, Fábio. Entre a claridade do riso e o negror do patético. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1980.

MARQUES, Oswaldino. Na fronteira do cinema. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 nov. 1980.

NASCIMENTO, F. S. Rui Mourão, ficcionista. *O Povo*, Fortaleza, 19 set. 1980.

NASCIMENTO, F. S. *Jardim Pagão: um modelo de apocalipse*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 dez. 1980.

SAENZ, Monique P. *Jardim Pagão*. *Literatura*, Boulder, n. 13, p. 9-10, jul. 1984.

SALLES, Fritz Teixeira de. Uma alegoria barroca. *Leia Livros*, São Paulo, jun. 1980.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Jardim Pagão*, cinema ou ficção? *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 nov. 1979.

SOUZA, Márcia Luzia d'Ávila. *Jardim Pagão*, ou a mitologia do paraíso bem brasileiro. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 16 a 22 dez. 1979.

VASCONCELOS, José Mauro de. Contracapa: *Jardim Pagão*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 out. 1979.

MONÓLOGO DO ESCORPIÃO

ALMEIDA, Lauro. Ouro, no cofre. *Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 1º set. 1983.

ALMEIDA, Mauro. *Monólogo do Escorpião*. *Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 19 jul. 1983.

BONADIO, Geraldo. Liberdade é coisa que se agarra com as mãos. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 4 set. 1983.

BRAIT, Beth. Os jovens motoqueiros, atropelando o autor do livro. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1983.

BUELONI, Marisa Fillet. *Monólogo do Escorpião*. *O Diário*, Piracicaba, São Paulo, 17 set. 1983.

CAMPOMIZZI FILHO. De motocas e motoqueiros. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, 1º set. 1983.

CAMPOMIZZI FILHO. Motores envenenados. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 out. 1983. Suplemento Literário.

COUTINHO, Edilberto. Na síntese do real, a denúncia não presa a dogmas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1983.

FARACO, Sérgio. *Monólogo do Escorpião*. *Gazeta do Alegrete*, Alegrete, 19 jul. 1984.

GOMES, Duílio. O romance envenenado de Rui Mourão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 ago. 1983.

- JOSEF, Bella. Rui Mourão. *Monólogo do Escorpião. Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 76, nov. 1983.
- JOSEF, Bella. A procura do novo e a busca da eterna liberdade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1983.
- LEITE, Alciene Ribeiro. Monólogo dos tristes. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 jan. 1984.
- MAIA, Adinoel Motta. Discurso (mineiro) de liberdade. *Jornal da Bahia*, Salvador, 24 jan. 1983.
- MARQUES, Oswaldino. O escorpião eloqüente. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 jan. 1984. Suplemento Literário.
- MENEZES, Carlos. Em *Monólogo do Escorpião*, Rui Mourão recria mundo de motocas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1983.
- MGUEL, João José. *Monólogo do Escorpião. Jornal de Brasília*, Brasília, 2 ago. 1983.
- PEREIRA, Edgard. *Monólogo do Escorpião: travessia ambígua. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 maio 1985. Suplemento Literário.
- PEREIRA, Teresinha. Rui Mourão e o *Monólogo do Escorpião*. In: PEREIRA, Teresinha. *Considerações interpretativas de autores e textos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.
- RONCARI, Luiz. Pau na máquina, rock rural. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1983.
- SÁ, Jorge de. Laranja podre. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1983.
- SÁ, Jorge de et. al. Sobre *Monólogo do Escorpião*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27 ago. 1983. Suplemento Literário.
- SILVA, Dionísio. Motoqueiro ou jagunços? *Isto É*, São Paulo, 3 ago. 1983.
- SOUZA, Edivar. *Monólogo do Escorpião: juventude urbana em romance. Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 23 jul. 1983.

BOCA DE CHAFARIZ

BUENO, Luís. *Boca de Chafariz: Fantasmas do presente. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 abr. 1999.

COELHO, Haydée Ribeiro. *Boca de Chafariz: uma escrita múltipla do tempo. Revista de Estudos de Literatura*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 170-171, 1993

COUTINHO, Afrânio. *Boca de Chafariz. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 abr. 1992.

CUNHA, Alécio. Passado e presente se fundem na Ouro Preto de Rui Mourão. *Jornal de Casa*, 8 a 14 mar. 1992, p. 10.

LINO SILVA, Jeanete Maria das Graças. *Boca de Chafariz: uma leitura em contraponto. Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 1995.

LUCAS, Fábio. Um Chafariz em Ouro Preto. *Jornal da Tarde*, 25 abr. 1992.

MACIEL, Luís Carlos Junqueira. *Boca de Chafariz: as águas rolam no tempo. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 out. 1998.

MALARD, Leticia. Tiradentes - o super-homem. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 1995.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Boca de Chafariz. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 jul. 1992. Segunda Seção.

PAES, José Paulo. Ouro Preto sob o peso do passado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 mar. 1992.

SALLES, José Bento Teixeira de. *Boca de Chafariz. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 mar. 1992.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Palavras de amigos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1992.

SANTOS, Jorge Fernando dos. Rui Mourão lança amanhã romance sobre Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 mar. 1992. Segunda Seção, p. 8.

TORRES, Maurílio. Uma província cosmopolita; Ouro Preto é o cenário de um romance que mistura a glória do passado com problemas atuais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1992.

SERVIDÃO EM FAMÍLIA

ARREGUY, Clara. Poder e decadência em família. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 mar. 1997. Espetáculo.

BUENO, Luís. A estrutura imperfeita do tempo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1997. Mais!

CUNHA, Alécio. *Servidão em Família* remexe o baú. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 29 dez. 1996. Cultura.

GOMES, Duílio. Como implodir uma fortuna. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 jan. 1997. Espetáculo.

LOPES, Carlos Herculano. As idéias que se traduzem em palavras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 jan. 1997. Fim de Semana.

MARQUES, Oswaldino. A estrutura que engendra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1998. Pensar.

MARTINS, Wilson. Dramas familiares temperam romances. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 mar. 1997. Prosa & Verso.

INVASÕES NO CARROSSEL

CRUZ, Adécio de Souza. Dialética da perplexidade. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, Secretaria de Cultura de Minas, jan. 2001.

LEITÃO, Claudio. Collor e Lamarca. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 2002. Jornal de Resenhas.

LOPES, Carlos Herculano. O Brasil no foco do romance. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 nov. 2001. Cultura.

MALARD, Letícia. Ficção recria as invasões trágicas que o Brasil viveu na era collorida. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jul. 2002.

MARTINS, Wilson. Uma tragédia brasileira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 jun. 2002.

SOBRE O ROMANCE EM GERAL

LAFETÁ, João Luiz. O romance atual. Considerações sobre Oswaldo França Júnior, Rui Mourão e Ivan Ângelo. Seminário de Ficção Mineira II – De Guimarães Rosa aos nossos dias. Conselho Estadual de Cultura. Belo Horizonte, 1983.

NASCIMENTO, F. S. A técnica narrativa em Rui Mourão. *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos*. Fortaleza: Casa de José de Alencar. Programas Culturais, 1990.

WERNECK, Ronaldo. Vanguarda nas gerais: Flash – Linha Mineira. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, n. 10, 1973.

DISSERTAÇÕES

ORGAZ, Isaura. *O processo mimético na criação de Cidade Calabouço*. Bauru: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, 1976. (Dissertação de Mestrado).

VIEIRA NETO, Agostinho. *Imagens de Vila Rica/ Ouro Preto no espaço narrativo: uma leitura intersemiótica de Os Sinos da Agonia e Boca de Chafariz*. Belo Horizonte: PUC-MG, 1996. (Dissertação de Mestrado).

TENDÊNCIA

A fundação do mundo imaginário. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 2, p. 5-30, jul. 1958.

A implantação do ficcionismo. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 4, p. 7-44, 1962.

ALMEIDA, Márcio. Estamos completando 20 anos de poesia concreta. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 out. 1976.

ALMEIDA, Márcio. *Tendência* – Há 30 anos nascia uma revista – marco da vida cultural mineira. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 ago. 1987.

ANGELO, Ivan. A arte é o homem: que a nação seja defendida nos comícios. *Tendência* (I). *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 3 jun. 1960.

ANGELO, Ivan. Das tendências de uma revista. *O Diário*, Belo Horizonte, 24 jun. 1960.

ANGELO, Ivan. Emílio Moura e Maria Luiza Ramos, trunfos da Revista. *Tendência* (IV). *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 7 jun. 1960.

ANGELO, Ivan. Gente, não há caminhos fora do escritor. *Tendência* (III). *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 6 jun. 1960.

ANGELO, Ivan. Lúcio Cardoso explica “Diário” e “Tendência” continua assunto. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 19 jun. 1960.

ANGELO, Ivan. Ser nacional não é escrever sobre temas nacionais. *Tendência* (II). *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 4 jun. 1960.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Uma revista. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jun. 1960.

ÁVILA, Affonso. O debate de idéias em Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 nov. 1957.

CARPEAUX, Otto Maria. *Tendência contemporânea*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 out. 1957.

CRESPO, Angel; BEDATE, Pilar Gómez. *Tendência: poesía y crítica en situación*. *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, v. 2, n. 5, p. 89-130, jun. 1963.

JOBIM, Renato. A literatura na berlinda. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro,

LUCAS, Fábio. Ler para criticar. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1960.

LUCAS, Fábio. Respostas preliminares. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 out. 1957.

- LUCAS, Fábio. Tendência n. 3. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1960.
- MARTINS, Heitor. Tendência. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 set. 1957.
- MOURÃO, Rui. Corção discute Tendência. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 jul. 1960.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. Tendência. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 20 set. 1957.
- REVISTAS. *O Semanário*. Rio de Janeiro, semana de 18-24 jun. 1960.
- RUI MOURÃO. A revista criou o clima favorável a Guimarães Rosa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 ago. 1987.
- SALES, Franklin Teixeira de. Tendência. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 7 jun. 1962.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Concretismo dá salto com Tendência. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 maio 1962.
- SANTIAGO, Silviano. Paulistas e mineiros. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, Rio de Janeiro, v.71, n. 1, p. 39-46, jun.-fev. 1971.
- SEBASTIÃO, Walter. A Tendência do concreto ao barroco. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 maio 1990.
- SIQUEIRA, Cyro. Tendência, os mitos e o nacionalismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 nov. 1957.
- TORRES, J. C. de Oliveira. Tendência e o nacionalismo. *O Diário*, Belo Horizonte, 3 nov. 1957.
- TRÊS PROBLEMAS da ficção nacional. *Tendência*, Belo Horizonte, n. 1, p. 39-54, ago. 1957.
- VIEIRA, Flávio Pinto. Uma certa tendência mineira. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 jun. 1960.

O ALEMÃO QUE DESCOBRIU A AMÉRICA

AFONSO, Osvaldo. A música mineira do século XVIII: lembrança de ideais revolucionários. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 set. 1990. Cultura e Arte.

MAJOLA, Celso. Curt Lange e a música americana. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1990. Cultura.

PERALVA, Osvaldo. Salvado do incêndio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1990.

A NOVA REALIDADE DO MUSEU

LOPES, Carlos Herculano. Rui Mourão, em seu novo livro, traça um importante paralelo entre os museus e a história. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1995. Fim de Semana.

RUI MOURÃO E A CRÍTICA

SOBRE AS RAÍZES

Acresce ainda que, integrando a nossa melhor corrente literária, colocando-se ao lado, para somente citar mineiros, de jovens escritores como Fernando Sabino, Autran Dourado e Otto Lara Rezende, Rui Mourão, como aqueles, não é apenas um contador de histórias interessantes ou não, mas um artista preocupado com a arte da narração, com sua estrutura e sua composição, e como eles, é isso que parece seu principal valor, destaca-se por uma alta consciência artística e cuidado artesanal esmerado.

JACQUES DO PRADO BRANDÃO
(*Folha de Minas*, Belo Horizonte, 5 dez. 1956)

Com uma técnica surpreendente em estreante no terreno do romance, Rui Mourão consegue reforçar a personalidade obsessiva da personagem através da repetição freqüente do pensamento. (...) Merece ser mencionada ainda a dignidade com que o autor termina o romance, fugindo aos lances extremos que costumam ocorrer a romancistas que exploram a vida inconsciente. Nada de melodramático, nada que possibilite ao personagem a solução de seus problemas, ou o reconhecimento e sua anormalidade psicológica. Porque assim é a vida, e Rui Mourão, cômico de sua função de romancista, nos dá em *As Raízes* uma imagem da vida.

MARIA LUIZA RAMOS

(*Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 dez. 1956)

Fato importante ainda é como um autor tão jovem conseguiu nos dar um livro onde tudo foi estudado e calculado, lastrando uma construção equilibrada, onde todas as partes “funcionam” dentro e para o todo.

A julgar por esta sua experiência inicial, Rui Mourão será dentro de pouco tempo, um ficcionista autêntico e capaz de raro domínio sobre o gênero, seguro, humano e atento aos novos caminhos do homem e da cultura. E é isto que mais importa num escritor estreante: sua possibilidade futura, a perspectiva própria, a capacidade para se renovar e crescer em sua obra.

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES

(*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 dez. 1956)

Na linha da moderna novelística psicológica, o livro de Rui Mourão, escrito quando o autor tinha 24 anos, é dos mais assinalados fatos intelectuais do fim do ano.

WANDER MOREIRA

(*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1956)

Contrariando a propalada tendência dos ficcionistas mineiros para a introspecção, aí temos os exemplos de Guimarães Rosa e Mário

Palmério, ambos voltados para a terra, a paisagem natural e social das gerais. No entanto, neste fim de ano surge um estreante, Rui Mourão, com o seu romance *As Raízes*, dentro daquela conhecida tendência. O ambiente social quase não existe para o jovem escritor; o que o preocupa é somente o mundo interior dos personagens. Coloca-se assim na confluência de Cornélio Pena e Lúcio Cardoso e sob o signo de Julien Green. Seria difícil resumir esse romance, que não tem propriamente enredo e não passa de um debate de almas – almas enigmáticas e angustiadas, numa situação de perplexidade na vida, sem encontrar o caminho a seguir. Os personagens de Rui Mourão, desfilando à nossa frente num plano de claro-escuro, arrastando suas indecisões e seus anseios, numa luta surda contra as forças imponderáveis que os agitam. Daí a atmosfera um tanto sufocante do romance, carregado de mistério, cuja leitura não pode deixar de causar-nos certa perturbação.

BRITO BROCA

(*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1956)

Importante, ainda, em *As Raízes* é a unidade de atmosfera, é o estado de alma denso, formando um fundo idêntico, como uma sinfonia em surdina, desde o início até o fim do livro. Tão compacto é este sentimento criador em *As Raízes* que nós temos a impressão de que o autor escreveu seu trabalho de um jato.

Dentre outras qualidades de Rui Mourão, destacaria, sobretudo, o equilíbrio de linguagem, que ele atingiu logo em sua estréia, isto é realmente raro em escritores novos.

LEANDRO MALHEIROS

(*Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 dez. 1956)

Se fosse possível a afirmação de que a novela *As Raízes*, de Rui Mourão, nasceu sob a impressão profunda da leitura de uma outra obra de ficção, eu não duvidaria em afirmar que a fonte inspiradora da velha e promissora estréia do escritor mineiro tenha sido *Angústia* de Graciliano Ramos. E entretanto, a densidade do livro, o estudo psicológico que nele se desenvolve, o poder de observação revelado e tantas outras qualidades

superiores, estão a mostrar o romancista capaz de prosseguir, vitoriosamente, nos caminhos abertos pela sua decidida vocação literária.

FRANKLIN DE SALES

(*Folha de Minas*, Belo Horizonte, 30 dez. 1956)

Agora, dilatando o que já havia feito Valdomiro Autran Dourado na escala do romance psicológico e introspectivo, eis que surge Rui Mourão com tema difícil de ser encaixado em romance mais difícil ainda de ser inserido na linha vigente da novelística mineira. Seu romance, ou melhor, sua novela *As Raízes*, é um livro corajoso, honesto, até mesmo beirando a orla do científico, e temos que felicitar o autor pelo dom de síntese obtido. Em geral, tais meandros dos instintos e das almas, excetuando a concisão de Mauriac, se faziam sempre em alentados volumes no gênero romance-rio. *As Raízes* reinstala o romance psicológico em uma técnica segura, sendo que às vezes o tema da angústia o enquadra bem na mais moderna produção literária de gênero existencialista.

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

(*Folha da Manhã*, São Paulo, 20 jan. 1957)

O que à primeira vista se sobressai em *As Raízes* é o seu equilíbrio estrutural, é a contenção nos limites da novela de uma experiência de vida bastante complexa e que se desdobra em mais de uma dimensão. (...) A novela se divide em duas partes, a primeira abrangendo a fase de desajustamento social do personagem e a sua revolta contra a ordem ética, a segunda o período de dissolução moral que então sobrevém. A primeira parte se desenvolve em planos simultâneos e é nela que Rui Mourão exhibe todos os seus recursos técnicos. Ele introduz aí em determinados capítulos dois subcapítulos que funcionam ao mesmo tempo como corte e contraponto, seccionando a narrativa quando necessário e facilitando a conexão de fatos e idéias que definem em cada passo o procedimento do personagem. A linguagem do novelista acompanha o raciocínio do personagem, tipo obsessivo que remorde cada pensamento e se mantém em estado de permanente delírio. (...) Na segunda parte, Rui Mourão imprime maior

objetividade à narrativa, acelera-se o ritmo de ação do personagem, o elemento estático da novela – a análise psicológica – cede terreno ao elemento dinâmico – a história. Com essa alteração de processo, a fabulação torna-se mais viva, há maior liberdade de movimento para o próprio ficcionista. Ele passa também a valorizar o descritivo, detém-se mais na observação de costumes. No capítulo oitavo da parte final reside o momento mais alto da novela, ali não seria exagero elogiar-se o vigor com que consegue estabelecer o clima de “suspense”. Igualmente vigorosas são as cenas desenroladas no distrito policial e no “bas-fond” belo-horizontino.

AFFONSO ÁVILA

(*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1957)

Estranha-se, a princípio, o estilo do autor. Sente-se, depois, que teria mesmo de ser como está ali, pois a desordem de sentimentos, a desintegração sob a qual vai Hélio do princípio ao fim, do jogo à cadeia, da embriaguez à fuga, exigiram a linguagem dolorosa, reticente, contrastante, incerta e obsessiva que vai pelas páginas todas.

ERNESTO ALVES FILHO

(*Correio Popular*, Campinas, 27 jan. 1957)

Rui Mourão densifica sua história num clima complexo, por demais confuso, mas sempre intenso, surgindo com inovações interessantes, como a do processo das repetições constantes, caracterizando o teor obsessivo (mental) do personagem Hélio.

Longe está a novela de Rui Mourão de ser um livro popular. Sua leitura vem envolta naquela legenda do *Lobo da Estepe* – trabalho só para raros, leitura para os iniciados.

PAULO DANTAS

(*A Gazeta*, São Paulo, 1 fev. 1957)

Gostei, pois, deste livro de Rui Mourão. Seu livro se desenvolve num clima de subterrâneo – de profundidade, mas onde se pode

respirar sem sacrifício. Os personagens valem menos pelas ações do que pela riqueza psicológica que revelam através da prosa bem cuidada e limpa do jovem romancista.

MAURITÔNIO MEIRA

(*Para Todos*, Rio de Janeiro, 2^a. quinz., mar. 1957)

Sente-se, no entanto, à leitura da novela que, apesar de sua imaturidade, nela corre forte seiva criadora que o estudo, a observação e a experiência da vida farão rebentar em fruto mais completo e mais rápido. Tenho a impressão de que esse jovem escritor mineiro possui qualidades para realização de uma obra de ficcionista que não seja simples e superficial observação do cotidiano, mas algo de maior penetração nas profundezas da psicologia humana, mórbida ou normal.

OSCAR MENDES

(*O Diário*, Belo Horizonte, 24 mar. 1957)

Sério ficcionista, cujo primeiro romance, *As Raízes*, prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1955, traduz uma legítima vocação de romancista dotado com os instrumentos mais sutis e raros. Faz parte dos que exploram os caminhos insólitos do inconsciente, tentando o romance psicológico com êxito surpreendente. Há, em *As Raízes*, momentos de rara força literária, e seu autor pode ser filiado ao grupo de jovens escritores que continuam a tradição de um Cyro dos Anjos – o romance introspectivo – na atualidade.

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

(*Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1957)

Registre-se a tentativa de Rui Mourão, o mais novo e o menos, por assim dizer, comprometido desses ficcionistas, de buscar no tipo médio do homem da Capital mineira a personagem ideal para os seus trabalhos literários, procurando registrar uma psicologia que já se revela com alguns traços pessoais ante os nossos olhos.

FÁBIO LUCAS

(*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1957)

Avultam assim as qualidades de *As Raízes*. Narrativa fluente, sem achaques, a presença de uma personalidade literária, com recursos próprios e, o que é de grande importância, preocupação pela forma, que empresta a seu livro um lugar logo de destaque entre os nossos ficcionistas que se têm mais preocupado com esse setor, que sem dúvida alguma vem tirando a nossa literatura da indigência artística.

ASSIS BRASIL

(Suplemento Dominical, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1958)

SOBRE ESTRUTURAS: ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE GRACILIANO

Estruturas se inscreve entre os mais lúcidos ensaios sobre a ficção que nos últimos anos se produziram no Brasil. Vimos que Rui Mourão, categorizado conhecedor de toda a problemática do ficcionismo (reporte-se o leitor aos estudos que o escritor mineiro publicou em *Tendência* e a trabalhos mais recentes, a exemplo do que focaliza um ângulo do processo narrativo de Guimarães Rosa na novela *Cara-de-Bronze*), mobilizou a melhor instrumentação crítica para a sua análise, entre estrutural e fenomenológica, do romance de Graciliano. Com ele, verificamos como a obra do romancista, ao contrário da de outros autores que tomaram igualmente por tema a sugestividade humana e social do Nordeste, percorreu uma direção de evolutiva criatividade, em que informação semântica e informação estética terminam por concluir numa linguagem, numa escritura, num texto de alto nível artístico que é *Vidas Secas*.

E foi certamente movido pela idéia crítica de uma perquirição da *essencialidade brasileira*, tal como *Tendência* preconizou, que o ensaísta de *Estruturas* veio a definir no escritor alagoano o artista do rigor construtivo, o romancista que perseguiu também e logrou plasmar em sua obra uma face importante da nossa essencialidade nacional. Rui Mourão redescobriu para nós, portanto, com seu livro necessário, o Graciliano que interessa a uma literatura que se pretende em renovação.

AFFONSO ÁVILA

(Suplemento Literário do *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1969)

Parece-nos, assim, mais que necessário, sobretudo importante, a perspectiva fenomenológica escolhida por Rui Mourão, que toma a obra não mais pelas suas raízes psicológicas (de conhecimento e aplicação incertos), mas por uma integração em método mais científico, buscando a *essência* das operações da consciência, as necessidades ideais inerentes à percepção, à imaginação e ao ato de escolha e julgamento pelo escritor. Assim é que o ensaísta vai realizar uma autêntica desmontagem das manifestações do ser criador em Graciliano, em cada fase do estofo lingüístico do espectro de sua ficção, para atingir a dialética imanente a uma construção romanesca que progride paulatinamente e regularmente por via de síntese e superação. Isto é, vai às “estruturas”, à disposição e ordem dos elementos da composição, para apurar, isenta e conscientemente, a sua validade como trabalho de autonomia criativa. Já se percebe, portanto, que não se trata mais dos conhecidos, viciados e por isto restritivos livros de louvação impressionista, vazados em termos de admiração e louvor, ainda quando bem informados e documentados. O que se encontrará em *Estruturas* será o descascamento sistemático, desapaixonado e objetivo de cada um dos romances de Graciliano Ramos, para verificar as suas bases reais de sustentação, de organização, no policiamento do escritor.

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 fev. 1969)

Tratasse de livro sério, bem intencionado, meditado, oferecendo metodologia definida e atual, radical (incomodamente), coerentemente atado, escrito com bom-gosto e precisão, com campo de pesquisa propositadamente limitado (quase nenhuma alusão a outro autor nos quatro primeiros capítulos).

Relendo esta longa e variada lista, pode-se perceber que todas as características enumeradas são qualidades, e que portanto poderia desenvolver cada uma em parágrafo elogioso e merecido. Qualidades, acrescento, de que bem anda necessitada a crítica nacional.

SILVIANO SANTIAGO

(*Luso-Brazilian Review*, The University of Wisconsin Press, Winter 1969, p. 89-95)

Será exagero afirmar que o primeiro grande livro sobre a obra de Graciliano é o de Rui Mourão? Efetivamente, *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano*, surgido este ano, constitui uma verdadeira revolução copernicana na fortuna crítica do grande romancista do Nordeste. O ensaísta mineiro realiza pela primeira vez no Brasil o *close reading* da obra de Graciliano tentando um mergulho em profundidade nos romances para revelá-los do interior graças a um mergulho em profundidade nos romances para revelá-los do interior graças a um pensamento que circula livremente pelos meandros do texto, visto de um ponto de vista rigorosamente estético. Para fazê-lo, Rui Mourão dispõe de um repertório de erudição e de informações admirável, ao mesmo tempo em que se encontra armado para reagir contra as convenções e as facilidades da crítica do passado. Sua ambição mais profunda é destruir de uma vez por todas a mirada pseudo-crítica que corresponde a um estágio dos estudos literários já destronado pelas correntes atuais. Pode dizer-se que o crítico alimenta um verdadeiro horror pelas coisas vagas e pelas coisas impuras. Para manter os atos do espírito ao nível dessa postura, exige igualmente métodos e regras, o conhecimento e o respeito dos princípios que vêem a obra de arte como uma estrutura objetiva, um ser com vida autônoma, como diz Max V Bense, por ele citado. O estudo estrutural do discurso romanesco, à cuja luz aparece melhor a descrição da forma literária, é a sua preocupação e ele a defende com uma veemência que se diria intolerante, se não se conhecessem os resultados a que chega.

NOGUEIRA MOUTINHO

(Folha de S. Paulo, São Paulo, 24 ago. 1969)

Colocando-se dentro de uma atualíssima perspectiva crítica, Rui Mourão encara a obra literária como uma “estrutura objetiva, um ser com vida autônoma” e cuja abordagem analítica só tem sentido se partirmos de “um ponto de vista lingüístico, estilístico e literário”. Contudo, equilibradamente, o crítico mineiro não perde de vista a inegável relatividade da obra literária e não chega ao extremo de certos formalistas que a consideram como um valor fechado em si, totalmente independente de suas relações com os “elementos da experiência humana e social que estão à base de sua realização”.

Tomando sempre, como ponto de partida para a análise, as múltiplas gradações do “foco narrativo”, Rui Mourão vai desvendando as mais sutis conotações da intriga articulada pelo romancista, através dos vários elementos estruturais que a compõem: as personagens, o jogo temporal, a sucessão dos “planos narrativos”, a utilização do “espaço”, os recursos de linguagem, etc. Note-se, especialmente, a argúcia com que é surpreendida pelo crítico a dialética dos planos narrativos (objetivo e subjetivo), que correm paralelamente ou se mesclam ou se fundem na estrutura global da obra.

Num verdadeiro corpo a corpo com o texto, Rui Mourão descobre a ossatura estilística de cada romance; desvenda os vários níveis de significação de cada estrutura narrativa, não apenas no sentido de detectá-las dentro do romance e descrever-lhes o funcionamento, mas sobretudo no de compreender em que medida elas se relacionam com o contexto, isto é, em que medida são elas condicionadas pela essência daquilo de que são portadoras.

Por sua maneira de focalizar os elementos construtivos da estrutura romanesca, Rui Mourão altera totalmente a perspectiva crítica que, via de regra, vinha sendo aplicada pela crítica aos romances regionalistas (perspectiva característica da tradicional crítica sociológica). Com esta nova abordagem que há tempos já vem sendo exigida, o crítico mineiro preocupa-se em mostrar, não mais *qual* é a problemática regionalista (ou sociológica) expressa na obra de Graciliano, mas sim quais as relações daquela problemática com as estruturas estéticas da obra, ou melhor, que tipos de estruturas romanescas foram por ela condicionados.

NELLY NOVAES COELHO

(*Letras de Hoje*, revista da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, jun.-set. 1969)

Um trabalho sobre Graciliano Ramos desperta sempre interesse, que pode ou não ser confirmado depois. Rui Mourão consegue num trabalho de nível elevado sustentar e ampliar a área desse interesse, tornando-se a partir de agora autor obrigatório a todos os que queiram estudar Graciliano.

Os estudos sobre *Caetés*, *S. Bernardo* e *Angústia* trazem a marca de excelente; o mesmo não digo de *Vidas Secas*.

JOSÉ CARLOS GARBUGLIO

(*Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 7, p. 115-117, São Paulo, 1969)

A obra de Rui Mourão é bem o testemunho de uma geração insatisfeita com os métodos de avaliação literária até então empregados. Não se cristalizou ainda um critério dominante no consenso nacional. Daí a diversificação de caminho entre os novos ensaístas e certo caráter de denúncia com que são lançados os seus trabalhos. O estudo de Rui Mourão será sempre útil, necessário mesmo, para aqueles que desejarem se ambientar com a problemática de Graciliano Ramos. Oferece ainda uma cuidadosa cronologia do romancista analisado, assim como uma exaustiva bibliografia.

FÁBIO LUCAS

(*Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 1970)

Até que finalmente o leitor dos romances de Graciliano Ramos encontrou o seu Vergílio para guiá-lo através dessa floresta de cactos retorcidos – a obra do escritor alagoano.

Rui Mourão, da geração nova de Minas, equipado com os modernos processos de investigação crítica, adentra-se no mundo violento de *Caetés*, de *S. Bernardo*, de *Angústia* e de *Vidas Secas*, dando-nos o seu travejamento, mostrando-nos a limpidez e a grandeza dessas obras.

Esse livro, *Estrutura: Ensaio sobre o romance de Graciliano*, deve ter dado a Rui Mourão imenso prazer, a satisfação da tarefa perfeita realizada.

Pergunto-me: o que não fará esse jovem escritor mineiro, em matéria de crítica literária, amanhã?

Estruturas, se nasceu sem plano, como o mundo das mãos de Deus, resultou em arte que não esconde a arte. O artista quando é inato somente cria o que é belo. Das mãos de Flaubert saíam monstros?

Como Graciliano gostaria de ler esse livro! Com que prazer o li! Com que deleite deve tê-lo escrito esse impressionante Rui Mourão!

ABDIAS LIMA

(Unitário, Fortaleza, 7 maio 1970)

Um dos livros mais exigentes, enfiados e límpidos do pensamento crítico brasileiro tem por título *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano*, da lavra do romancista e crítico Rui Mourão.

Vazado em molde estritamente monográfico e suspenso, quase todo ele, do cabo tensor da estrutura narrativa, como se apresenta esta na obra do glorioso ficcionista, em suas páginas empreende Rui Mourão a desmontagem do processo épico, acompanhando sempre a linha de maior resistência dos textos do Mestre nordestino.

É, assim, no sentido tectônico que se deve entender o termo “estruturas” presente ao título do ensaio de Rui Mourão, e não em aliança, por mais remota que seja, com o estruturalismo de Lévi-Strauss.

Não só a elaboração original do estudo antecede, de muito, a penetração do pensamento straussiano entre nós (e, para afastar a hipótese de uma antenação por outros canais, atente-se em que não há no livro a mínima referência bibliográfica ao sábio etnólogo), como nenhum dos aspectos ou recursos da metodologia estruturalista pode ser surpreendido nas páginas em foco.

OSWALDINO MARQUES

(*Acoplagem no Espaço*, São Paulo: Perspectiva, 1989)

Publicado pela primeira vez em 1969, o livro de Rui Mourão que ora se reedita desvendava novos e imprevistos ângulos dos romances de Graciliano Ramos, ainda hoje cruciais para que se possa entendê-los melhor. Desde o título, *Estruturas* enuncia a novidade da análise proposta, uma vez que “levada a efeito em termos rigorosamente estéticos”, como o autor acentua ao explicar a metodologia a ser utilizada. Coloca-se desde logo em posição contrária às análises de cunho sociológico então dominantes,

por entender que a criação artística não é “mero epifenômeno das ciências sociais”. Destaca, ainda, que a obra de arte “não vai além de produto falível, que desaparece com os valores que a determinaram”.

WANDER MELO MIRANDA

(In: MOURÃO, Rui. *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano, Curitiba, 2003*)

SOBRE CURRAL DOS CRUCIFICADOS

Em *Curral dos Crucificados*, Rui Mourão escreve trabalho desconcertante, que talvez não se consiga amar, pois fere demais, mas que é, literariamente falando, um dos mais arrojados experimentos ficcionais brasileiros.

EUCLIDES MARQUES ANDRADE

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 19 ago. 1971)

(...) é um desses livros que surgem para modificar as estruturas, perturbando as consciências e, principalmente, abalando as soluções convencionais da sintaxe ficcional. Mas não é um romance diferente apenas em sua técnica de construção (realizada magnificamente, por blocos de situações montadas sem a argamassa da linearidade narrativa) e sim pela interação entre tempo e espaço, pelo impacto da expressão renovadora, pela violência da ação denotada pelo sistema complexo das relações humanas conflituosas que condicionam a vida e a sobrevivência do ser.

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

(*Colóquio/Letras*, Lisboa, set. 1971)

Mais do que a preocupação e a luta diuturna com a espessura e a transparência da linguagem, *Curral dos Crucificados* postula um fiar e entrefiar, desfiar e tresfiar de personagens que se encontram, conversam, se tocam e se distanciam, se entrecruzam de novo e se despedem para sempre, numa mecânica de vida em que o inesperado do acaso e o tédio

da repetição correm passo a passo semelhante a fios de cores diversas que surgem finalmente sob a forma de tecido – o capítulo.

SILVIANO SANTIAGO

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 23 out. 1971)

O romance de Rui Mourão apresenta um avanço na técnica de desmontagem do relato, como em Guimarães Rosa se deu a síntese de experimentalismo lingüístico iniciado por Oswald de Andrade e Mário de Andrade e a introspecção do romance nordestino.

EDGARD PEREIRA DOS REIS

(Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 14 nov. 1971)

Composição armada sobre andaimes metafóricos, *Curral dos Crucificados* já inicia no próprio título a sua primeira grande metáfora. Belo Horizonte-Curral del-Rey-*Curral dos Crucificados*: há todo um liame histórico e semântico entre a cidade moderna, seu nome colonial e o sentido que o autor quis dar mais a seu livro do que ao simples título do romance. Curral del-Rei, reduto para contagem e redistribuição do gado que descia da Bahia para abastecer a zona de mineração. *Curral dos Crucificados*, parada forçada das levas de retirantes nordestinos, de “baianos”, vindos pelos mesmos atalhos do São Francisco ou de Montes Claros, em demanda das fazendas e indústrias do sul. Encurralado pelo processo social e pela própria indigência, gado humano tangido de estação a estação de sua *via crucis*, o anônimo personagem de fundo de Rui Mourão, vai palmilhando, lenta e inexoravelmente, a escalada da crucificação.

(...) Não sendo romance social dentro de um conceito didático, o livro de Rui Mourão sustenta, no entanto, a ambição de erguer sem perda da qualidade formalmente criativa da linguagem ficcional, uma imagem atualizada da contradição estrutural brasileira. Ao assumir o projeto de *criar*, mas *criar* sem abrir mão de sua consciência crítica perante tanto a sua arte quanto perante a realidade que é seu pretexto criador, o

romancista de *Curral dos Crucificados* dá também a medida – já agora explícita – da sua geração literária.

(...) Síntese, assim, a seu tanto bem sucedida de romance empenhado e criativo, *Curral dos Crucificados* põe em prática uma técnica de construção que violenta o processo de narração linear e impregna o discurso ficcional de elementos geradores de movimento, de plasticidade, de poder visualizador. É neste ponto que vamos surpreender a sua filiação à prosa do primeiro modernismo, a sua opção pelo construtivismo da linguagem, a radicação formalista que, encarada no seu sentido legítimo de alternativa criadora, o romancista deseja antes enfatizar que disfarçar.

(...) O livro de Rui Mourão, de substancial atualidade, reenceta portanto um caminho pouco freqüentado, porém derivado das fontes mais audaciosas do moderno romance nacional.

AFFONSO ÁVILA

(Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 28 nov. 1971)

(...) mural ou sinfonia de signos polivalentes e de imagens vivas construídas para expressar (revelando) o burburinho caótico, amplo e tumultuado da cidade-coração do mundo contemporâneo, neste livro podemos ver quais as conseqüências e as renovações profundas que a colocação do texto como foco da estrutura poderá acarretar e já acarretou.

Em *o Curral dos Crucificados* tudo se transforma incessantemente. O texto atinge a obra e sua estrutura; esta estremece no tumulto da rua que vai e vem na sua vibração contemporânea, atual e transformadora, onde tudo o que é – já era, ou foi porque será. O romance brasileiro perdeu então o seu caráter de corte estático, ou sincronia sem diacronia – de uma paisagem imobilizada no lago tranqüila de um universo que não se move e não responde.

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 27 nov. 1971)

O que ele introduz (mais uma vez!) em nossa literatura é a temática urbana e o contexto dos dias que correm; são os problemas do homem comum e a densidade de ação – “ação esférica” e não linear como é, em geral, a dos romances brasileiros.

WILSON MARTINS

(*O Estado de S. Paulo*, 28 nov. 1971)

O módulo que preside a linguagem desse livro é de outra sorte. Ela se apresenta a mim como músculo, nervo, buscando um isomorfismo com a densidade da substância humana, ora imanetizada pelo pólo social, ora pelo do indivíduo em sua solidão. A alternância de massas polifônicas, que se sucedem e espessam num painel de imensas proporções, é o que mais me agrada nesse livro e dá a medida da eficácia da técnica composicional praticada. Pois, a rigor, estamos tão longe de um desenvolvimento narrativo costumeiro que a aproximação com a música e com a pintura monumental se torna imperativa.

OSWALDINO MARQUES

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 11 mar. 1972)

Gosto, por outro lado, da maneira como você extrapola o realista para o quase fantástico, como lá na página 286ª naquele parágrafo: “As corridas dentro dos quintais”... onde as palavras falam por si, lembrando-me aquela cena da morte dos cavalos a tiros em *Grande Sertão: Veredas*. As palavras não reproduzem linearmente a realidade, mas constituem um outro sistema fortíssimo que acima da realidade dá exatamente a idéia de correria fantástica.”

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 8 abr. 1972)

The author uses flashbacks and violent language, by means of which situation are intermingled, verb forms are repeated and sentences torn apart. This heightens the impact of description, making for great tension and confusion, which is passed on through the protagonist to the

reader, *Curral dos Crucificados* is not an easy book to read. But it is exciting and most important, a real picture of Brazil's contemporary social problems.

BLANCA LOBO FILHO

(*Books Abroad*, Norman, Oklahoma, USA, abr. 1972)

Em *Curral dos Crucificados* predomina uma estrutura frásica com dupla polarização verbal, permitindo o jogo de significações efeitos cromáticos dificilmente alcançáveis pelos meios comuns de expressão. A unidade oracional, que normativamente se organiza com um só verbo ou, no máximo, com uma composição perifrástica, passa a fundir-se com duas formas sinônimas contínuas, resultando esse processo sintático numa representação mais prolongada, de duração fílmica, de cada lance enunciativo dentro da seqüência do contexto ficcional.

A técnica de duplicação sinonímica do núcleo verbal afigura-se como uma tentativa de renovação das matrizes estruturais da prosa brasileira, não restando dúvida de que, se o objetivo de Rui Mourão foi o de estabelecer maior duração significativa à realidade representada, esse resultado foi obtido.

F. S. NASCIMENTO

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 16 set. 1972)

Livro mais comentado, criticado, resenhado e falado do que lido foi o de Rui Mourão, *Curral dos Crucificados*. E digo "lido" sem intenção de afirmar que o livro não tivesse sido recebido com alaridos e provas de êxito, isso não, digo "lido" no sentido de ser sentido, de ser "entendido". Esse livro será algum dia objeto de tese doutoral ou de séria pesquisa e ensaio sobre a literatura brasileira de após modernismo e o Suplemento Literário do *Minas Gerais* será de todas as formas vasculhado, revistado e recompilado para a documentação.

TERESINHA ALVES PEREIRA

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 18 nov. 1972)

SOBRE CIDADE CALABOUÇO

Com *Cidade Calabouço*, Rui Mourão abre as comportas de uma ficção mágica que não adota, no entanto, as propriedades e procedimentos convencionais desse tipo de experiência criativa. A expressão “mágica”, que se pode ajustar a esta novela, tem antes a acepção de opção estética ao nível da maior exploração do imaginário e não como explícito e denotativo funcionamento da linguagem, que em Rui Mourão, como vimos, é bastante pessoal e sem parâmetros de comparação e equivalência como os cultores do gênero.

LAIS CORRÊA DE ARAÚJO

(Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 17 fev. 1974)

Cidade Calabouço se define, antes de mais nada, como um romance dionisíaco. Seu discurso, parece, foi composto na pauta do entusiasmo, ao impulso da palavra em expansão. Veicula um conjunto de informações estéticas destinado a manter em forte vibração a sensibilidade receptiva de seus signos lingüísticos. Concepção onírica, estilo barroco, discurso protético são epítetos que ajudam a dar uma idéia da obra, mas que não dizem tudo. *Cidade Calabouço*, conservando tênues afinidades com o modo de narrar costumeiro, apresenta rupturas férteis e inovadoras, que apontam para um uso original da técnica romanesca.

FÁBIO LUCAS

(*Correio do Povo*, Porto Alegre, 2 abr. 1974)

Cidade Calabouço provoca o desmoronamento de todas as fronteiras do romance tradicional – é um cataclismo literário!

As famosas convenções ficcionais – a intriga, a caracterização dos personagens, o dogma de um foco narrativo privilegiado, o mimetismo da realidade exterior ou interior, a indeclinável motivação psicológica como suporte da ação, o tabu de uma lógica pré-existente imposta à obra como camisa-de-força, tudo é varrido implacavelmente pela temeridade criadora de Rui Mourão.

O leitor capta apenas diante de si um fluxo aceso de matéria mítica, constituída, não obstante, da recalitrante argamassa da vida contemporânea, absurda, brutalizante, auto-devoradora, e de uma irracionalidade que atinge o escrúpulo de um infalível plano de terrorismo.

A impressão dominante é de um rito orgiástico que, pouco a pouco, exacerba, desvaira, dementa e catarticamente sacraliza uma babélica coletividade que o desperta de forças arcaicas intima a re-sentir, a vivenciar sacrificialmente uma tragédia arquetípica.

OSWALDINO MARQUES

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 20 abr. 1974)

Com *Curral dos Crucificados*, Rui Mourão anunciava o novo para a narrativa brasileira contemporânea. Agora, a publicação de *Cidade Calabouço* o confirma e, em parte, logra esse objetivo, tornando-se possível falar de um progresso a partir de Graciliano Ramos e de Guimarães Rosa, lado a lado com a literatura de vanguarda da romancista Clarice Lispector.

TERESINHA ALVES PEREIRA

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 18 maio 1974)

Lê-se um romance bem estruturado sim, apesar de toda a sua fragmentação (porque é a realidade mesma que se apresenta fragmentada), e não será logo depois de sua leitura que se conseguirá esquecer a obra. A fonte desta *Cidade Calabouço* é inteligentíssima, ganha um desenvolvimento sensível, e se isso não fora verdade, ninguém aceitaria o desafio de prosseguir a leitura até o final. Porque, em última análise, trata-se de uma espécie de ritual, cuja vítima surge no decorrer da ação, no casal dos retirantes nordestinos, que o leitor deve executar. E esta ação é realizada de maneira consciente, cruelmente lenta, gradativa, crescente, de modo que não há como a ela escapar, salvo pela interrupção da leitura. É desta forma que Rui Mourão, de modo provocante, engloba ao próprio leitor em sua ação criativa, aceita e provoca a ação deste leitor no ritual macabro que se desenvolve em nossa volta, do qual passamos a participar, mesmo sem

querer, do que não existe escape, e no qual, em última análise, não se ultrapassa nem mesmo o campo amorfo do sonho e da representação, do ideal inatingido, uma vez que é em nome de Dionísio que tudo se realiza (isto é, em nome de uma divindade significativa da embriaguez, da dissipação e perda da personalidade e da consciência).

É significativo que, em *Cidade Calabouço* não existam verdadeiramente personagens, nem mesmo no caso das figuras dos retirantes. São apenas sombras que esvoaçam por sobre a obra. O que vale é a população, é o grupo maior, amorfo, variável, despersonalizado, desmembrado, sem direção correta, a fazer aquilo que os instintos mandarem ou um grupo comandar. Trata-se daquela revolta edificante, que não conduz a nenhuma saída, que existe apenas enquanto crise, não no sentido de Piaget (parada reflexiva que leva à solução do problema e, portanto, a um passo à frente), mas no dos pensadores direitistas e cristãos, que não podem ver, no caos mais do que a infirmitade da massa. Aliás, a própria denominação do romance de Rui Mourão deixa bem clara esta perspectiva, ao adjetivar a cidade como um “calabouço”, isto é, o patíbulo final para onde todos são jogados igualmente, sem qualquer perspectiva de fuga ou possibilidade de saída.

ANTÔNIO HOHLFELDT

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 22 jun. 1974)

O que Rui Mourão nos mostra em *Cidade Calabouço* é tudo aquilo que *acontece* e não o que *é provável que aconteça*. Uma narrativa traçada a punhal para sugerir uma sociedade em crise.

O resultado nos dá a medida do que um livro necessita para se colocar entre os melhores de nossa época.

VICTOR GIUDICE

(*O Fluminense*, Niterói, 21 jul. 1974)

Na densa narrativa de Rui Mourão, *Cidade Calabouço*, o carnaval existente manipulado como espetáculo de massa, transforma-se

numa contrafação gigantesca da Festa. Extravasamento em vez de Catarse, agressão e expiação coletivas, é o mundo desteatralizado, em que ação automática substitui a farsa, a violência expulsa a comicidade e o sacrifício cruento, caricatura do ritual, toma o lugar da utopia, o que se apresenta para nós, de forma implacável, nesta envolvente novela.

BENEDITO NUNES

(Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 22 set. 1974)

Depois de *Curral dos Crucificados*, Rui Mourão continua sua pesquisa revolucionária das formas ficcionais em *Cidade Calabouço*, onde a radicalidade atinge o máximo numa tentativa de abrir caminho novo ao impasse que caracteriza a arte ficcional nesses últimos trinta anos. Trata-se de um livro em que a audácia criativa, consciente e pacientemente trabalhada, se bifurca em dois níveis: o estilístico e o construtivo. Isto é, o autor renova tanto o processo construtivo da narração, como também se esmera numa adequação sincrônica da linguagem ao tema, obtendo resultados de rara eficácia no ponto de vista estético.

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 19 out. 1974)

Vejo, no macro-ritual de *Cidade Calabouço* – o Carnaval –, uma forma de comédia no sentido de Cornford. Apesar dos micro-rituais de tragédia (o sacrifício de vítimas, auto-sacrificadas ou sacrificadas por outras, bodes expiatórios), há muito pouco de apolíneo no romance. Está no princípio, para marcar bem o “caminho” dionisíaco: da camisa de força das fases rigidamente ordenadas do ritual, para a libertação de todos os instintos; da ordem para a desordem, da razão para o desvario. Ao que me parece, o aspecto dionisíaco do macro-ritual predomina pelos excessos que marcam todos os micro-rituais em busca daquele êxtase composto de alegria e dor. O que acontece, e pode levar as pessoas a considerar erradamente, é que pouco a pouco a crueldade, a dor expulsam a alegria do êxtase, e o dionisíaco termina por se apoiar totalmente no desvario. Claro que comédia não é a mesma coisa que um ritual, nem uma narrativa

é a mesma coisa que drama. Mas como o ritual se faz tão presente no livro, acho-o muito mais próximo de uma forma de comédia do que de tragédia.

MARLENE DOS SANTOS

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 21 dez. 1974)

Transfigurado pelo mito e pela des-mistificação da *escrita*, o espaço assume em *Cidade Calabouço* uma função em que predomina o valor simbólico, o local de transformações, disfarces e conversões, do qual se desdobram os signos. Constitui-se como objeto estético. É verdadeiro “topos” simbólico de um sistema de valores. A aparente exterioridade do texto – a superfície – é uma máscara que nos engana, já que se há uma máscara, não há nada por detrás, impede que a consideremos como superfície. A máscara nos faz crer que há uma profundidade. mas o que esta máscara é ela mesma: a máscara simula a dissimulação para dissimular que não é mais que simulacro” (Jean Louis Baudry).

Pensar o mundo no espaço e no tempo, através da simultaneidade, adivinhar as suas relações sob o ângulo de um único instante, confere ao momento presente múltiplas possibilidades, um sentimento cósmico do presente eterno: as ações são reunidas num envolvimento dramático em lugar de *decir*. É uma realidade dinâmica que se estende espacialmente, um mundo se fazendo. A natureza espacial predominante em *Cidade Calabouço*, entre outros aspectos, o coloca na textura do carnavalesco e do simbólico.

Uma narrativa de predominância parodística, como esta, diminui o projeto humano, baixando-lhe a estatura heróica. No sistema narrativo de sua obra, Rui Mourão coloca elementos aparentemente em oposição, que interrompem a narrativa. O agenciamento dos pormenores num contexto de paródia, donde as exigências da narrativa contrariam a continuidade, faz do leitor cúmplice, frustrando o desejo de coerência, enquanto o autor lhe propõe uma nova figura de ordem: o fantástico. Coloca o leitor dentro do quadro do fantástico e situa a ficção dentro do universo temporal do leitor.

BELLA JOZEF

(*Revista Iberoamericana*, USA, abr.-jun 1975)

A coerência existente entre o conflito interno e o grotesco revela uma grande semelhança entre a estrutura da obra com a estrutura da tragédia, em que aparece a máscara ocultando o indivíduo, para que este liberte seu interior e apareça o que realmente é. Em *Cidade Calabouço*, a máscara é a própria situação carnavalesca, tornada fantástica pelo ritmo, drogas e música, permitindo o gesto do rosto, expressão do interior aprisionado pela angústia, medo, destruição. Uma e outra estruturas se assemelham: na tragédia, a máscara como proteção contra o medo de revelar-se; em *Cidade Calabouço*, a máscara-situação propiciador da libertação do instinto, da realidade sem máscara, da visão cósmica de um mundo que se desenvolve em ritmo acelerado em forma de espiral, unindo em suas voltas o mais remoto passado e o presente mais atual, de forma trágica, cômica, sem deixar de ser satírica.

O primeiro tema que se nos ocorre para um paralelo com *Cidade Calabouço* é o da narrativa bíblica: “Babel” ou “Babilônia” (“Babel” é o nome hebraico de Babilônia da Mesopotâmia).

Babel aparece na História Sagrada como a “cidade do mal”, figurando sempre como uma potência má e um instrumento de castigo, embora etimologicamente “babel” signifique “porta do deus”. Em *Cidade Calabouço* surge com a própria denotação “Calabouço”: prisão subterrânea, cárcere úmido e sombrio. Desta maneira, o sentido: *Cidade* e a forma: o *mal* e o *castigo*, tanto de Babel como de Calabouço, se aproximam e se completam.

ISAURA ORGAZ

(*O Processo Mimético na Criação de Cidade Calabouço*, tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, Bauru, São Paulo, 1976.)

Em *Cidade Calabouço* o povo é a personagem coletiva que, onipresente, ofusca, oblitera, mas sobretudo engloba e assimila todas as demais. A grandiosidade dessa personagem incomum, aliada à condensação de situações de clímax, confere à narrativa uma dimensão de epopéia. O importante no entanto é que o enfoque do escritor sintomatiza a mudança

de sensibilidade dos tempos atuais, expressando a tendência social de absorção do indivíduo pela massa. O ponto de vista adotado por Rui Mourão está sintonizado com a evolução da realidade social, visto estarmos desde já vivendo os primórdios da nova idade comunitária que Marshall McLuhan anuncia para a aldeia global. Assim, vemos um autor brasileiro contemporâneo debruçar-se sobre o povo com a abertura e receptividade que caracterizou, em fins da Idade Média, outra época comunitária, o cronista português Fernão Lopes. Mas em que pese a afinidade na percepção do comportamento do homem enquanto ser coletivo, a atitude de um ficcionista difere da de um historiador na medida em que aquele não se confina entre as fronteiras da realidade que lhe é oferecida. A sua verdade vai nascer de pleonasmos propositais, da manipulação de utopias e símbolos que deflagram plurisignificados e mensagens.

ASTRID CABRAL

(Revista *José*, Rio de Janeiro, ago. 1976)

SOBRE JARDIM PAGÃO

Tanto Ângelo como Militão – os protagonistas – não são no livro “pessoas” que passam pela vida e pelos homens. Eles não passam. Eles ficam em nós leitores como encarnação viva de toda uma mitologia moderna em país sul-americano, pois este é, por excelência, um romance do terceiro mundo, embora ligado a uma mitologia também universal. A síntese dos dois mundos – o tradicional e este que amanhece é o alicerce desta visão livre do mito em sua “realidade” mais real que a verdadeira realidade – aquela da perspectiva do racionalismo. Há, como já se observou (no Suplemento de Trabalho que acompanha o livro), um “encontro” entre o paganismo e o cristianismo, porque há uma representação muito vigorosa da célebre dualidade barroca entre o espiritual e o material. Esta projeção conteudística se estriba numa construção toda barroca que tem um dos seus pontos altos na grande procissão que, do parque, ganha a avenida, inclusive com seus carros alegóricos num verdadeiro “carnaval do espiritualismo”.

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES

(*Leia Livros*, Belo Horizonte, jun. 1980)

Jardim Pagão assinala, sem dúvida, o ápice da carreira de ficcionista do seu autor. É a cristalização de todos os recursos técnicos que ele vem manipulando desde *Curral dos Crucificados*. Creio que está prestes a cumprir-se a minha predição: a próxima produção ficcional de Rui Mourão será... um roteiro cinematográfico. Ele se encontra na fronteira do cinema.

Durante a leitura de *Jardim Pagão*, lembrei-me com frequência de um filme de Jean Luc Godard, cujo nome me escapa, em que a personagem única é uma turma humana numa cidade assediada pelo surto de imprevisíveis focos de incêndio, de origem desconhecida. Um super-organizado corpo de bombeiros tenta em vão desvendar o mistério e, dia e noite, põe em polvorosa a moderníssima urbe. O clima é apocalíptico e o fogo parece ter sua fonte numa região superior, inacessível.

Rui Mourão continua mestre irrecusável da dinamização de massas. Acionador de grandes conjuntos. O resultado é o ímpeto de onda desapoderada que permeia todo o texto. Eisenstein do romance novo.

Acho simplesmente genial o plano da genuína virtuosidade circense presidindo impessoal a tudo (com a imediata associação do maravilhoso à Toulouse-Lautrec, à Picasso), em contraste com o plano explosivamente dramático, em baixo, na megalópole.

OSWALDINO MARQUES

(Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 nov. 1980)

(...) embora a escalada existencial em *Curral dos Crucificados* e na *Cidade Calabouço* já nos parecesse densificada por fortes descargas de surrealismo, estabelecendo profusos e fantásticos painéis da condição humana, somos levados a crer que Rui Mourão somente atingiria uma nova versão do apocalipse com o *Jardim Pagão*.

Partindo de uma concepção poliédrica da realidade, disposta em múltiplas divisões espaciais, Rui Mourão conseguia subverter a estrutura da ficção tradicional, alargando os horizontes desse mundo de representações simbólicas. E fazia tudo isso sem perder de vista as dimensões existenciais, dentro do princípio de que “la novela solo puede

versar sobre uma sembranza del mundo real, por deformada que esta sea, y como tal debe contar con las proporciones de la existência” (Cf. Paul Ilie, *La novela de Camilo José Cela*, Editorial Gredos, 1963).

(...) seguindo o curso dessa narrativa, e fazendo observações isoladas sobre a identidade das idéias de Ângelo e Militão com a realidade nacional e com a problemática da América Latina, o que significa dizer que o Jardim Pagão tanto poderia situar-se em Belo Horizonte, como em Santiago, Lima ou La Paz.

Usando a ficção, em vez do ensaio, para questionar importantes problemas da atualidade, Rui Mourão faz, à sua maneira, uma obra cheia de denúncias, ressaltando os instrumentos de repressão ao uso da palavra, mesmo que em defesa dos postulados nacionais. Diríamos que sob a plumagem de sua prosa de ficção se reúnem muitos fatos que, integrando a nossa contemporaneidade, haverão de mais tarde servir de subsídios aos sociólogos, historiadores ou cientistas políticos do futuro que pretendam estudar as repercussões de idéias possivelmente reais, mas só ficcionalmente assumidas por pregadores populares como Ângelo e Militão.

F. S. NASCIMENTO

(Estado de Minas, Belo Horizonte, 13 dez. 1980)

SOBRE MONÓLOGO DO ESCORPIÃO

Em livros anteriores, como *Curral dos Crucificados*, *Cidade Calabouço* e *Jardim Pagão*, sentia-se muito forte, no ficcionista, a presença do crítico e do ensaísta. A crítica e o ensaio, porém, foram gêneros que deixaram marcas profundas, no romance de Rui Mourão, sem prejuízo do impacto dramático de suas narrativas.

Neste *Monólogo do Escorpião*, o ficcionista se renova, recalçando o teórico, em favor de pura (?) criação, mostrando que nenhum desajuste existe em sua atividade múltipla de escritor.

Temos assim, em seu *Monólogo do Escorpião*, toda a vida mineira reanimada com sopro próprio por um verdadeiro artista da palavra

escrita. Rui Mourão reconstrói Minas Gerais (por extensão, o Brasil) a partir da reconstrução do seu universo pessoal, de forma sempre convincente.

EDILBERTO COUTINHO
(*O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1983)

Por um processo de construção em abismo, há uma narrativa dentro de outra: Inácio passa de protagonista a narrador de sua ficção, estabelecendo um diálogo com o monólogo do narrador primeiro que, seu próprio interlocutor, reflete criticamente sobre a criação. A ficção de *Monólogo do Escorpião*, que valoriza o real exterior, pensa-se a si própria medindo o valor do assalto à realidade, oscilando entre o real e o imaginário. Com isso, várias linguagens se entrecruzam, aliadas a descrições plásticas, num jogo de reflexos. A terceira pessoa fragmenta-se em outro eu, outra subjetividade que passa a comandar o relato. A procura de um rumo (“como se só por serem homens e se acharem no mundo já houvessem contraído um compromisso sem chance de saída”) é a busca de liberdade, sem necessidade de explicações, num olhar intenso sobre a vida.

BELLA JOZEF
(*O Globo*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1983)

Ostensivamente jovem em sua estrutura, *Monólogo do Escorpião* é a concretização de um dos anseios do escritor, que afirma textualmente em seu depoimento na entrada do volume – “Militante da vanguarda, nunca descartei a minha acesa paixão de perseguir o novo”.

É na perseguição desse novo que se escondem os verdadeiros motivos que levam um escritor a evidenciar suas múltiplas tendências, um olho sempre ligado na arte de reiniciar a cada ciclo fechado suas travessias.

Deixando de lado todos os preconceitos de linguagem e construção para abrir veredas, Rui Mourão surpreende os seus leitores acostumados ao rigor formal/ lingüístico de *Curral dos Crucificados*, *Jardim Pagão* e *Cidade Calabouço*. No *Monólogo do Escorpião* todas as fórmulas conquistadas são esquecidas em favor de um universo onde só

habitam os *teenagers* e suas máquinas envenenadas, o que na realidade não é incompatível com os demais universos criados pelo autor até agora.

DUÍLIO GOMES

(Estado de Minas, Belo Horizonte, 18 ago. 1983)

Mas a moto é que é a grande protagonista de *Monólogo do Escorpião* porque é a partir dela que o romancista constrói uma linguagem rica de sensações, no rastro da rapaziada que recriou seu modo de falar, tentando recriar seu modo de viver. Na ânsia desenfreada, porém, não perceberam que a laranja mecânica estava podre. Desde sempre. E o que parecia a conquista de um novo eldorado, logo se transforma no espaço em estilhaços, no caos a projetar os audazes motoqueiros além de suas esperanças. Postos à margem de si mesmos, começam a perceber seus doces equívocos.

JORGE DE SÁ

(Suplemento Literário do Minas Gerais, 27 ago. 1983)

O escritor, vitorioso ao longo de uma obra séria e ascendente, faz desse seu *Monólogo do Escorpião* o testemunho de uma época.

A máquina está presente. Não é apenas a parafernália de espelhos e de buzinas, envenenada para que se torne mais barulhenta a acelerada, consciente ou inconscientemente, para uma correria inglória. Atrás de tudo está a insegurança de uma geração que se coloca num divórcio de águas, sem que lhe possamos dar resposta positiva às indagações permanentes.

CAMPOMIZZI FILHO

(Diário de Minas, Belo Horizonte, 1 set. 1983)

Sem desviar-se de comprovada vocação para o cinemático, Rui Mourão, no seu último romance *Monólogo do Escorpião*, incorpora variegado teor de visualidade, aproximando a sua experiência de ficcionista mais das artes plásticas do que da criação verbal.

Há sonhos coloridos? Há ficção cromática?

A rutilância das pinceladas e o vorticismo das imagens que sensibilizam o leitor dessas páginas não deixam dúvida de que o projeto criativo do escritor mineiro se dilatou a ponto de engendrar nexos intersemióticos de todo novos.

Aqui, porém, conviria filiá-lo em rigor aos simultaneístas, os experimentadores da escultura e da pintura que, desde Boccioni e Marcel Duchamp (o *Nude Descending a Staircase II*) operaram a desarticulação dos objetos para reeditá-los em sua essencialidade dinâmica.

OSWALDINO MARQUES

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 21 jan. 1984)

Um dos momentos altos do romance é o seqüestro de Rosa pela turma de Zé Grande, que a trata como prostituta e a usa como tal. Pouco a pouco ela se modifica, ou se aprofunda em si mesma, e antes de ser resgatada por seu bando chega a ter uma prazerosa relação sexual com Zé Grande, o que torna seu reingresso na vida de Inácio cheio de dificuldades. Mas é Zé Grande, e não o amoroso companheiro, quem a faz crescer e enfrentar suas dubiedades, levando-a a sentir-se mulher e, como geralmente ocorre às mulheres, a querer ser mãe. Seu voto íntimo é o retorno à vida comum, uma casa, um filho, sonho que esbarra precisamente no homem que ama ou pensa amar, Inácio. Seu destino trágico vem demonstrar que, embora tivesse optado em consciência, já não dispunha de meios para tornar verdade sua opção.

Rosa parece ser a personagem mais forte do romance de Rui Mourão, aquela que lhe dá mais hálito vital e que acentua sua condição de dramático painel dos ingênuos instrumentos contestatórios de nossa juventude.

SÉRGIO FARACO

(*Gazeta de Alegrete*, Rio Grande do Sul, 19 jul. 1984)

A estrutura “em abismo” funciona, ainda, como elemento de sustentação da travessia do grupo, estabelecendo confluências com o texto

de *Êxodo*. A travessia de Moisés (e a tradição o reconhece como escriba) representava a libertação do povo hebreu da dominação egípcia. A *travessia mítica* de Inácio e grupo configura a passagem de um mundo de opressão para outro, alicerçado em valores fadados a transcender o desencanto (amizade, amor, arte, liberdade). O “fio condutor – na expressão de Bella Josef – é a procura de uma vida nova, por parte de um grupo de jovens, longe dos padrões da sociedade que os aliena” (*Colóquio Letras*, 76, Lisboa, nov. 1983). Inácio, protagonista alçado a narrador, escreve metonimicamente seu próprio monólogo do escorpião: a amputação da orelha reduplica, de certa forma, a atitude demissionária e o suicídio de Rosa, espécie de anjo a guiá-lo, como o anjo guiava Moisés.

Dois aspectos se destacam pela literariedade: a armação do conjunto como cena compósita, herdeira direta das epopéias homéricas e a plasticidade de descrições como esta:

Os motorizados foram montando, escoiceando os pedais dos arranques, botando os motores a funcionar. Os que estavam a pé subiram às garupas. O grupo partiu explodidamente numeroso mas lento, se espichando estrada afora. Faróis despejados para a estrada, faróis iluminando negros costados revestidos de couro, capacetes, rostos que se voltavam. Faróis fazendo rebrilhar ferragens variadas.

EDGARD PEREIRA

(Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 18 mai. 1985)

O romance amoroso está limitado ao do jovem varão pela sua motocicleta e não pela sua namorada. Esta é apenas uma parte da suja indumentária de motoqueiro, o sobressalente. No princípio do livro, Inácio diz ao estrear sua moto numa corrida para sentir a sensação de liberdade: “– Valeu, machona! – falou como se conversasse com um cavalo. – É assim que vamos estar sempre. Sempre melhor do que da última vez”. E no final, depois de ficar como um viúvo por causa da atormentada morte de Rosa, o princípio de loucura da mesma, Inácio tem a necessidade de se recompor psicologicamente, e busca amparo na motocicleta:

Montou – e desanuviaram-se os seus pensamentos. Gostou de se sentir em cima da máquina, braços estendidos para o guidom, joelhos lado a lado do tanque... – Muito bem, minha cara amiga – disse para a montaria e aplicava-lhe carinhosas palmadas no tanque de gasolina. – E então? Estamos aí, não é? Olhe, eu vou lhe contar uma estória. Era uma vez um rapaz e uma motocicleta. Eles se conheceram e se amaram desde o primeiro momento. Decidiram unir os seus destinos, num pacto de vida e de morte. E foram muito felizes . Ah, gostou, heim?”

As aventuras dos motociclistas acontecem em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, entre os mais conservadores ambientes do Brasil, onde a idéia da liberação feminina é ainda considerada como um escândalo. É fácil de se notar pois, que a tentativa das mulheres jovens, ou adolescentes de serem personagens femininas do livro estão num estado mental e emocional de gente confusa e perdida. Estão criticadas ou expulsas pela família, não são aceitas pela sociedade e ninguém as respeita. Engarupadas atrás dos motoqueiros são por eles mesmos abusadas, escravizadas e desprezadas.

TEREZINKA PEREIRA

(Considerações Interpretativas de Autores e Textos da Literatura Brasileira, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1985)

SOBRE O ALEMÃO QUE DESCOBRIU A AMÉRICA

Há de sentir-se emocionado (Francisco Curt Lange) ao receber um exemplar do livro do Prof. Rui Mourão, *O Alemão que descobriu a América*, sobre sua vida e sua saga cultural.

A intuição de pesquisador levou-o a percorrer algumas cidades mineiras, a partir de 1944, bisbilhotando nas igrejas em busca de partituras. Ele estranhava que o barroco aqui, inclusive com traços que o distinguiam do barroco português, como na escultura do Aleijadinho, não tivesse manifestação equivalente na música.

Pôs mãos ao trabalho e descobriu todo um tesouro que os brasileiros desta geração ignoravam. Pessoas mesquinhas e invejosas

acusaram-no de apropriação indébita das composições, quando ele apenas tratou de divulgá-las na América Latina, EUA e Europa.

Este livro brotou de uma conversa minha com o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira. Logo encontramos a pessoa adequada para elaborá-lo. O Instituto Nacional do Livro, de que eu era diretor, contratou uma co-edição com a Itatiaia, de Belo Horizonte, que prometeu entregá-la no mais breve prazo.

Assim foi feito. Quando veio o novo governo, com seu notório amor pelas coisas da cultura, *O Alemão que descobriu a América* chegava à etapa final de confecção.

OSVALDO PERALVA

(Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 ago. 1990)

Você construiu uma obra importante, esclarecendo a ignorância de muitos, entre os quais me incluo, sobre Curt Lange, e principalmente, estou certo, suprimindo o conhecimento incompleto, inexato ou equivocado de eruditos e historiadores da música brasileira. Aí está Francisco Curt Lange em toda a sua extraordinária dimensão!

MÁRIO GARCIA DE PAIVA

(Correspondência, Belo Horizonte, 29 set. 1990)

Gostei de encontrar você em plena forma. E até possuído por uma especial vibração, como se movido, como os santos, pela sagrada indignação.

Entrei com prazer no clima do trabalho: rigoroso, brilhante, apaixonado. Você toma o Curt Lange, investiga sua vida atribulada, projeta-o no quadro europeu e, a seguir, no americano, e persegue a sua enorme contribuição ao estudo da música no Brasil.

Ficamos sabendo das caminhadas heróicas do pesquisador, no sentido de salvar da índole predatória de nossa gente os remanescentes mal cuidados de nossas glórias passadas.

Penetramos nas insidiosas manobrinhas dos burocratas e invejosos, que se associaram para travar o progresso das descobertas inéditas acerca da manifestação musical em Minas durante o século XVIII.

FÁBIO LUCAS

(Correspondência, São Paulo, 1 out. 1990)

O Alemão que Descobriu a América, desde o título – remanescente de *O Índio Cor de Rosa*, biografia que Orígenes Lessa escreveu do médico de origem russa, Noel Nutels, que se tornou figura quase heróica em defesa da saúde de nossos índios – que é igualmente ótimo, passando pelas revelações que as laboriosas pesquisas oferecem sobre a personalidade admirável do musicólogo e benfeitor de nossa cultura, Curt Lange, até o quadro geral da história brasileira em que ele desenvolveu a sua faina de pesquisador, tudo no livro contribui para efetivar o resgate da importância desse alemão assombroso.

Rui Mourão, com sua probidade profissional inatacável, embora lavre um campo não muito contíguo aos domínios de sua predileção – a crítica, a ficção, o ensaio – realiza trabalho de primeira ordem, elevando um justo e merecido monumento ao Mestre da música.

OSWALDINO MARQUES

(Correspondência, 27 out. 1990)

Num estilo narrativo que prende a atenção do leitor, o autor traça o perfil biográfico do musicólogo desde os tempos de sua formação musical na Alemanha pré-hitlerista e descreve a atuação de Curt Lange na América (e sua luta para implantar os ideais do Americanismo Musical) e no Brasil, onde o pesquisador encontrou inúmeras dificuldades para realizar seu trabalho, além das desconfiças que suas pesquisas geraram e a polêmica que se desenvolveu em torno da posse das partituras descobertas.

O trabalho de Rui Mourão mostra-se conciso e capaz de descrever um quadro amplo da atuação do musicólogo em nosso país. O texto fluente contribui para uma imediata compreensão das idéias apresentadas e apêndice e listas trazem informações de grande interesse. O livro deve motivar uma valorização ainda maior do trabalho de Francisco Curt Lange,

valorização essa que nunca será demasiada se considerarmos a dimensão e a importância de suas pesquisas para a história da música no Brasil.

CELSO MAJOLA

(Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 dez. 1990)

Crítico literário e romancista, em ambos os gêneros demonstrando amplíssima visão e sólida cultura humanística, na monografia *O Alemão que Descobriu a América* Rui Mourão tão-somente alargou a sua versatilidade, oferecendo importantíssima contribuição à musicologia brasileira. Se os pesquisadores dessa área conheciam o trabalho de arqueologia realizado por Curt Lange, o grande público estava por saber da existência de tamanha fortuna musical.

F. S. NASCIMENTO

(Correspondência, Fortaleza, 21 ago. 1991)

SOBRE BOCA DE CHAFARIZ

A estrutura verdadeiramente caleidoscópica do romance dá ao leitor uma visão tomográfica das gentes e do sentir, e principalmente, das terras de Ouro Preto. Os comentários, se é que podemos chamá-los assim, dos personagens históricos dão à narrativa não só um sabor bem coevo, como, também, uma perspectiva, ao mesmo tempo, pessoalíssima e estruturalmente histórica. Penso que foi um “achado” fantástico. E por sua vez, a centralização dramática assente no temporal, que cataliza todo o enredo romanesco, é, ao meu ver, como que uma verdadeira centripetação da arte de narrar,

Há muito que não me era dado ler, de uma só assentada, um livro que ensina, diverte e, acima de tudo, faz pensar.

CUNHA DE LEIRADELLA

(Correspondência, Belo Horizonte, jan. 1992)

A leitura de *Boca de Chafariz* é presente que se oferece neste Natal àqueles que amam Ouro Preto. Talvez o livro mais interessante escrito sobre a cidade – é história, é crítica, é literatura, é crônica, fantasia, evocação. É conhecimento da terra em seus vários aspectos, e ao mesmo tempo manifestação de um observador arguto e espirituoso, não isento de certo toque satírico. É todo ele um indisfarçável preto de amor.

A narrativa enriquece a literatura brasileira. Não se enquadra em classificação rigorosa, porque extrapola qualquer uma. Mas é peça literária com densidade temática. O somatório de uma vivência de escritor estudioso, que demonstra ter atingido um novo patamar. Ouro Preto, se interpretada dessa maneira, tem muito a dar. Para orgulho dos intelectuais de Minas e prazer imenso daquele que teve ensejo de sentir o fascínio desse rincão privilegiado.

LYGIA MARTINS COSTA

(Correspondência, Rio de Janeiro, 8 jan. 1992)

Boca de Chafariz consegue instituir uma estética da prosa de ficção de raríssima similaridade, ou certamente sem comparativo na literatura nacional. Romance histórico contemporâneo, num ou noutro plano temporal a ação transcorre em plena atualidade. Usando uma técnica de *flash-back* creio que nunca experimentada por outro ficcionista (inclusive o Faulkner), em sua linguagem a cena histórica propriamente não aflora: o narrador e a câmera é que mergulham no passado, criando a ilusão de um presente que está sendo vivido.

Se descendente dessa raça indômita, intelectualmente iluminada e merecidamente gloriosa (da nação mineira), não hesitaria em subscrever, em linha abaixo do seu percuciente autor, a “orelha” desse *Boca de Chafariz*, fruto de mais uma ousada experiência na área da ficção.

F. S. NASCIMENTO

(Correspondência, Fortaleza, 25 jan. 1992)

Original e intrigante esse romance de Rui Mourão onde o autor, que há anos dirige o Museu de Ouro Preto, conta uma história fantásticamente mineira: imagina Ouro Preto sendo destruída por um avassalador temporal e onde figuras que se relacionam com sua história voltam para salvá-la. Misturam-se surrealisticamente Aleijadinho e Rodrigo Mello Franco, Tiradentes e Aloísio Magalhães, os inconfidentes, Guignard, Tarquínio de Oliveira, Edson Mota, Jair Inácio e muitas outras personagens vivas e mortas numa carnavalização da história. É uma narrativa histórica, onde sobretudo os mineiros voltarão aos subterrâneos de sua alma.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA
(*O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1992)

Livro gostoso a começar pelo título, cheio de ressonâncias para quem como eu, mineiro, tem um pedaço (arcaico? ancestral? atual? futuroso?) em Minas e, claro, em Ouro Preto. Bom entendimento fizeram os dois (o estudioso de História e o escritor) que em sua (do autor) natureza o disputam, para esse resultado de juntar e trançar presente e passado, Rodrigo e Aleijadinho (parte que mais me comoveu – monólogo de primeira), pobreza-mordomias e povo/castigos/pobreza, metrópole e colônia, artistas e arteiros, gente livre (para o Mal?) e escravos, pretos e brancos, cafusos, mulatos, as minas que se acabaram nas Minas Gerais. O dramático Orlandino e o pitoresco Bené (“MG acho que fica um pouquinho de lado” – antológico!), a chuva torrencial e a reportagem, a Igreja e a Maçonaria (com o Tarquínio)... tanta coisa. Li, revisitei Ouro Preto, andei pelo passado e cheguei ao presente, nostálgico, enriquecido.

OTTO LARA RESENDE
(Correspondência, 3 mar. 1992)

Esse lance de humor histórico (proporcionado por Luis da Cunha Meneses) quebra um pouco o tom predominantemente dramático das falas dos fantasmas de *Boca de Chafariz*, cujo clímax é sem dúvida o monólogo em que o Aleijadinho visita os anos finais de sua existência terrena. Reduzido a um espantinho de gente pelas progressivas devastações

da moléstia, e escondendo ciosamente do mundo o espetáculo da sua degradação física, ele a transcende e derrota simbolicamente ao fazer mais vigorosos e belos do que nunca os corpos que esculpe na pedra ou na madeira. Nessas páginas de contida mas tocante pungência, Rui Mourão dá sinal da mestria de sua escrita narrativa.

Para o autor de *Boca de Chafariz* a História sembra ser, mais que um registro encerrado onde o vivido se petrificasse em significantes e significados finais, um livro sempre em aberto onde vivos e mortos, ao ajustarem *suas* contas, vão redefinindo sem cessar o sentido jamais definitivo do humano, demasiadamente humano. Nessa ordem de idéias, o capítulo final do romance é um belo achado. Depois de ter assistido na Praça Tiradentes à cerimônia da concessão do título de patrimônio cultural da humanidade a Ouro Preto, Bené da Flauta, enquanto expõe na calçada uma miniatura da cidade que esculpira em pedra-sabão, é sabatinado por um estudante acerca dos heróis e fastos ouro-pretanos. Suas respostas, tanto mais poéticas quanto simplórias, fazem finalmente ouvir, dentro da polifonia de *Boca de Chafariz*, a voz do povo anônimo da cidade.

OSÉ PAULO PAES

(Estado de S. Paulo, São Paulo, 7 mar. 1992)

Ao lado dessas figuras contemporâneas e de tipos populares da cidade, apresentados sob a chuva torrencial que então caía em Ouro Preto, surgem entre os capítulos os espectros de Tiradentes, do Aleijadinho, de Antônio Dias, de Tomaz Antônio Gonzaga, de Cláudio Manoel da Costa, do fundador da Escola de Minas, de Joaquim Silvério dos Reis, de Fanfarrão Minésio e de tantos outros, cada um querendo entregar o seu segredo, revelar os seus sonhos e frustrações em relação a Vila Rica, e sofrendo, na sua carne de fantasmas, o temporal que parece destruí-la.

O historiador e o poeta se dão as mãos ao longo do livro, que se torna uma obra de arte, apesar da quantidade de informações, dados e interpretações que nos apresenta.

DOM MARCOS BARBOSA

(Correspondência, 19 mar. 1992)

Através delas (as personagens) o autor vai traçando um retrato fiel da antiga Capital, desde os tempos de fastígio do ouro até a época atual, das repúblicas estudantis e dos festivais de inverno.

Ao mesmo tempo, esboça quadros históricos com rara felicidade, como, por exemplo, o episódio do Capão da Traição, lembrado sem pormenores pretensiosos, mas com força inegável. Aliás, de não menor força é o tratamento dado à personalidade de Tiradentes e seu heróico sacrifício.

JOSÉ BENTO TEIXEIRA DE SALLES

(Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 mar. 1992)

O universo, a atmosfera ouro-pretana sobrepõem-se, impõem-se ao elemento erudito, o ensaio transmuda-se em pura ficção, o fato histórico converte-se em verdade psicológica, a história em estória. E dá-se a inversão: a vida copia a arte, a cidade não existia, a obra é pretérita, fundou, criou Ouro Preto.

Iniciada a leitura, comecei a anotar capítulos como irretocáveis, mas as anotações perderam significado pela unidade e excelência de todo o livro.

MÁRIO GARCIA DE PAIVA

(Correspondência, 12 abr. 1992)

Boca de Chafariz constitui surpreendente narrativa de Rui Mourão, dentro da qual invenção e investigação se entrelaçam de tal modo que o leitor, seduzido pela inesgotável fruição de episódios, peripécias, dados históricos e crônica de nossos dias, se atordoia com a convivência com capítulos aparentemente desconexos, perdendo-se na selva dos gêneros literários: ensaio? reportagem? romance?

A história e a fantasia alimentam o fluxo verbal e o leitor, preso ao relato, sabe que, no fundo, o que vigora é o eixo narrativo. Todos conhecem como são afins o trabalho do historiador e do ficcionista.

O Naturalismo quis assinar um pacto com o estudo monográfico, a fim de que a ficção representasse um realismo de comprovação indiscutível, indeformável pela imaginação. Vivia-se numa época de fastígio da Ciência e da Técnica. Sonhava-se com o fim dos mitos, não obstante o homem não ter domado ainda o receio da morte.

Passou-se o tempo e já se admite que também a Ciência pode virar Mito, assim como a própria História, cujo relato se vê perpassado por um dos mitos do séc. XX, a Ideologia.

O principal é que tudo, ações reais e imaginárias, idéias próprias e alheias, tenha sido amarrado com tamanho saber e tanta força narrativa pelo autor. Rui Mourão abre um território novo na ficção brasileira.

FÁBIO LUCAS

(Jornal da Tarde, São Paulo, 25 abr. 1992)

Livro admirável que acaba de publicar Rui Mourão, *Boca de Chafariz*. Trata-se de um romance histórico. É antes a ficcionalização da história. Não se sabe onde começa a história e acaba a ficção, ou onde começa a ficção e termina a história.

As páginas do livro são cheias de personagens de Ouro Preto, e pelas suas terras atuais caminham as figuras históricas como se vivas fossem, dando-nos a ilusão de viverem atualmente na cidade. O autor utiliza a fusão do presente com o passado. Pura obra de arte literária por excelência. É uma poderosa obra de ficção.

AFRÂNIO COUTINHO

(Estado de Minas, Belo Horizonte, 30 abr. 1992)

No momento de comentar um livro, vêm à nossa mente aquelas classificações de composição literária: ensaio, romance, novela, memórias, contos, crônicas... de repente a gente acaba de ler o livro, *Boca de Chafariz* de Rui Mourão, tenta classificação, defini-lo e não consegue, porque os bem dotados, os gênios não se submetem a normas restritas.

No mundo agitado de hoje, conseguir elaborar um trabalho de fôlego como *Boca de Chafariz*, só mesmo alguém muito privilegiado nos seus recursos interiores de inteligência e sabedoria e na sua força de realizar: Rui Mourão.

ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
(Estado de Minas, Belo Horizonte, 14 jul. 1992)

Deliciei-me – vou repetir, deliciei-me – com *Boca de Chafariz*, uma das obras mais surpreendentes e originais aparecidas neste país. Esta composição de História, de ensaio e de ficção funciona extremamente bem, e uma das razões é o tremendo domínio do texto, que faz a narrativa fluir de forma notável.

MOACYR SCLIAR
(Correspondência, s/d)

O gesto que esculpe a pedra, a escrita que registra a História, o olhar contemplativo e o povo que imprime sua marca nos espaços criam Histórias. Rui Mourão, ao captar todos esses movimentos, mostra que sob a boca do chafariz escondem-se vários modos de olhar e de existir. Com mãos de mestre, recria a História através da ficção. Sua escrita desvela, de modo peculiar, as histórias de Minas, reconstruídas de formas diferentes por outros textos literários como *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles e *Joaquina, filha de Tiradentes* de Maria José de Queiroz.

Se, por um lado, “o tempo comanda os homens e as coisas”, em seu livro, Rui Mourão, também motivado pela temporalidade, na luta da vida contra a morte, por seu ato criador, transcende esse e outros tempos. No romance *Boca de Chafariz*, o tempo se eterniza.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO
(Revista de Estudos de Literatura, FALE/UFMG, 1993)

O romance de Rui Mourão transita entre o real e o ficcional na reconstrução histórica da cidade, através de uma postura pouco usual

diante da matéria narrada, já explicitada na abertura do romance: as personagens constam do registro civil, mas suas ações são imaginárias e suas idéias pertencem ao autor. Essas personagens, as do monumento e as do documento, são contraponteadas em toda a narrativa, com características que serão esboçadas em seguida. Elas não participam de uma trama, uma estória, em enredo, mas funcionam como documentos ou monumentos da Cidade, pois é esta a grande personagem da narrativa.

(...) Em resumo, pode-se dizer que esses discursos participam da voz literária da cidade (in)visível, isto é, da Vila Rica que jaz colada à Ouro Preto de hoje. São vozes da Memória que retornam como fantasmas que vêem mas não são vistos e que, do alto de sua imortalidade, contemplam um mundo emblemático. Seus habitantes talvez pensem, tal como Kublai Khan na voz de Italo Calvino, que Vila Rica *não passe de um zodíaco de fantasmas da mente*, agora para sempre congelado no Panteão da Humanidade.

LETÍCIA MALARD

(Revista da Faculdade de Letras da UFMG, 13 mar. 1995)

A questão da leitura ou da recepção do romance *Boca de Chafariz* de Rui Mourão perpassa por vários aspectos. Inicialmente cumpre-nos destacar que, em se tratando de uma narrativa da pós-modernidade, esta requer uma crítica atualizada. Instâncias tradicionalmente reconhecidas por eficientes, tais como: autor, originalidade, criação sofrem um deslocamento, e faz-se necessário um redimensionamento ao focar o texto. Uma espécie de “equilíbrio perpetuamente instável” (Sartre) se estabelece no trato destas questões. Numa primeira abordagem, parece-nos que é possível esboçar duas leituras ou duas tendências de leituras. A primeira, de leitores que, em maior ou menor grau, teriam sido testemunhas oculares de alguns fatos históricos ou situações encenados na obra literária; e mais, leitores que teriam conhecido os textos que, uma vez revistos e relidos, compuseram o mosaico de *Boca de Chafariz*.

JEANETE MARIA DAS GRAÇAS LINO SILVA

(Revista Literária da UFMG, Belo Horizonte, 13 mar. 1995)

Vejo, com satisfação, que o romance – que li creio que pouco depois de seu lançamento – chega à 3ª. Edição. E isso com mérito: de mim posso dizer que foi, realmente, das melhores coisas das letras brasileiras nos últimos tempos.

NELSON WERNECK SODRÉ

(Correspondência, Rio de Janeiro, 22 dez. 1995)

Em *Boca de Chafariz*, também o tecido textual é construído com marcas da polifonia musical. *Chafariz* é a imagem revestida de estatuto simbólico, enquanto centro aglutinador e dispersor das águas. Na obra, as águas tornam-se as vozes portadoras das diversas faces da cidade de Ouro Preto/Vila Rica. Como a água, as vozes espalham-se pela cidade. O chafariz configura, assim, o espaço citadino como fonte perene e inesgotável de signos que, em articulações, constroem e reconstroem o imaginário cultural e artístico, em torno da cidade.

O traço polifônico do texto literário, centrado na imagem do chafariz, emerge na variedade de dicções, gêneros, tempos e personagens que *jorram* da escrita. Há, com efeito, marcas da polifonia nas dicções da reportagem, do ensaio, do romance, dentre outras – todas elas amalgamadas em um único enredo.

(...) O que se pode perceber em *Boca de Chafariz*, é a permanência de uma grande estrutura que, à semelhança da polifonia musical, constrói um todo harmônico sobre as diferenças de dicções, timbres e ritmos (temporais).

É dentro desse painel da diversidade e da simultaneidade que o sinal da polifonia faz surgir o *contraponto*. Personagens e tempo aparecem em campos opostos. Segundo o crítico e escritor José Paulo Paes, “os quatro fantasmas” (vozes de Tiradentes, Aleijadinho, Cunha Meneses e Antônio Dias) “interrompem, com seus longos monólogos, a intervalos, a contemporaneidade da narrativa para fazer sentir o peso inarredável do passado de que cada qual representa uma faceta”. (sic) Ainda dentro do mesmo aspecto, o crítico faz alusão ao “iterativo contraponto entre passado e presente, entre vivos e fantasmas” (sic) que a obra apresenta. Tal

comentário reforça, no romance, a permanência de um jogo de contrários que reproduz, na escrita, as articulações características da execução contrapontística de um trecho musical.

É relevante fixar, na variedade de vozes, tempos, personagens e gêneros, o rico manancial de referências artístico-culturais que brota da *boca do chafariz*. Como no acorde musical, as variações rítmicas e sonoras é que proporcionam a amplitude do sentido e, com ela, o prazer estético. Mas há que se considerar, ainda, à vista do manancial que jorra do chafariz, o poder de ressonância da água. Nessa perspectiva, as águas não apenas saem em profusão, como também ampliam o som de seu fluxo na boca do chafariz. A ressonância das águas do chafariz espelha, assim, a articulação, intermediação e extensão de sentidos, nas vozes das diversas linguagens sígnicas que brotam naquela fonte/cidade-Ouro Preto.

AGOSTINHO VIEIRA NETO

(Dissertação de Mestrado, PUC Minas Gerais, 28 mai. 1996)

Em mais uma referência cruzada, Tiradentes e Aleijadinho, as duas sombras da Vila Rica de que fala Manuel Bandeira em seu *Guia de Ouro Preto*, reconstituem-se no romance e dão conta daquilo que é palpável enquanto testemunho do passado – e justamente por serem sombras: impalpáveis, difusas, mas em movimento, vivas. É daí que nasce a foça de Tiradentes. Se seu papel na Inconfidência foi de liderança ou se, ao contrário, foi apenas joguete nas mãos de poderosos conspiradores não tem a menor importância. O que vale é que, numa imagem construída seja por quais caminhos forem, no imaginário popular a Inconfidência se confunde com ele.

É daí também que nasce a força da arte no romance. Assim como o restaurador, homem ligado à arte, consegue resolver com facilidade genuína o problema da impossibilidade de contato direto com o passado, a obra de arte conseguirá se comunicar de forma mais direta com o presente, energizada pela presença criadora daquele que a fez existir do nada. Se alguma possibilidade de comunicação entre diferentes se vê neste romance, é no plano da arte que ela se dá, no plano das coisas que se

mantêm vivas. Daí a relevância de Aleijadinho, sombra móvel a se espalhar por toda a cidade, onipresente.

Como que congregando essas duas forças dentro de si, aparece uma espécie de personagem-síntese do livro, o artista popular Bené da Flauta. Atuando no espaço vivo do presente, nele arte e imaginário popular se fundem, como se os 300 anos de história de Ouro Preto desembocassem naquele tipo que nos lembra os sertanejos de Guimarães Rosa, vivendo em igualdade com os bichos, criando escultura e música com uma consciência que parece vir não dele, mas da própria terra.

Sem guardar qualquer ligação consciente com o passado, Bené vive os vários tempos da cidade e contribui para a criação de mais um desses tempos. Dessa maneira, converte-se em representação viva da idéia de que a preservação do patrimônio não faz sentido enquanto resultado de políticas formuladas por uma elite sem qualquer conexão com o espaço-alvo dessas políticas. Para Bené, Ouro Preto, tal como é, é tudo no mundo. É para ele e por causa dele que Ouro Preto existe, continua fazendo sentido e precisa ser preservada – não como mera atração turística.

Somente nas frases finais é que podemos decifrar a marca que Ouro Preto deixa no texto de *Boca de Chafariz*: uma marca barroca, como não poderia deixar de ser. É uma série de perguntas de um estudante – por excelência o elemento sempre passageiro, mas profundamente integrado nessa sua passagem – para Bené da Flauta. Ao lê-lo, subitamente nos damos conta de que a vida deve ser mesmo sonho. O livro se abre com a ameaça de morte da cidade pelas águas, mas à chuva se segue o atestado de sua permanência, o título de patrimônio histórico da humanidade. Fim, começo, permanência, tudo se mistura.

A final do espetáculo, o que fica para as sessões seguintes é a cidade, presente histórico, cenário ao mesmo tempo mudo e eloqüente porque marcado por aqueles que, de um jeito ou de outro, ali vivendo, deram-lhe vida. Mesmo havendo a morte.

LUÍS BUENO

(*Estado de Minas*, Pensar, Belo Horizonte, 3 abr. 1999)

SOBRE *SERVIDÃO EM FAMÍLIA*

Em alguns momentos, o clima de *Servidão em Família* aproxima-se dos filmes dos italianos Michelangelo Antonioni e Luchino Visconti.

De Antonioni, Rui Mourão herda o gosto pela transformação de seus personagens em espelhos existenciais às voltas com a incomunicabilidade do ser humano ante uma sociedade hipócrita. Do estilo de Visconti, Rui Mourão herda um certo rebuscamento, que pode ser notado na intensa descrição de ambientes aristocráticos, com especial atenção e meticulosidade para com os objetos em cena.

Referências cinematográficas à parte, o autor discute também a condição feminina, embora de forma superficial. É bom lembrar que nem sempre as superfícies são sinônimo de rasura. Ele consegue extrair dos dilemas de Guilhermina parte substancial do extrato temático de seu livro. Ela é apenas um espelho, onde são refletidos desde traumas coletivos até a dificuldade do ser humano em se relacionar com outro.

É possível encontrar também traços de semelhança temática desde livro com um clássico da literatura brasileira, *Crônica da Casa Assassinada*, do falecido escritor mineiro Lúcio Cardoso. Em ambos, a protagonista feminina enfrenta os desmandos de um mundo machista e autoritário, que tem na família uma espécie de símbolo-valise, invólucro de mentiras, catecismo de desamor. Há semelhanças também nas formas em que Mourão e Cardoso descrevem a claustrofobia da drummondiana “vida besta” familiar, com ênfase na descrição dos objetos no despir da alma das personagens.

ALÉCIO CUNHA

(*Hoje em Dia*, Cultura, Belo Horizonte, 29 dez. 1996)

Servidão em Família é o retrato sem retoques de uma instituição falida.

(...) O texto elegante e reflexivo de Rui Mourão passeia pela insensatez e por uma Belo Horizonte dividida entre os muito ricos e os sem nada. O confronto entre classes sociais é patético.

Madame Bovary parece ter sido o modelo no qual se inspirou o autor para compor sua tresloucada personagem feminina. E Sêneca – que nem sequer é citado no livro – poderia estar na epígrafe com sua máxima “uma grande fortuna é uma grande servidão”.

DUÍLIO GOMES

(*Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 jan. 1997)

(...) Defeitos técnicos dessa natureza não se encontram no romance de Rui Mourão, solidamente estruturado em desenvolvimento narrativo exemplar. É obra “literária” no sentido forte e até um pouco artificial da palavra, com diálogos requintados e substancialmente escrita em estilo indireto livre.

WILSON MARTINS

(*O Globo*, Prosa & Verso, Rio de Janeiro, 29 mar. 1997)

A voz do narrador oscila muito rapidamente, várias vezes num mesmo parágrafo, falando de fora e de dentro das personagens. Com esse contraste sutil, mas constante, a banalidade da visão de mundo dessas figuras acaba saltando à vista do leitor, e a visão crítica do narrador se coloca sem a necessidade de julgar explicitamente suas criaturas.

Dessa forma, ganha significação a maneira pela qual a narrativa se desenvolve temporalmente. O passado aqui não surge como evocação, mas como elemento integrado ao presente, de forma que somos levados, quase sem perceber, a uma estrutura circular. Mas não se trata de um círculo perfeito. De novo pelo contraste, o narrador mostra que a história da tentativa de suicídio pode ter as pontas atadas, mas a história de suas causas, não. O passado e o presente se relacionam, mas não se encontram em harmonia. Assim, o tempo é mais um elemento a indicar que *Servidão em Família* é fruto da grande consciência artística de seu autor.

LUÍS BUENO

(*Folha de S. Paulo*, Mais!, São Paulo, 20 jul. 1997)

Causa espanto que, transcorrendo toda a ação da obra em Belo Horizonte e levando a cabo o autor um verdadeiro desmonte das contradições da sociedade ali radicada, não tenham concentrado os refletores da análise no exame dessa criação sob todos os ângulos admirável.

O fato concreto é que se trata de um romance de fôlego, mais do que ambicioso. Observo a crescente audácia do autor a vergastar a glacial classe dominante que continua a dar as cartas no tabuleiro indígena. Rui Mourão não vacila em empregar o sarcasmo corrosivo, demolidor (pág. 162), não se detendo até ante a caricatura magistral de um figurão de Minas!

(...) A técnica que utiliza com narrador onisciente alcança rendimento ótimo. A estória flui. A diversidade das personagens conserva o leitor preso. A recriação da paisagem, a perícia nas descrições variadas, a tensão, o ritmo do entrecho, magnetizam o interesse. O domínio da linguagem, a opulência vocabular, a agilidade da expressão ocupam o primeiro plano. O romancista apresenta-se seguro, dono do *métier*.

(...) Não é menor a surpresa ante o esmerado conhecimento exibido da interminável variedade de afazeres e de produtos da ação humana.

(...) Um Proust das Alterosas – vem-me a tentação de crismar o autor, atento igualmente para o esconderijo interior de suas personagens, focalizadas no fausto de seres privilegiados por inesgotáveis recursos materiais.

Nada lhe escapole. Certoiro o devassamento dos conflitos, o escancarar do antro sombrio onde porfiam apetites escusos e impulsos inconfessáveis.

(...) Um grande sábio, também francês – Langevin – plasmou um conceito da minha máxima predileção: *La structure engendre*. Rui Mourão, com sua arte, criou uma estrutura. Ela engendrou muitas coisas, entre as quais uma nova maneira de encarar a vida, uma visão mais alta. Talvez sem incluir isso nos seus intentos, ele proferiu uma condenação, uma sentença.

Depois de ter visto, no Museu do Prado, com amoroso desvelo, revi recentemente em Brasília – até munido de lupa – a obra inteira de gravador desswe gigante que atendeu pelo nome de Francisco de Goya y Lucientes.

Mestre incontestável de sua arte, soube desferir o seu látego terrível contra toda uma ordem social estúpida. Clero, nobreza, poder real, prostituição, exploração de menores, fome – nada subtraiu-se à sua fúria lapidadora.

Sem descair, um instante sequer, no apuro de seus recursos supremos, articulou com voz poderosa o mais veemente protesto que reboou no século em favor do Homem.

É com emoção que aproximo o feito de Rui Mourão do rasgo do colosso espanhol.

A crítica literária não tem outro jeito senão proclamar: uma obra de arte e um ato de bravura o romance desse mineiro.

OSWALDINO MARQUES

(Estado de Minas, Pensar, Belo Horizonte, 21 fev. 1998)

É impossível alguém se desinteressar por um livro como *Servidão em Família*. Se lê e se relê, ficando com os personagens na cabeça. Como se nos perseguissem. O que botou neles? Certamente todo o seu talento de romancista.

WILSON CHAGAS

(Correspondência, Porto Alegre)

SOBRE INVASÕES NO CARROSSEL

O exercício proposto pelo romance – e não devemos nos furtar à tentação – é a quase inevitável comparação entre duas individualidades: a do guerrilheiro e a do ex-presidente. Lamarca sugere a recusa total do indivíduo em prol da causa coletiva; Collor parece representar o espírito desenfreado do “laissez-faire, laissez-passé” de forma aguda aplicado à locupletação. O “canto” que aqui encontramos é menos otimista: retrata impiedosamente a impotência do indivíduo diante do desenrolar dos fatos, seja uma rajada de metralhadora ou uma avalanche de denúncias.

A paródia, aquela que beira à sátira e ao escárnio, carrega seus tons em duas personagens: Carminha Monteiro e o jornalista Fritz Teixeira de Salles. A mulher que se apaixona pelo candidato das elites na primeira eleição direta para presidente pós-ditadura militar talvez seja a vingança contra os milhões de votos cegos pela beleza anabolizada daquele arremedo de político ou de líder. O certo é que seu campo de ação e influência sobre aquela parcela do eleitorado restringia-se exclusivamente à imagem. Teixeira de Salles é a vingança contra a turma do quarto poder, a paradoxal mas indispensável imprensa.

A característica que perpassa o discurso de boa parte das personagens é a perplexidade. Era esse o sentimento de todos ao súbito e inusitado término do domínio nacional da “república das Alagoas”. A reação de Carminha Monteiro – curiosamente soa de forma semelhante a algum nome de “socialite” – ao ver fechar-se o cerco ameaçador sobre seu “amado”, ecoa numa outra versão feminina de Dom Quixote. Não se lança contra moinhos, vai à contramão da turba de bandeiras vermelhas e “caras-pintadas” que dominam por completo as principais avenidas dos centros urbanos.

ADÉLCIO DE SOUZA CRUZ

(*Suplemento Literário*, Secretaria de Cultura de Minas Gerais, jan. 2001)

O livro remixa o inglês Lawrence Sterne de *As Aventuras do Cavaleiro Tristam Shandy* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Como nestes romances, o narrador de Mourão é um morto, no caso, um defunto conhecido, o capitão Carlos Lamarca, emblema da luta contra a ditadura militar nos anos de chumbo. Assassinado por agentes da repressão, Lamarca, um dos principais líderes da luta armada no Brasil, passeia pelas 350 páginas do romance.

Não é uma leitura tranqüila. Os leitores encontrarão pela frente reflexões e descrições de um período amargo da história recente brasileira, com a tortura nos porões, a censura nos jornais e a desinformação e desinteresse da população ludibriada com os milagres econômicos e facilmente manipulada. Rui Mourão consegue burilar sua narrativa de forma intensa, mantendo o fôlego sem cair na cilada das repetições.

A fusão entre o real e o ficcional é outra qualidade do livro, que possui ainda ingredientes cinematográficos, como a montagem que alicerça seu contexto narrativo, deixando espaço para algumas margens e labirintos, todas elas habitadas pelo sentimento especial da História, amálgama de seres e sombras. Rui Mourão pesquisou bastante a biografia de Lamarca. Cada detalhe é minuciosamente aproveitado na narrativa. Tanto é que as liberdades ficcionais do autor, em alguns momentos, estão tão próximas do fio verossímil da história que não dá para perceber as diferenças, tamanha a sutileza de Mourão.

Catando o pó cósmico da história, Mourão não tem medo de cutucar feridas ainda não cicatrizadas. O conteúdo de seu livro é supra-ideológico e não corre o risco de desabar no desfiladeiro dos tons panfletários. Trata-se de uma sinfonia regida por um maestro-personagem (Lamarca) e seus anseios e reflexões ante ao futuro. A própria sobrevivência literária do guerrilheiro morto já é um sinal inequívoco da crença de Mourão na utopia.

ALÉCIO CUNHA
(Plural, *Hoje em Dia*, 4 nov. 2001)

O primeiro (Carlos Lamarca), no decorrer do romance, representa as massas populares, pela qual luta e entrega a sua vida, enquanto o ex-presidente (Fernando Collor), como não poderia deixar de ser, é o porta-voz da elite dominante do país. O novo livro de Rui Mourão traça ainda um vasto painel de acontecimentos que foram marcantes no século passado, não só no Brasil, mas em todo o mundo, como a queda do Muro de Berlim e a falência do socialismo. Para Wander Melo Miranda, professor de Teoria da Literatura na UFMG, Rui Mourão, em *Invasões no Carrossel*, se aproveita dos elementos de natureza de filme policial do governo Collor de Mello para, a partir daí, dar a eles uma dimensão que vai além dos próprios acontecimentos, que giram em torno do poder e da corrupção”.

De acordo ainda com o professor, o romancista Rui Mourão, em todo o seu trabalho, “vem primando ainda pelo extremo cuidado com que trata a linguagem, além da preocupação em se deter em fatos relevantes

da história do país, como vem acontecendo desde que publicou *Boca de Chafariz*, em 1992”.

CARLOS HERCULANO LOPES
(Cultura, *Estado de Minas*, 24 nov. 2001)

Toda a história se inscreve sob o signo da fatalidade (no sentido etimológico da palavra), pertencendo aos domínios da tragédia grega, em que, na lição aristotélica, os heróis são punidos sem serem completamente culpados, nem completamente inocentes. Essa dimensão interpretativa tem faltado nas análises do período e dos protagonistas, para nada dizer das perspectivas maniqueístas em que foram simplisticamente enquadrados pela visão farisaica dos julgadores que tiveram, afinal, o poder de decisão. (...) Tragédia que Rui Mourão recompõe com arte narrativa consumada, além, bem entendido, do estilo de alta qualidade literária. É uma história de proveito e exemplo, como se dizia antigamente, perfeito paradigma de corrupção e ambições inescrupulosas, na qual os próprios agentes acabam envolvidos e destruídos por suas invenções; os deuses enlouquecem os que desejam perder. Cada situação sem saída obriga a congeminar outra, ainda mais imaginosa e auto-destruidora.

WILSON MARTINS
(Prosa & Verso, *O Globo*, 1 jun. 2002)

Narrativa sobre a Era Collor, na qual História e literatura se articulam e se mesclam, tem como protagonista o ex-presidente, em impressionante recriação. O escritor, munido da competência do ficcionista experiente e de farta documentação, consegue tornar o leitor personagem-testemunha, participante de uma era que a História não esquecerá.

O carrossel, encanto infantil indispensável no parque de diversões, com seus cavalinhos ou carrinhos girando em torno de um eixo, ao ser invadido metaforiza a brincadeira trágica que foi o Brasil collorido.

Fernando é esse eixo, ao redor de quem gira, por sua vez, uma nação ordenada pelos fazendeiros-cavaleiros e pelos industriais bem

motorizados. A nação é vista como parque de diversões, maravilhada e bem comandada e lhe dá uma astronômica quantia de votos. A representação do protagonista, ponto alto do romance, faz-se moldada nas figuras dos heróis das crianças ou dos jovens. São eles que adoram carrossel.

Paralelamente à narração dos episódios históricos, o autor aciona duas técnicas de inserção de fatos e personagens: desloca no tempo criaturas reais mortas e inventa novas personagens. As primeiras tiveram atuação política em outro contexto e vêm colaborar nesse novo contexto. As segundas são inteiramente ficcionalizadas, mas com toda a possibilidade de existência real.

Outras invasões nesse carrossel são as denúncias de Pedro, irmão do presidente, bem como o inconformismo popular, representado sobretudo pelos estudantes caras-pintadas, inconformismo que toma conta das ruas e é decisivo para o *impeachment*. E, correndo por fora, avulta-se a figura de Luiz Carlos dos Santos no escândalo dos anões do orçamento.

Creemos que o propósito de Rui Mourão é levar o leitor a refletir sobre o que vem acontecendo neste país, a partir da segunda metade do século passado. Tirar lições desse passado e procurar nele explicações para o presente e ameaças para o futuro será tarefa do leitor.

LETÍCIA MALARD

(Prosa & Verso, *O Globo*, 27 jul. 2002)

O guerrilheiro Carlos Lamarca, nome de impacto na história recente do Brasil, é personagem de *Invasões no Carrossel*, de Rui Mourão, ensaísta e romancista premiado com *Boca de Chafariz* (1992). Morto pelas forças oficiais, inicia e encerra a narração reflexiva, para contar a morte da amante e a sua própria morte. Fernando Collor de Mello é o outro nome que se transfunde em personagem de ficção nesse mesmo carrossel de vozes giratórias. O tom é cambiante e profético. O livro abrange a campanha, o curto mandado presidencial e a deposição de Collor e seus aliados. Nomes conhecidos e inventados tornam-se igualmente personagens. Realidade e ficção querem fundir-se.

As tonalidades modulam-se segundo as várias personagens e a voz espectral de Lamarca, um tanto hamletiana. O nome e a presença de Collor aparecem ainda no primeiro capítulo, na consciência do capitão, como “um nome para lembrar que no Brasil a história continuará se repetindo”. Collor tem a instabilidade de uma personagem obstinada e caótica. Beira a alucinação, por droga, na obsessão por um trono imperial. Esgares macbethianos aparecem quando da destituição.

Maior rendimento introspectivo é atingido através das situações de mergulho nas personagens que giram a cada mudança de capítulo. Mas alguns capítulos mostram a condução tênue de um narrador geral, jornalístico e ao mesmo tempo épico. Distanciado dos fatos para pensar sobre eles, e próximo o suficiente a ponto de procurar envolver o leitor.

Sem saber se ressuscitou ou não morreu, “Carlos Lamarca” nomeia a voz da personagem de Rui Mourão engendrada à maneira dos mortos atuantes do mexicano Juan Rulfo. Uma sobrevivência restada, “interminável ascese da construção do homem pelo homem” ou um espectro pensante de Lamarca vem à cena romanesca para conferir o ser, o não-ser e as questões de uma nova ordem. E essa nova ordem transita sem direção por entre domínios tradicionais de esquerda, centro e direita, em mutante “posição de povos e países, de forças e mandos, como se uma avalanche houvesse levado de roldão o apoio de um equilíbrio”.

Fantástico, absurdo e “nonsense” são recursos encontrados em equilíbrio, no plano do romance. Na fatura da obra, o uso de cartas, diários e toda a sorte de escrita pessel encontrada em romances como “Crônica da Casa Assassina”, de Lúcio Cardoso, e “Boquinhos Pintadas”, de Manuel Puig, é material reciclado com êxito por Mourão.

CLÁUDIO LEITÃO

(Jornal de Resenhas, *Folha de S. Paulo*, 10 ago. 2002)

COLEÇÃO

E N C O N T R O
C O M E S C R I T O R E S
M I N E I R O S

Coordenador
Wander Melo Miranda

- | | |
|--------------------------|--|
| 1. <i>AFFONSO ÁVILA</i> | por Antônio Sérgio Bueno |
| 2. <i>AUTRAN DOURADO</i> | por Eneida Maria de Souza |
| 3. <i>ABGAR RENAULT</i> | por Solange Ribeiro de Oliveira
e Affonso Henrique Tamm Renault |
| 4. <i>DARCY RIBEIRO</i> | por Haydée Ribeiro Coelho |

Coordenadora
Haydée Ribeiro Coelho

- | | |
|---------------------------------|---------------------------|
| 5. <i>LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO</i> | por Maria Esther Maciel |
| 6. <i>RUI MOURÃO</i> | por Haydée Ribeiro Coelho |

A Coleção "Encontro com Escritores Mineiros" foi iniciada e planejada pelo professor Wander Melo Miranda que a coordenou até 14 de novembro de 2000. A partir dessa data, a coordenação da Coleção foi assumida pela professora Haydée Ribeiro Coelho.

ENCONTRO COM ESCRITORES MINEIROS tem como objetivo sistematizar, através do depoimento de seus mais significativos representantes, o perfil de certa parcela da produção literária brasileira, contribuindo, assim, para a preservação da memória cultural de Minas Gerais.

Cada volume contém o relato da experiência intelectual dos autores escolhidos, o comentário crítico à sua obra, além de rico material iconográfico.

ISBN 85-87470-58-2



9 788587 470584 >